

Padre João Maria Haw

Padre João Maria Haw

Fundador
das Irmãs de S. João Baptista e de Maria Rainha
e dos Missionários de S. João Baptista



Província Portuguesa
das Irmãs de S. João Baptista e de Maria Rainha

Edição e propriedade

Província Portuguesa
das Irmãs de S. João Baptista e de Maria Rainha
Casa da Rainha do Mundo
Rua Nossa Senhora Rainha
6290-337 Gouveia - Portugal
Telefone: 238 492 170
Fax: 238 491 952
casarainha.mundo@sapo.pt
www.irmasjbaptista.org

Tradução

Assunção Osório

Prefácio

Conceição Fernandes

Revisão

Manuel Barbosa

Grafismo

Manuel Costa

Tiragem

5000 exemplares

Depósito legal

402888/15

Impressão

Gráfica Almondina
Zona Industrial
2354-909 Torres Novas
Tel. 249830130
Fax: 249830139

Prefácio

Referenciar o Padre João Maria Haw nos dias de hoje é apelar à renovação, à descida às origens, à caminhada para as fontes, onde o Servo de Deus ganhou forças para trabalhar com entusiasmo e alegria, fazendo com que o reinado de Cristo se estabelecesse no coração da sociedade.

Cativado pelo seu grande amor à Eucaristia, ao Apostolado e à Devoção Mariana, dedicou-se inteiramente à pregação, à escrita, à imprensa, a casas de recuperação de alcoólicos, marginais e pobres do seu tempo.

Para levar a bom termo a sua missão ao serviço do Reino de Cristo, fundou dois Institutos de Vida Consagrada: as Irmãs de S. João Baptista e de Maria Rainha, aprovadas canonicamente em 1929, e os Missionários de S. João Baptista, em 1948. Queria que os seus membros fossem restabelecidos na dignidade de filhos de Deus, como “instrumentos da misericórdia de Deus”.

O Padre João Maria tinha um cuidado especial pelos doentes e um apreço particular pela missão dos leigos, chamados à santidade e ao apostolado, organizava cursos e retiros de formação para aprofundamento da fé, trabalhava com sacerdotes, pessoas consagradas e leigos em atitude de missão partilhada.

Homem de grande envergadura espiritual, no meio de sofrimentos e contrariedades ao ver as suas obras destruídas pela Segunda Guerra Mundial e os seus membros dispersos em campos de concentração e outros, recomeçava de novo, sempre com plena confiança na Divina Providência. Colocando todas

as suas obras sobre a proteção de Nossa Senhora Maria Rainha, conseguiu recuperar e reconstruir as obras que lhe tinham sido confiscadas e mesmo destruídas. Via na Mãe Imaculada a expressão e o reflexo da bondade e da proximidade de Deus.

Viveu tempos muito difíceis de confronto entre protestantes e católicos, e entre o regime nazi e outros sistemas políticos, mas nunca se afastou da sua inspiração evangélica: “Bondade, bondade, bondade, apesar de tudo! O amor conquista os corações”.

Como S. João Baptista, foi uma voz profética a testemunhar a presença do Messias no mundo e a pregar a mudança de costumes e de mentalidades. Pela oração e pelo testemunho de vida, procurava desafiar os poderes e as estruturas sociais e religiosas que tinham uma visão redutora da dignidade e da liberdade da pessoa humana.

O presente livro pretende mostrar o espírito e o entusiasmo do Padre João Maria Haw em trabalhar cada vez mais para a maior glória de Deus e expansão do seu Reino.

Somos convidados a descobrir e captar o espírito que levou este «homem de bênção» a responder aos desafios da sociedade do seu tempo. Procuremos mergulhar na profundidade da sua vida íntima, onde se encontrava com Deus e donde saía mais purificado para construir um mundo novo.

Sintonizados com o Ano Santo da Misericórdia proclamado pelo Papa Francisco, sentimo-nos agraciados pelo segredo da vida do Padre João Maria Haw, unificada pelo fio de ouro bem expresso no seu lema: “Cantarei eternamente as misericórdias do Senhor” (Salmo 88,2).

Acolhamos no coração a misericórdia de Deus, invocando a sua bênção por intercessão de Nossa Senhora de Fátima que, desde o princípio, dirigiu e guardou a obra do Padre João Maria Haw em Portugal.

Nascimento e infância

Ambiente religioso da época

O Padre João Maria Haw nasceu a 26 de maio de 1871 em Schweich, à beira do Rio Mosela, perto de Trier, a cidade mais antiga da Alemanha. Foi batizado no dia seguinte, recebendo o nome de João Carlos; mais tarde, passará a assinar com o nome de João Maria. Nesse tempo, Schweich era uma aldeia com 2600 habitantes, onde se mantinham ainda intactas as três grandes colunas cristãs: a família, a escola e a Igreja.

Os pais de João Carlos, Pedro e Bárbara Haw, eram lavradores abastados. Dos oito filhos que tiveram, João foi o segundo. A mais velha, Maria Ana, morreu com tenra idade, ficando João Carlos a ser o filho mais velho. Também ele era uma criança franzina; receavam que não vivesse muito tempo, mas lá foi crescendo, tendo a atmosfera da infância grande importância na formação do seu carácter. O seu pai, Pedro Haw, natural de Bekond, era um homem sério e trabalhador, de índole calma e enérgica. Não falava muito, mas tinha sentido de humor. Tal como o sogro, foi eleito para a fábrica da Igreja e apoiava fielmente o pároco de Schweich. A mãe, Bárbara, natural de Schweich, é descrita como uma mulher enérgica, pequena de tamanho, de natureza calma, maternal e afetuosa, profundamente piedosa e com grande espírito de oração. Reinava na família uma sã atmosfera religiosa. Todos os dias se rezava o terço em comum.

João herdará dos seus pais qualidades preciosas: a calma, o impulso para o trabalho e o espírito de oração.

Todos os anos se organizava em Schweich uma peregrinação à igreja de Eberhards-Klausen, onde ainda hoje se venera uma co-movente estátua de Nossa Senhora das Dores. Certamente que o jovem João Carlos aí orou, pedindo as forças necessárias para poder estudar e, mais tarde, a saúde suficiente para chegar, pelo menos, a receber as ordens menores. Durante toda a vida, recordará com gratidão os seus encontros com a Senhora das Dores, na igreja de Eberhards-Klausen.

Mas a Igreja na Alemanha estava a atravessar uma grande crise. Vivia-se numa época de desentendimento entre o Reino da Prússia e a Igreja Católica, a chamada “Kulturkampf”. Muitos bispos tinham sido depostos e as instituições católicas eram sujeitas a grandes reformas.

Os jesuítas foram expulsos do país e todas as ordens e congregações que não se dedicassem ao tratamento de doentes foram proibidas.

Quando João Carlos nasceu, em 1871, há 30 anos que o arcepreste Jakob Becker era pároco em Schweich e um pároco muito zeloso. Ao longo de duas gerações (de 1841 a 1877, ano em que faleceu), saíram dessa paróquia umas vinte vocações sacerdotais e incontáveis vocações religiosas. Aí viveu o tempo difícil da “Kulturkampf”. As chamadas “Leis de Maio”, de 1873 e 1874, davam ao Reino da Prússia, no qual estava também incluída a diocese de Trier, o direito de controlar a instrução dos sacerdotes católicos, cuja colocação só era válida com a autorização do presidente maior.

Os bispos e a maior parte dos sacerdotes rejeitaram essas leis e não as seguiram, não tardando a fazerem-se sentir as consequências: multas, prisões e até expulsões do Reino! O bispo de Trier (Eberhard) esteve dez meses na prisão. O Seminário Menor, chamado “Knaben Konvikt”, assim como o Seminário Maior foram encerrados. Muitas paróquias estavam sem pároco. Foram sus-

pensos todos os débitos do Estado às dioceses. Mas os católicos permaneceram, fielmente, ao lado dos seus bispos e sacerdotes.

O pequeno João Carlos apercebeu-se dessas agitações no tempo da sua infância. O Padre Thielen, coadjutor na sua terra, foi multado cinco vezes seguidas. Como não pagou, esteve seis meses preso. Em setembro de 1875 (João tinha quatro anos), foi recusado o requerimento do sacerdote Franz Max, recém ordenado e natural de Schweich, para celebrar a missa nova na igreja paroquial. Mas de manhã cedo, enquanto o pároco celebrava a Eucaristia, chegaram à igreja os seus parentes; a igreja foi fechada e ele celebrou a sua primeira missa. Como foi denunciado, multaram-no em trinta marcos ou seis dias de prisão.

No ano de 1877 o pequeno João Carlos, com seis anos de idade, começou a frequentar a escola primária da sua terra. Como o número de alunos aumentou muito nesse ano (413 ao todo), teve de ser formada uma nova classe, que funcionava no hospício; ficaram assim seis classes, com quatro professoras e dois professores. A profissão de professor primário nessa altura e em certa medida ainda há pouco tempo, era considerada como um chamamento sagrado, que levava muitas professoras a ficarem solteiras toda a vida.

Apesar da revolução social e cultural, que tentou banir a influência do clero da vida do país, a catequese fazia parte dos estudos escolares e a atmosfera cristã impregnava a escola primária. Heinrich Friedrich, o diretor da escola de Schweich, era um bom católico e o seu espírito de fé foi, certamente, benéfico na orientação dos alunos. Em 1903, oito anos depois da ordenação do Padre Haw, foi por sua vez ordenado o filho mais novo desse bom diretor.

A aldeia de Schweich fica situada a dez quilómetros de Trier (Treveres), a cidade mais antiga da Alemanha e um dos primeiros centros cristãos. Chamada “a Roma da Alemanha”, a sua diocese

foi estabelecida por Santa Helena, mãe do Imperador Constantino, pouco depois do ano 300. Além dos monumentos romanos, bem conservados, distingue-se pelas seculares peregrinações à Sagrada Túnica de Cristo, conservada na antiga Catedral.

João Carlos era um rapazinho de saúde débil, que não seria capaz de aguentar o trabalho do campo. Os médicos chegaram até a aconselhá-lo a não prosseguir os estudos liceais, tão pouca esperança tinham de que vivesse muito tempo.

A experiência de morte na própria família também não era animadora: o seu irmãozinho José, que tinha nascido a seguir a ele, morreu aos cinco anos e, dois anos mais tarde, nasceu e morreu o pequenino Pedro, que só teve um mês de vida. Mas o nosso João já tinha decidido o caminho que seguiria na vida: seria padre! Segundo revelou mais tarde o seu irmão mais novo, Matias, já desde os seis anos que tinha tomado essa decisão.

Dirigia-se firmemente para o seu objetivo, ultrapassando as dificuldades, que a sua saúde débil fazia surgir, com aquela energia que sempre o acompanhará. Seguiu a inspiração do Espírito Santo, confiando plenamente na ajuda de Maria e na intercessão dos santos. Também não lhe faltou o exemplo estimulante dos sacerdotes da sua região que, no tempo difícil da “Kulturkampf”, mantiveram a sua fidelidade à Igreja à custa de muitos sacrifícios.

A seguir aos estudos primários, como João era um aluno muito dotado e piedoso, que continuava firme na sua decisão de vir a ser sacerdote, os seus pais, apesar dos sacrifícios que previam, permitiram-lhe que se preparasse para entrar no liceu.

O coadjutor Schmitt e, mais tarde, o coadjutor Stein ajudaram-no nessa preparação, dando-lhe lições de Matemática e de Latim.

Aos treze anos, em 1884, entrou no liceu Frederico-Guilherme, em Trier. O aluno João Carlos Haw era um rapazinho como muitos outros, que tomava parte nos jogos e na alegria dos companheiros. O seu temperamento colérico fazia-se por vezes notar, segun-

do contará mais tarde Matias, o seu irmão mais novo. No entanto, João continuava a ter uma constituição franzina e doentia. Os colegas chamavam-lhe “o nosso Joãozinho”. Gostava, por vezes, de estar sozinho, seguindo o curso dos seus pensamentos. A sua irmã Eva Bárbara conta que ele gostava de estudar em cima de uma noqueira e que sabia muito mais sobre as constelações de estrelas do que sobre a vida de lavoura.

Continuava o desentendimento entre o Reino da Prússia e a Igreja. Desde agosto de 1873 que o Seminário Menor de Trier estava encerrado; o pedido que os antigos alunos (sacerdotes e leigos) fizeram, por escrito, para que essa lei fosse revogada, não foi atendido. Em janeiro de 1874, também o Seminário Maior foi encerrado.

Depois da morte do bispo Eberhard, em 1876, a diocese de Trier esteve durante cinco anos sem bispo.

Só mais tarde é que o governo prussiano reatou os diálogos diplomáticos com a Santa Sé e reconheceu Michael Felix Korum como bispo de Trier. O Papa Leão XIII sagrou-o em Roma, em agosto de 1881, e um mês mais tarde foi a tomada de posse em Trier.

Na sua viagem de comboio de Strasbourg para Trier, passando por Mainz e Koblenz, o novo bispo foi entusiasticamente aclamado, em todas as estações, pelo clero e pelo povo católico. Ele sabia as dificuldades que o esperavam, depois da grande tensão que reinara entre os católicos e o governo: na sua diocese, 250 sacerdotes tinham sofrido penas de prisão; o bispo que o precedeu esteve também preso; e todo o clero tinha sofrido, durante sete anos, o tormento da fome!

No ano seguinte, em 1882, foram finalmente restabelecidas as relações diplomáticas entre o Reino da Prússia e a Santa Sé.

Em 1885, Schweich recebeu a visita apostólica do seu bispo, que administrou, a 15 de junho, o sacramento do Crisma na igreja paroquial de S. Martinho.

Entre os crismandos encontrava-se o nosso João, que tinha nessa altura catorze anos de idade.

Foi, certamente, o primeiro encontro que teve com o seu bispo, o primeiro de muitos que se seguirão ao longo dos anos. O bispo Korum virá a ser um dos seus grandes amigos e a elogiar, muitas vezes em público, as suas qualidades.

Mas nesta altura ainda João frequentava o liceu. No ano seguinte, 1886, o Seminário Menor pôde finalmente reabrir, depois de um interregno de treze anos. Como havia um número muito elevado de inscrições, foram admitidos os que tinham melhores notas. Entre a lista de nomes dos alunos, pode ler-se: João Haw, de Schweich.



HIER WURDE AM
26. MAI 1871
JOHANNES
MARIA HAW
GEBOREN
ORDENSSTIFTER
GRÜNDER DES
SOZIALKARITA
TIVEN WERKES
DES JOHANNES
BUNDES



No Seminário

A caminho do sacerdócio

Numa manhã de outono de 1886, João Carlos pôs-se a caminho em direção ao paço episcopal de Trier, acompanhado dos seus pais e da sua irmã Eva Bárbara, três anos mais nova. Tratava-se da sua entrada no Seminário Menor, onde ficaria interno juntamente com outros 56 rapazes, sob a direção de um sacerdote experiente.

Quando passou o portão do Seminário, uma imponente construção de granito, foi rodeado por um grupo de rapazes a quem foi apresentado pelo Reitor, o Padre João Bernardo Endres. Encontrava-se, finalmente, na casa a que tinha aspirado desde os mais tenros anos.

No Seminário Menor continuará a ser o “Joãozinho” discreto, bom colega e estudioso. Encontrará no seu Reitor um sacerdote muito compreensivo e no Vice-Reitor, Padre Francisco José Becker, um elo de ligação com a sua terra, pois também ele era natural de Schweich.

A sua saúde débil continuará a dar preocupações; o médico assistente do Seminário chega a aconselhá-lo a abandonar os estudos e, a certa altura, tem mesmo de parar durante cerca de cinco meses, para restabelecer as fracas forças. Mas a sua força de vontade e a convicção de ter sido chamado por Deus para o sacerdócio eram maiores que a debilidade física. João prossegue, sem hesitar, o seu caminho em direção à meta.

A 28 de fevereiro de 1890 termina os estudos liceais entrando,

a seguir à Páscoa, no Seminário Maior, que também tinha sido reaberto em 1886.

O bispo Korum tinha conseguido um excelente grupo de professores, que garantia aos alunos uma sólida formação científica e ascética.

Infelizmente, não temos documentos escritos sobre o tempo que passou no Seminário, porque João nunca fala de si próprio. A sua alma vive sempre uma vida tranquila, modesta e recolhida.

Só colecionando muitos pequenos factos e servindo-nos dos apontamentos que existem sobre os costumes da época e dos testemunhos dos que com ele viveram é que podemos compor uma imagem da maneira como decorreu a sua infância e a sua juventude.

Um seu contemporâneo, o Papa João XXIII, escreveu as “Regras de Vida” sobre o tempo de Seminário em Bérgamo, na Itália. Servindo-nos desses apontamentos, podemos ter uma ideia de como era, nesse tempo, a disciplina espiritual do Seminário de Trier, pois todos os Seminários da Europa se orientavam pelo mesmo padrão.

Segundo um decreto do Concílio de Trento, os seminaristas deviam levar “uma tal vida que desse, por todo o seu procedimento, atitudes, palavras e tudo o mais, uma impressão de seriedade, equilíbrio e temor de Deus...”

“As suas ações deveriam suscitar respeito em toda a gente... A base mais importante era a escolha de um diretor espiritual sábio, exemplar e prudente, em quem pudessem ter plena confiança, e cujos conselhos e orientação deviam ser seguidos sem reserva”. Nas “Regras de Vida”, o Papa João XXIII menciona as regras práticas que os seminaristas deveriam cumprir. Destacamos algumas:

- Diariamente, ao levantar, pelo menos 15 minutos de oração da manhã. Se possível, participação na Santa Missa.

- Ter um horário pessoal, dividindo as horas do dia para a ora-

ção, estudo, exercícios de piedade, alimentação, sono, etc., e submetê-lo à aprovação do diretor espiritual.

- Confissão e comunhão semanais (nesse tempo, não era ainda permitida a comunhão diária).

- Mensalmente, dispor de um dia para recoleção espiritual.

- Praticar sempre o amor e o perdão, ajudar os pobres, não amar o dinheiro, etc.

Pode parecer-nos que esta piedade envolve um certo grau de formalismo, mas não podemos encontrar nada de puritanismo nessa disciplina espiritual vigorosa que conduziu o Padre Haw à sua vida heroica, observando fielmente, durante toda a vida, as regras espirituais que se propunha.

No Seminário Maior o “pequeno João” continua a ter que lutar com a sua fraqueza física. Foi-lhe permitido, para fortalecer um pouco a sua saúde, passar diariamente algum tempo no jardim, ao ar livre. Receando não conseguir chegar ao sacerdócio, João pediu nessa altura, ardentemente, a Deus e à Senhora das Dores em Klausen (o local de peregrinação da sua infância), a graça de chegar, pelo menos, a receber as ordens menores. E realmente, quando o seu curso, em 1892, recebeu as ordens menores, João encontrava-se no meio deles. Entrava assim, segundo o seu desejo, na ordem eclesiástica. Nem o pai, nem a mãe, nem os irmãos o tinham impelido para o sacerdócio: Deus tinha batido à sua porta e ele acolhera-O com amor no seu coração, disposto a vencer todas as dificuldades que encontrasse pelo caminho. Desde os mais tenros anos, nunca teve a mínima tendência para seguir outra carreira.

No Seminário Maior deixou a seguinte impressão: “Não se põe em evidência, prefere ficar na sombra. Está sempre alegre e bem-disposto, pronto a colaborar em brincadeiras sãs”. João fazia, aliás, parte de um curso famoso, destacando-se entre eles o Bispo au-

xiliar Mönch e Nicolau Bares, que veio a ser bispo de Hildesheim e depois de Berlim. Este último era um grande amigo de João, e várias vezes foi com ele a casa, a Schweich, segundo conta a sua irmã Eva Bárbara. Com todos os seus colegas de curso, João permanecerá toda a vida em



boa amizade. Durante os estudos teológicos, o seminarista João Haw pôde beneficiar de uma das bolsas de estudo que tinham sido estabelecidas pelo seu antepassado Peter Haw (1694-1775).

Destinavam-se a ajudar seminaristas pobres, com prioridade para os que pertencessem à família Haw. Também o seu primo Pedro Haw, de Bekond, que veio a ser pároco em Fliessem, beneficiou de uma dessas bolsas de estudo.

Chegou, finalmente, o grande dia da ordenação sacerdotal. A 30 de março de 1895, na Catedral de Trier, o bispo Michael Felix Korum ordenou 26 novos sacerdotes; entre eles encontrava-se o Padre João Haw que tinha, nessa altura, 24 anos incompletos.

O Padre João não pôde celebrar a Missa Nova na Igreja Paroquial da sua terra, porque tinha sido vítima de um incêndio e ainda não tinha sido reconstruída. O serviço religioso da paróquia tinha lugar no Hospício, e foi aí também que ele celebrou a sua Primeira Missa, a 2 de abril de 1895.

Coadjutor Vigário Paroquial Pároco

No dia da sua ordenação sacerdotal, o Padre João Haw e o Padre Nicolau Bares, futuro bispo de Hildesheim e Berlim, foram nomeados coadjutores da Igreja de Nossa Senhora, em Koblenz. Formavam equipa juntamente com o primeiro coadjutor, o Padre Zimmer, sob a orientação do pároco, o arcepreste Padre Fernando Meurin.

Os últimos tempos de estudo no Seminário tinham sido muito trabalhosos, e o Padre João, como sempre, não se poupou a esforços. Assim, quando iniciou o trabalho em Koblenz, tanto ele como o seu colega Padre Bares tinham um aspeto bastante débil e enfermiço. A festa da Páscoa estava próxima. Na procissão que era costume realizar-se em Sexta-Feira Santa, caminhando os dois lado a lado, o seu aspeto chamou de tal maneira a atenção do povo que alguém disse ao pároco:

“Desta vez, viram-se na procissão dois Ecce-Homo!”

Apesar do “aspeto”, o Padre Haw lançou-se ao trabalho apostólico com todo o ardor da sua alma. No serviço de pregação ficava na sombra do Padre Bares, que era um grande pregador. Não obstante, reinou sempre entre os dois o melhor entendimento e amizade, pois o Padre João não conhecia a inveja: interessava-lhe somente a glorificação de Deus e o triunfo do seu Reino.

Se observarmos com atenção a fotografia do jovem coadjutor, poderemos adivinhar nos seus traços a firmeza, quase dureza, da

sua alma. A energia e a firmeza farão toda a vida parte do seu carácter mas, pouco a pouco, sob a ação da graça divina, que não dispensa o esforço próprio, a quase dureza inicial ir-se-á transformando numa bondade paternal, compreensiva e constante.

O seu espírito de humor, a alegria natural e as observações cheias de espírito revelam-se já nesta altura, como podemos ver pelo seguinte facto: o Padre Meurin era muito alto e forte; dava a impressão de um imponente gigante, de maneiras rudes; no fundo, era um homem simples, com um coração de criança.

Regressando um dia de uma cerimónia de tomada de hábito na Casa Mãe das Irmãs do Espírito Santo, disse aos seus coadjutores: “A cerimónia foi tão bonita! Comovi-me até às lágrimas!” Os jovens sacerdotes entreolharam-se admirados: Como? Aquele gigante também conhecia as lágrimas? Inacreditável! O Padre Haw olha divertido para ele e observa:

“Senhor Padre, o senhor estava comovido incluindo ou excluindo as lágrimas?” Todos riram com vontade.

A passagem do Padre João por Koblenz, a par com o espírito de sã alegria que sempre o acompanhará, ficou também marcada pela cruz: entusiasmado com o trabalho apostólico, esqueceu-se que tem de contar com uma saúde muito frágil e que precisa de certos cuidados para se manter em forma. As barreiras que a debilidade física pode opor à boa vontade tornam-se-lhe dolorosamente presentes; gravemente doente, tem de terminar, antes do tempo, a sua atividade em Koblenz. O Padre Meurin escreve preocupado para os serviços episcopais: “A sua saúde inspira-me sérios cuidados; a doença e o estado de fraqueza desse jovem, tão bom e tão capaz, progrediram muito nestas últimas semanas. Segundo a opinião do médico, necessita absolutamente de um longo período de repouso”.

O atestado do médico de Koblenz certifica que os seus pulmões fracos estão em sério risco de tuberculose.

Uma semana depois da carta do pároco para os serviços diocesanos de Trier, o Padre Haw dirige-se para as termas de Jordansbad, mas, não encontrando alívio, foi aconselhado pelo médico a submeter-se a tratamento em termas próprias para doentes de pulmões. Dirige-se então a Davos, na Suíça, onde permanecerá durante três meses, sendo ajudado financeiramente pelo Vigário Geral da sua diocese.

Durante a estadia em Davos, o Padre João recebeu do Vigário Geral de Trier uma carta, onde lhe perguntava se estaria disposto, depois do tratamento, a tomar conta da aldeia de Holz, anexa da paróquia de Heusweiler. A vigararia paroquial de Holz tinha sido fundada havia cinco anos e ficava a uns cinco quilómetros da igreja paroquial de Heusweiler.

O número de habitantes da aldeia tinha aumentado muito – eram agora uns 700 – devido à afluência de mineiros, que trabalhavam na mina de Göttelborn.

O pároco, Padre João Orth, tinha já pedido várias vezes ao Vigário Geral da diocese que mandasse para lá um sacerdote próprio, que se encarregasse de Holz como vigário paroquial. Até já tinha preparado tudo para isso, construindo uma igreja provisória, em honra de S. José, e uma casa paroquial. O Padre Haw mostrou-se disposto a tomar conta desse trabalho: em outubro de 1897, regressando curado da Suíça, o primeiro vigário paroquial de Holz pôde ser apresentado ao povo pelo seu pároco. Levou consigo, para essa aldeia, a sua irmã Joana e o irmão mais novo, Matias, de quinze anos de idade. Joana tratava da vida da casa, Matias ia todos os dias de bicicleta para Saarbrücken, onde frequentava o liceu.

O povo que lhe foi confiado era constituído, na generalidade, por gente rude e simples, mas gente de fé. Dentro da mina, antes de iniciarem o trabalho, faziam o sinal da cruz e invocavam a sua padroeira, Santa Bárbara. O Padre João sente a vida dura dessa

pobre gente e quer fazer qualquer coisa para lhes alegrar a existência, elevando-lhes o espírito para o alto. Tenta criar, na igreja paroquial, um ambiente que contraste vivamente com a escuridão e os perigos da mina.

Na sua igreja tudo respirará grandeza: os paramentos impecáveis, o altar sempre florido, as cerimónias celebradas com toda a pompa, as missas cantadas...

Estava encarregado de todos os trabalhos que normalmente pertencem a um pároco; só a administração dos bens é que continuava na mão do pároco de Heusweiler, uma vez que a comunidade de Holz ainda não era paróquia. Para formar com o seu rebanho uma comunidade viva e unida, fundou várias associações religiosas: para as crianças, para os jovens, para as famílias, para os homens, para os mineiros... Estabeleceu na igreja uma via-sacra e construiu um cemitério católico. Até essa altura, os católicos que morriam em Holz tinham de ser enterrados em Heusweiler, ao passo que os protestantes já tinham cemitério próprio.

Alguns dos seus paroquianos preocupavam-no de uma maneira especial, pois gostavam demasiado do vinho. Focará esse problema nas pregações e procurará maneira de os ajudar. Foi nessa altura que conheceu o “Movimento da Temperança” e começou a inserir-se nele. Matias conta que João lhe dizia várias vezes:

“Tenho que fazer alguma coisa por esta gente!” Foi certamente nesta altura que ele começou a estudar o problema do alcoolismo.

A par de todos estes trabalhos, o Padre Haw dedicava todo o tempo que lhe restava a preparar-se para o “exame final de pároco”, que veio a fazer em Trier, em julho de 1898, com bom êxito. No arquivo dessa diocese, conservam-se ainda os documentos que foram necessários para o exame: o “curriculum vitae”, redigido por ele em latim, a lista de 64 temas das práticas que fez, uma catequese aperfeiçoada sobre a graça divina e o longo texto

da sua prática de fim de ano, tudo corretamente escrito pela sua mão. O pároco de Heusweiler escreveu no seu diploma:

“Desempenhava todos os seus deveres pastorais com sabedoria e grande zelo, dando aos crentes, que lhe estavam confiados, o exemplo de uma vida irrepreensível”. Também o arcipreste encarregado da zona confirmou a sua aplicação e zelo, completando: “Tanto quanto me pude aperceber, aqueles que lhe estavam confiados dirigiam-se-lhe com amor e confiança”.

Depois do exame, o Padre Haw, utilizando todos os seus tempos livres, escreveu o seu primeiro livrinho: uma brochura com cem páginas, chamada “Uma boa confissão”. Foi na noite de Natal de 1899 que escreveu o prefácio, terminando com as seguintes palavras: “Hoje é Natal. Envio o meu livrinho para o mundo. Ele quer levar a paz ao coração dos pecadores. Ó Rei da Paz, entra nos corações dos que aguardam a tua Paz!”

O livro está escrito de uma maneira popular, exortando e encaminhando as pessoas para fazerem uma boa confissão. Teve uma grande expansão: conheceu 12 edições, atingindo a tiragem total de 115000 exemplares e atuando beneficentemente durante muitos anos.

A 15 de agosto de 1899, a família Haw reuniu-se em Schweich. Celebrava-se o casamento de Joana com Heinrich Weber. Lá estavam todos: o pai Pedro, a mãe Bárbara, o Padre João, Eva, o estudante Matias, Joana com o seu noivo e Nicolau. Com certeza que foi um dia de alegria. Mas, a partir daí, houve algumas mudanças na família: o Padre João ficou sem a Joana, que lhe tratava da vida da casa, e Eva tomou o seu lugar; mas Nicolau, que era mentalmente um pouco atrasado, ficou mais desamparado com a saída de Eva.

Mais tarde arranjou um pequeno emprego no hospital e lá viveu até 1935, ano em que faleceu.

O ano de 1900 trouxe uma mudança para o Padre Haw: depois

de uma atividade de dois anos e meio na vigararia de Holz, foi nomeado pároco de Wintersdorf, uma pequena aldeia de 400 almas, situada à beira do Rio Sauer, que neste ponto faz fronteira entre a Alemanha e o Luxemburgo. Foi, com certeza, devido à sua saúde, sempre débil, que lhe foi confiada a pequena paróquia de Wintersdorf, bastante perto de Trier e da sua terra natal, Schweich. Levou consigo Eva, que continuara a tomar conta do governo da casa, e Matias, que irá estudar em Trier.

João Haw mostrara-se disposto a tomar conta da paróquia de Wintersdorf, onde reinava grande pobreza: a igreja era uma construção miserável e a casa paroquial precisava de ser completamente restaurada. Aceitando essa paróquia, o Padre Haw aceitava voluntariamente a pobreza. Sabemos como ele, mais tarde, na sua vida de religioso, viverá e amará a pobreza e como exigirá aos seus que a vivam também. Além disso, sentia-se chamado a fazer qualquer coisa pelos pobres; não se deixará desanimar com a situação de Wintersdorf, antes porá “mãos à obra” para a melhorar.

Através de Matias, que escreveu um artigo pormenorizado sobre essa aldeia, sabemos que ficava situada num sítio encantador, a seguir a uma floresta de tílias, salgueiros prateados e árvores de fruto, que se sucediam ininterruptamente no vale do rio Sauer. Mas na maioria das casas reinava uma grande pobreza; os seus habitantes eram, quase todos, pequenos agricultores ou pedreiros.

A igreja antiga, uma construção dos princípios do século XII, tinha sido destruída cinco séculos mais tarde, na guerra dos trinta anos, só ficando de pé a torre. Em 1630, ainda em plena guerra, foi construída uma pequena igreja provisória, pegada a essa torre; mas ao longo de trezentos anos, essa construção provisória tinha-se tornado num barracão miserável, frio e húmido: as paredes estavam cobertas de musgo, o teto bolorento e com grandes brechas, o coro a cair... A qualquer momento a polícia ameaçava fechar à força esse “templo”. Todos sabiam que era necessário

construir uma nova igreja: mas onde ir buscar o dinheiro necessário, se os habitantes da aldeia eram tão pobres?

O Padre João não se intimida com as dificuldades e lança-se ao trabalho. Nenhum bispo lho impõe, mas sim o amor ao Santíssimo, pois a casa de Jesus em Wintersdorf é indigna d'Ele. Manda fazer, em Trier, um projeto no qual se enquadre bem a torre românica, construída à volta do ano 1100, e os trabalhos começam.

Os paroquianos, animados e entusiasmados por ele, ajudam como podem, formando com o seu pastor uma verdadeira família; entretanto, o serviço religioso tem lugar na escola. A construção avança rapidamente e, em pouco mais de um ano, a igreja fica pronta: uma obra de arte, de estilo românico, como ainda hoje a podemos admirar.

A construção ficou em 40000 marcos. Conseguir arranjar esta quantia era assunto para o Padre Haw. Em toda a sua vida, nunca deixará de fazer qualquer obra por não dispor do dinheiro necessário.

A sua confiança em Deus não tinha limites: uma vez que reconhecia ser essa a sua vontade, sabia também que se conseguiriam os meios materiais necessários para a concretizar. Mas não esperava passivamente; punha mãos à obra! Conseguiu do banco um empréstimo de 10000 marcos; os paroquianos ajudaram como puderam; ele próprio escreveu milhares de cartas, que enviou para todo o mundo pedindo ajuda, e as crianças da terra levavam-nas em cestos para o correio, que ficava a uma hora de caminho. O empregado dos correios, que não estava habituado a tal movimento, chegou a ameaçar com greve. Por fim, atendendo à pobreza e à boa vontade dos habitantes de Wintersdorf, que tinham, juntamente com o seu pastor, conseguido uma grande parte do dinheiro necessário, os serviços episcopais ordenaram um peditório em todas as igrejas da diocese.

É de admirar a atividade e o zelo incansável deste jovem pároco,

que ainda pouco tempo antes tinha estado gravemente doente. Além da construção da igreja, ainda se dedicou ao melhoramento da velha casa paroquial, ao mesmo tempo que ia revendo e ordenando os arquivos da paróquia. Trabalhos e preocupações não lhe faltavam. Sabemos também que o cuidado com a formação religiosa e com o progresso espiritual dos que lhe estão confiados terá sempre, para o Padre Haw, uma importância primordial. Por isso funda, logo no primeiro ano, a Congregação Mariana e, um ano mais tarde, a Associação de S. Francisco Xavier. Segue-se a Associação da Sagrada Família e a Irmandade do Rosário.

A par de todos estes trabalhos, o pároco de Wintersdorf ainda encontra tempo para continuar a sua atividade de escritor, iniciada em Holz. Escreve vários livros, destacando-se entre eles “O Rei Álcool”, escrito em 1905. Já em Holz, preocupado com o problema do alcoolismo, dizia a Matias: “Tenho de fazer alguma coisa por esta gente”. No livro “O Rei Álcool”, o Padre João incita, com palavras claras e convincentes, à luta contra o regimento do dito “Rei”, e fá-lo de uma maneira tão viva e tão concreta que o leitor não pode deixar de ler. Apercebemo-nos que o seu autor já estava, nessa altura, bem dentro do problema: conhecia a literatura existente, as estatísticas e os caminhos para uma possível reabilitação dos alcoólicos. O livrinho entusiasma e tem uma grande expansão; conhece várias edições, num total de 50000 exemplares; é traduzido para holandês e traz ao Padre Haw a fama de um perito no assunto.

Em luta contra o alcoolismo

O que é que levou o Padre Haw à luta contra o alcoolismo? Ele é um bom observador. A região do rio Mosela é uma região de vinho e mosto. No seu tempo ainda se pagava com vinho às empregadas domésticas e as próprias crianças recebiam o seu vinho; como consequência, ficavam atrofiadas no crescimento, eram fracas e estavam predispostas a apanhar graves doenças. O que o Padre João observa nas crianças interpela-o a estudar o problema mais a fundo. Assustado, repara no “exército maligno” que forma a comitiva do “Rei Álcool”: miséria, pobreza contínua, famílias desfeitas, doenças físicas e psíquicas, prostituição, vícios, corrupção...

O livrinho “O Rei Álcool” relata: todos os anos o álcool leva mais de 60 mil alemães à sepultura, 30 mil caem na demência mental, 180 mil comparecem em julgamento e 1600 caem no desespero e no suicídio. Quantas lágrimas e quanta miséria se escondem atrás destes números! O Padre João sente-se impelido a chamar, a despertar, a avisar toda a gente, para que deem conta do que se passa. Daí os seus livrinhos “O Rei Álcool” e “O clero católico e um problema atual”; este último dirige-se aos sacerdotes católicos para lhes dar a conhecer mais de perto os problemas do alcoolismo e para os entusiasmar pela abstinência.

Os católicos alemães começavam, nessa altura, a tomar posição na luta contra o alcoolismo. O Padre João Neumann, da diocese de Colónia, reatou em 1895 a ligação com o antigo “Movimento da Sobriedade”, que tinha sido fundado em 1844 contra o consumo de aguardente, e que tinha tido uma grande expansão, tendo chegado a ser elevado, pelo Papa Pio IX, à qualidade de irman-

dade religiosa. O Padre Haw ouviu falar dos seus esforços, bem como de outros movimentos, nomeadamente de uma associação interconfessional que existia contra o abuso de bebidas alcoólicas. Numa visita que fez ao seu bispo, pôs-lhe a pergunta se deveriam juntar-se a essa associação interconfessional. A opinião do Senhor Bispo Korum foi clara: achava que a luta contra o álcool se deveria travar no campo religioso.

Aqui e ali, começavam a surgir grupos antialcoólicos; os bispos propagavam o Movimento da Temperança. O Padre Haw tomou conhecimento deste Movimento e começou a aprofundar o problema do alcoolismo.

Em 1905, foi nomeado delegado diocesano do Movimento em Trier, e, a pedido do seu bispo, passou a representar os seus interesses no sul da Alemanha, enquanto o Padre Neumann trabalhava na zona norte.

Foi assim que o Padre Haw recebeu oficialmente, através do bispo da sua diocese, a missão de representante diocesano do Movimento da Temperança. Era competente para essa missão, embora não pudesse ainda prever as dificuldades e lutas por que teria de passar.

Como representante diocesano, teria de percorrer o sul do país em todas as direcções para fundar, por toda a parte, grupos locais do Movimento. Mas Wintersdorf, a sua paróquia, fica num lugar muito isolado, com muito más ligações de transportes, e isso dificultava-lhe o acesso a outras terras. Por essa razão, um ano depois da nomeação como representante diocesano, o bispo transfere-o para Trier, confiando-lhe o cargo de reitor do Hospício de Santa Hermínia; aí tinham sido concentradas todas as instituições de beneficência da cidade de Trier e arredores, dedicadas a doentes, idosos e órfãos. Durante três anos, cuidará zelosamente da direcção espiritual do Hospício, ao mesmo tempo que se dedicará ativamente à direcção do Movimento da Temperança.

Logo no princípio da sua atividade como pároco, em Wintersdorf, já o Padre Haw tinha o desejo de formar grupos de crianças e de jovens abstinentes, que se comprometessem a nunca beber bebidas alcoólicas. O seu desejo concretizou-se com o último grupo de crianças que preparou para a primeira comunhão, antes da sua mudança para Trier, em 1906.

Este primeiro grupo de crianças abstinentes precedeu a fundação da Liga do Anjo da Guarda, que sucedeu poucos meses depois e se destinava a crianças em idade escolar até aos 14 anos. Apoiada ativamente pelos professores de religião e pelos professores primários católicos, a Liga do Anjo da Guarda multiplicou-se rapidamente: poucos anos depois o Padre Haw referia-se, com alegria e entusiasmo, aos seus 200 mil membros.

Uns anos depois da fundação da Liga do Anjo da Guarda, começou a pôr-se o problema da integração dos adolescentes que terminavam os estudos escolares e tinham pertencido à Liga. O Padre Haw criou então, para adolescentes dos 14 aos 18 anos, a União de S. João, em grupos separados de raparigas e rapazes. O primeiro grupo nasceu na primavera de 1911. Quando, em 1919, estes grupos de jovens resolveram mudar de nome e se passaram a chamar “Fonte Nova”, o Padre João utilizou o nome para a comunidade de leigos que tinha sido fundada em Leutesdorf, em outubro de 1919: passou a chamar-se, e ainda se chama hoje, a União de S. João.

Para apoiar a campanha contra o alcoolismo e estimular o renascimento da vida cristã, o Padre João fundou, em 1907, o jornal “A Manhã”, órgão do Movimento Católico da Temperança.

O editor é ele próprio. A partir de 1911 esse jornal passa a incluir a folha “Fresco da Fonte”, destinada às crianças em idade escolar. Em 1920, depois da fundação da União de S. João, o jornal “A Manhã” é substituído pela revista “O Arauto”.

Nos locais onde se desloca, o Padre Haw gosta de orientar trí-

duos religiosos para a toda a paróquia, de modo a atingir toda a gente: homens, mulheres e crianças. Não se trata somente de lutar contra o alcoolismo, mas também de fortalecer e renovar interiormente as almas. Os párocos que têm paróquias mais difíceis pedem-lhe ajuda, uma vez que pregou numa paróquia muito grande, no Westerswald, onde a maior parte dos homens eram mineiros. A descrença já tinha feito muitas vítimas e o duro trabalho debaixo da terra tinha levado alguns ao alcoolismo. Apesar disso, as pessoas acorreram em grande número para assistir à pregação. O padre “estrangeiro”, como chamavam ao Padre Haw, por ter uma pronúncia diferente da deles, conquistou-os. “No púlpito é como um leão” diziam; “no confessionário, um meigo cordeiro; sim, só o próprio Salvador do Mundo pode ter sido tão bondoso como ele”.

O Movimento da Temperança foi aí fundado nos seus três grupos – homens, mulheres e crianças – e manteve-se durante muito tempo. A felicidade de muitas famílias, que estava arruinada, floresceu novamente. Os mineiros eram valentes: quando acabavam o turno, passavam decididos sem entrar nas tabernas, não se importando que o taberneiro já tivesse os copos cheios de aguardente para eles. Nas minas não se deixavam desencorajar nem vencer pelos chefes, liberais e descrentes, mesmo quando eram cumulados de ironias e escárnios por causa do “preto” (Padre Haw) e, por troça, colocados nos cantos mais húmidos e cheios de gás.

“Nós não tínhamos nenhum alcoólico na família”, conta um informador, “mas a minha mãe levou-nos, durante alguns anos, a fazer sacrifícios pelos pobres alcoólicos, a rezar por eles, a renunciar ao álcool para os ajudar, como ela tinha ouvido dizer ao padre estrangeiro”.

A par dos êxitos, não faltaram ao nosso Padre João preocupações, problemas e oposição, quer da parte de outros grupos e movimentos antialcoólicos, quer da parte dos que estavam interessados no mercado do vinho, os chamados “capitalistas do vinho”.

Em 1908, ele vê-se obrigado a responder, clara e decididamente, no jornal “A Manhã”, às injúrias que lhe tinham sido feitas pelo diretor do jornal “Mercado do Vinho”. Nessa sua resposta, poderemos sentir o tom sobrenatural que ele dava aos problemas. Vejamos:

“Todas as pessoas de sentimentos nobres se revoltarão profundamente ao ver o tom desdenhoso com que o diretor do ‘Mercado do Vinho’ fala de pessoas ‘que, através de reveses do destino, foram carimbadas de temperadas’. Não, Sr. Z., aqueles homens que, tendo sido vítimas dos costumes alcoólicos modernos conseguiram, através de uma luta heroica, erguer-se, para se tornarem novamente membros úteis da sociedade humana, são dignos de grande consideração. Sr. Z., a mim pode-me atacar, se quiser, se a minha batina sacerdotal e a missão que me confiou o meu bispo, pedindo que me encarregasse destes pobres infelizes, não o convenceram de que só o faço pelo bem das suas almas, mas não atire pedras àqueles ex-alcoólicos que já conseguiram libertar-se do vício.

O senhor permitiu-se dar-me o conselho de ‘no futuro, me ocupar somente dos meus alunos do orfanato para que estes, ao entrar na vida, não caiam no vício do álcool’; posso-lhe garantir que, se houve alguma coisa que me levou a consolidar a decisão de lutar contra o alcoolismo moderno, foi aquilo que observei no dia a dia, com o coração a sangrar, nos meus órfãos, dos quais muitos são vítimas do alcoolismo dos seus pais, e aquilo que vejo, horrorizado, quando visito alguns doentes. Quantos sofrem lutando com a morte que, por causa do abuso das bebidas alcoólicas, e não só da aguardente, se transforma numa morte horrível. Enquanto o álcool continuar a enviar para aqui as suas vítimas, para este lugar de miséria humana, eu não serei nem homem nem padre se não sentir em mim o desejo veemente de trabalhar, com todas as minhas forças, contra este inimigo, que traz ao nosso povo uma miséria tão terrível...”

Nas viagens e campanhas de propaganda antialcoólica, o Padre João Haw e os seus colaboradores tinham de estar sempre preparados, principalmente nas grandes cidades, para serem massivamente interrompidos: bandos de marginais, com a garrafa na mão e já tocados pelo álcool, reuniam-se num canto da sala e tentavam, com os seus berros, perturbar o orador e atemorizar os ouvintes. Por vezes, tinha de ser a polícia a restabelecer a ordem. Pelas notícias do jornal “A Manhã”, sabemos que eles andavam muitas vezes de terra em terra, durante longos períodos. Nas regiões campestres, era normalmente no inverno que se realizavam as campanhas antialcoólicas.

Isso significava que tinham muitas vezes de viajar por estradas cobertas de neve e de pregar em igrejas geladas.

A agenda do Padre João Maria Haw estava completamente cheia com marcações de viagens de propaganda, pregações e reuniões ao serviço do Movimento da Temperança, na diocese de Trier e fora dela. Tornava-se impossível combinar esse trabalho com a direção espiritual do Hospício de Santa Hermínia. Por essa razão, a partir de 1909, o bispo de Trier deixa-o completamente livre para o apostolado antialcoólico; foi a primeira vez que um bispo alemão colocou um dos seus sacerdotes a tempo inteiro nesse trabalho apostólico, e esse sacerdote foi o Padre Haw. Abriu-se então em Trier, na Speestr. 16, a central do movimento; o Padre Haw mudou-se para lá, juntamente com a sua irmã Eva, que novamente assumiu o governo da casa.

Apesar de toda a atividade, o Padre João não se deixava dominar pelo “stress” dos seus dias tão cheios: tinha um apoio espiritual firme na sua união íntima com Cristo, no amor ao Sagrado Coração de Jesus. Passou a assinar, a seguir ao seu nome próprio, “do Divino Coração”.

Consagrou-se à proteção de Maria e assumiu também o seu nome; por isso é que, nos arquivos da diocese de Trier, onde está

o nome de batismo, João Carlos, o nome “Carlos” encontra-se riscado e por cima está escrito “Maria”. Ele colocava-se totalmente no seguimento de Cristo e deixava-se trabalhar por Ele. O encontro diário com Jesus na celebração da Santa Missa era, para ele, uma necessidade ardente.

Foram estas as fontes que deram origem àquela paz e abandono que o caracterizaram, mesmo no meio dos duros conflitos por que terá de passar.

Era muito exigente consigo próprio e cumpria com fidelidade e amor os deveres da sua vida de piedade, como podemos ler no seu Diário Espiritual. Também era muito exigente com os que o seguiam; alguns achavam-no exigente demais e desistiam, indo-se embora. “Se tu quiseres...”, dizia então calmamente quando lhe diziam que se queriam ir embora; e deixava-os partir. Só mais tarde é que amadurecerá, numa compreensão cada vez maior para com as fraquezas dos outros e numa irradiação da bondade do divino Coração de Jesus, que veio para conduzir os fracos e os pecadores.

Já desde o início do ano de 1909 que o Padre João tinha tomado conta da “Editora Manhã”, podendo assim publicar os seus livros, jornais e escritos em editora própria. A “Editora Manhã” é o embrião da atual “Editora S. João”, em Leutesdorf.

Em todo o tempo em que trabalhou no Movimento da Temperança, o Padre João teve de viver numa tensão constante e crescente entre o movimento antialcoólico do norte, chamado Liga da Cruz, e o do sul da Alemanha, chamado Movimento da Temperança. Ele era da opinião que não se podia pedir a toda a gente que deixasse completamente as bebidas alcoólicas, mas sim que bebessem com moderação; sabia que a grande massa do povo não se deixaria entusiasmar pela abstinência total. Por princípio, o Padre Haw não era contra a abstinência total: ele próprio a praticava.

Acentuava, muitas vezes, que deveriam deixar completamente de beber, os alcoólicos, que se queriam curar, os que os tentavam

ajudar, por causa do exemplo, e pessoas de ideal, que se sacrificassem pelos alcoólicos. Os membros da Liga da Cruz exigiam a todos os membros a abstinência total e consideravam o Movimento da Temperança muito mole, mais prejudicial do que útil, e agiam como seus rivais.

Por mais que o Padre Haw apelasse à união, não pôde evitar que os adeptos da abstinência total se julgassem com todos os direitos e ignorassem os membros do Movimento da Temperança. Aos ataques que lhe são feitos, ele responde: “O Movimento da Temperança e a Liga da Cruz devem-se completar e apoiar mutuamente”.

O Padre Haw, o homem da temperança e da integridade, continuará a seguir firmemente o seu caminho. Ele tinha no sangue uma qualidade que caracterizava a família Haw e que o seu sobrinho Aloys descreve desta maneira: “eles (os Haw) seguem direitos à meta a que um dia aspiraram e nunca desistem”. O Padre João conhece-se e sabe que, ao tentar alcançar a finalidade que reconheceu como certa, facilmente é levado a proceder com uma certa dureza. No seu Diário Espiritual, que escreveu a partir de 1915, vê-se nitidamente o seu esforço e a sua luta interior para alcançar a bondade e a amabilidade que o virão a caracterizar.

Vejamos mais um testemunho a seu respeito, numa altura em que tinha sido chamado para resolver um problema levantado no Movimento da Temperança:

“...no primeiro momento manteve-se em silêncio, numa atitude reservada; talvez quisesse observar primeiro calmamente, ouvir, aguardar..., agiu então com segurança, da maneira que nessas circunstâncias era certa..., ao mesmo tempo dava uma impressão de calma, de nenhum modo importante ou a querer impor-se... Esta sua maneira de ser era fruto de uma piedade profunda, sã e verdadeira”.

Quanto às dificuldades entre o Movimento da Temperança e a Liga da Cruz, o problema continuava. A Liga da Cruz queria so-

lucionar o conflito separando-se totalmente do Movimento da Temperança. O Padre Haw não é dessa opinião e escreve: “Isso não é uma relação que convenha a duas organizações católicas irmãs. Porquê a separação completa? Terão de seguir caminhos opostos?”

Faz então uma proposta, que vem a ser aceite durante algum tempo: os dois movimentos formam uma associação diocesana comum, sob a direção de um diretor nomeado pelo bispo da diocese. Mas, pouco tempo depois, na Reunião Anual dos Católicos Alemães, que se realizou em agosto de 1911, chegou-se à decisão de separar os movimentos, pois a Liga da Cruz recusava-se a todo e qualquer trabalho de conjunto com o Movimento da Temperança.

Depois desta decisão, o Padre Haw seguiu logo para casa: a sua esperança de entendimento não se tinha concretizado. Aquilo que ele desejava, o trabalho de conjunto, não se podia realizar por causa da oposição da Liga da Cruz.

O Padre João não era homem para desanimar nem para cruzar os braços: resolveu formar ele próprio uma nova secção no Movimento da Temperança, para aqueles que se comprometiam a uma abstinência total do álcool. No jornal “A Manhã”, descreve-a com estas palavras:

“Com a aprovação de Sua Reverência o Senhor Bispo (Korum) de Trier, formou-se uma união de abstinentes católicos, com o nome de ‘União da Cruz’, que quer reunir todas as associações católicas de abstinentes que não recusem trabalhar conjuntamente com o Movimento da Temperança... Não temam os nossos leitores que nós iniciemos uma luta desagradável contra a Liga da Cruz: embora não estejamos de acordo com os seus princípios e lamentemos a sua posição negativa para connosco, tentaremos evitar toda a polémica. Que cada associação lute contra o inimigo comum, para a glória de Deus e para a salvação do nosso próximo!”

Para um homem como o Padre João Maria Haw, o trabalho que se estava a fazer contra o alcoolismo ainda não era suficiente. As vítimas do álcool não conseguiam libertar-se facilmente; tinham que ser retiradas do seu meio e desacostumadas de beber. Em Leutesdorf, uma aldeia vinícola, à beira do Reno, encontra-se à venda e em muito bom estado a “Casa de Santa Sofia”. O Padre João compra-a, muda-lhe o nome para “Lar de S. João” e estabelece aí um sanatório para alcoólicos.

A partir de 1912 a central do Movimento da Temperança deixa de ser em Trier e passa a ser no Lar de S. João, em Leutesdorf, onde o Padre Haw também vem residir. Ele próprio trata dos doentes e tenta reconquistá-los para a vida através da abstinência total, de uma vida ordenada e da ajuda espiritual.

Não era fácil a transformação dos viciados. O meio era propício ao abuso: Leutesdorf, na região do Reno, tem a sua riqueza na produção de vinho. Algumas vezes os habitantes do Lar, vencidos pela tentação, abandonavam a casa a altas horas da noite e iam para a taberna. Outras vezes, conseguiam combinar com outras pessoas: de manhã, colocavam o dinheiro num sítio estabelecido e, à noite, lá estava a garrafa de aguardente. E quantas vezes, à noite, bandos de rapazes embriagados berravam e guinchavam em frente da casa, fazendo troça. Apesar de tudo, o Padre João não desanimava: Deus tinha-o chamado para esta obra e ele permanecia firme, apesar de todas as dificuldades, tentando salvar as vítimas do alcoolismo.

Durante algum tempo foi violentamente discutido, nos movimentos antialcoólicos, qual o papel de um sacerdote no acompanhamento dos viciados; muitos eram de opinião que ele deveria deixar isso para os especialistas. O Padre Haw, embora reconhecendo a importância das pessoas especializadas, achava que o sacerdote tinha também um papel especial na solução de situações de conflito, principalmente nos crentes. Antes de mais, ele era um

apóstolo: por isso também empregava, na sua propaganda a favor da temperança e no esforço de reabilitação dos alcoólicos, os meios sobrenaturais postos ao seu dispor pela Igreja Católica. Em 1917 escreve no jornal “A Manhã”:

“Se quisermos, realmente, salvar as vítimas do alcoolismo, não basta levá-las à abstinência; temos que dar à sua vida um sentido completamente diferente, dirigindo-as para a verdadeira finalidade para que foram criadas, para Deus e para a vida sobrenatural. Temos que renovar nelas o espírito, eliminando o espírito mundano e acordando nelas o Espírito de Deus; salvá-las-emos com tanta mais segurança quanto mais perfeitamente o conseguirmos”.

Como não era possível a união dos dois movimentos antialcoólicos, foi decidido que se limitariam a agir no campo que lhes fora inicialmente atribuído: a Liga da Cruz no norte e o Movimento da Temperança no sul da Alemanha. O facto de chegarem a um acordo, dividindo os campos de ação em Norte-Sul, não foi ainda um acordo como o Padre Haw desejava: ele lutava pela união. Esta espécie de acordo tinha sido muito dura para ele; não só a união não se tinha concretizado, como ainda tinha de ouvir as calúnias que lhe faziam, dizendo que ele tinha informado mal os bispos; praticamente, acusavam-no de mentiroso. Acusavam-no também de ser ele o responsável pela animosidade existente, de ter sido ele a provocar a divisão.

Todas estas acusações eram também feitas aos serviços diocesanos, e o Padre Haw tinha conhecimento delas. Magoavam-no profundamente por virem daqueles que ele considerava colegas e que apreciava na luta comum contra o alcoolismo. Ele também era humano. Não tinha consciência de culpa e sabia-se apoiado por vários bispos, entre os quais o da sua diocese. Respondendo às acusações que lhe eram feitas, escreveu de uma maneira clara e firme, mas cheia de respeito, para o Vicariato Geral de Colónia, nos seguintes termos:

“Acho que devo dizer que, nas medidas que se tomaram para a expansão do Movimento, depois de ter refletido durante meses perante a minha consciência e com a aprovação do meu bispo, não procurei o meu interesse pessoal... Quero afirmar que atuo segundo a minha consciência, e isso sossega-me... desde há um ano para cá que tenho refletido muito, rezei muito, pedi orações e celebrei muitas vezes a Santa Missa para conseguir acertar na decisão certa: isso leva-me a confiar que a Providência Divina conduzirá tudo a bom termo”.

Este tipo de conflitos e as desconfianças contra a sua pessoa deixaram marcas no Padre João, foram como que um traumatismo. Aprendeu muito através do sofrimento, e mais tarde chamará aos anos que passou no Movimento os seus “anos de aprendizagem”.



Retiros e cursos de formação

As viagens que o Padre Haw faz para esclarecer o povo sobre os terríveis perigos do álcool levam-no a várias partes da Alemanha; além disso, toma ainda parte em vários congressos internacionais contra o alcoolismo em Budapeste, Estocolmo, Londres, Milão, etc. A pouco e pouco, a ideia de que o esclarecimento natural que se dá aos alcoólicos não é suficiente para os levar a libertarem-se do seu vício vai-se concretizando e amadurecendo cada vez mais. Ele quer ajudá-los também a fortalecer a sua vontade e o seu carácter. A melhor proteção contra a desorientação e a instabilidade será, sem dúvida, o levantamento religioso de toda a pessoa.

Quando estas ideias tomavam forma no pensamento do Padre João, encontrou ele um dia, na estação de Boppard, um sacerdote amigo que se dirigia para o sul, a fim de participar num retiro.

Nessa altura (estava-se em plena guerra), a organização de retiros estava quase parada e o sacerdote perguntou ao Padre João se não seria possível organizar, no Lar de S. João, pelo menos pequenos cursos religiosos; o Padre João entusiasmou-se com a ideia e, em dezembro de 1916, realizou-se o primeiro curso (para senhoras).

Devido ao grande interesse que esta iniciativa despertou, continuaram a realizar-se vários cursos e retiros, nos quais os sacerdotes das redondezas também participavam.

Sim, os retiros e cursos religiosos eram o caminho para a renovação interior. O início não foi nada fácil: estava-se em plena guerra, numa época muito agitada e confusa, mas a obra foi crescendo.

Também os alcoólicos tinham os seus retiros próprios, onde

lhes era apontado o caminho para Deus e para a paz interior que tinham perdido. Muitos seguiam por esse caminho que lhes era indicado e faziam a experiência da misericórdia de Deus, reconquistando a paz do coração.

A título de exemplo, vejamos um caso interessante que veio a passar-se mais tarde, na Casa de Cristo Rei, em Berlim. Um sacerdote redentorista, o Padre Erwin Görlich, orientava aí um retiro para os vagabundos. Eles estavam muito atentos e contemplavam, saudosos, o mundo da fé, do amor e da paz. O padre convidou-os a reconciliarem-se com Deus e eles compareceram. Alguns depositaram as culpas de dezenas de anos nas mãos do confessor e, conseqüentemente, no coração de Deus. Um deles pronunciou a confissão mais comovente e mais séria da sua vida; quando o “ego te absolvo” do sacerdote o libertou da culpa, brilhavam-lhe nos olhos lágrimas de alegria.

Só não conseguia compreender como é que o sacerdote lhe tinha dado uma penitência tão pequena; isso não o deixava em paz. Dirigiu-se-lhe novamente e pediu: “Senhor padre, tem de me dar uma penitência maior!” O sacerdote refletiu um momento e disse então: “Vá à cidade, procure um antigo colega seu e convença-o a assistir ainda ao resto das conferências”. Depois de muito procurar, lá encontrou um, que como ele era católico, mas já há muito tempo não frequentava a igreja nem os sacramentos e trouxe-o. Ainda de longe, gritou para o sacerdote: “Senhor padre, aqui lhe trago a minha penitência!” Também este reencontrou o verdadeiro caminho e a paz de Deus.

O Lar de S. João era já mais que insuficiente para tudo o que nele funcionava: sanatório para alcoólicos, central do Movimento da Temperança, “Editora Manhã” com a expedição de livros, revistas e jornais, organização de retiros e cursos de formação... Para poder cumprir todas estas tarefas, pondo as pessoas em atividade pelo Reino de Deus, era necessário mais espaço.

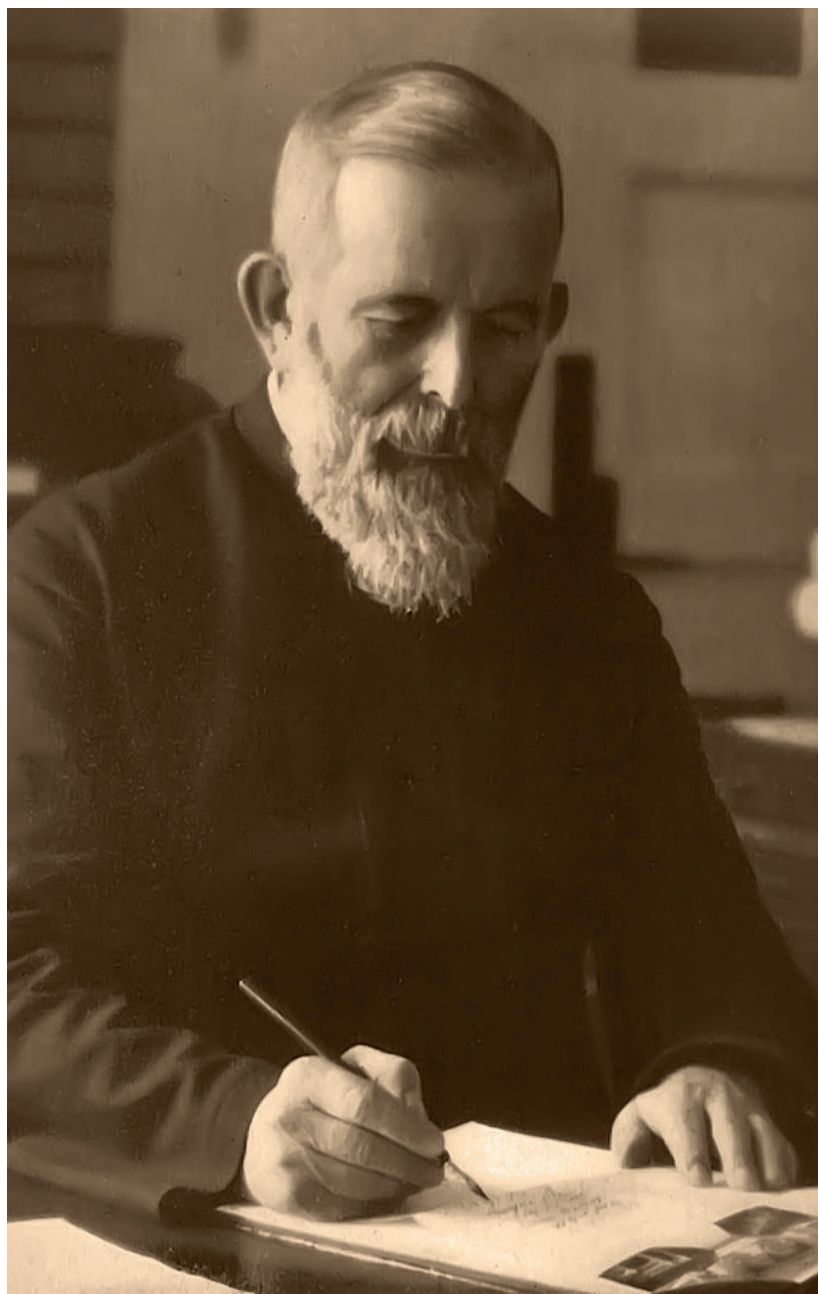
Em 1918 o Padre João compra o hotel “Castelo dos Leões”, muda-lhe o nome para “Castelo de S. João” e transforma-o em casa de retiros. Muitas vezes é ele próprio a orientar os retiros; fala de uma maneira clara e simples. O fogo do seu grande amor a Deus comunica-se ao coração dos ouvintes e acorda neles o desejo de trabalhar ativamente pelo Reino de Cristo.

Desde os primeiros anos que se organizam também cursos de férias, destinados a formar católicos mais empenhados.

A partir de 1932 começam a funcionar em Berlim cursos anuais para leigos, no fim dos quais os participantes recebem a “Missão Canónica”. Mais tarde, estes cursos vêm a realizar-se também em Leutesdorf e em várias cidades da Alemanha.

Os cursos e retiros funcionam ainda hoje, só tendo havido interrupção no tempo do regime nazi. Foram já muitos milhares as pessoas que ali participaram nalgum retiro, curso ou recolção; só Deus sabe quantas bênçãos eles trouxeram e continuam a trazer, quantas almas se voltaram decisivamente para Ele, quantas receberam novo impulso para um trabalho mais empenhado no seu Reino!

O Padre João escreverá: “O mundo tem de regressar, com arrependimento e humildade, a Cristo, o Rei crucificado. Parece que muitos dos que ainda andam longe d’Ele já o pressentem. Os corações de muitos anseiam dolorosamente por Deus. No mais profundo da sua alma têm fome daquela felicidade que só Deus pode conceder. Deixai que o anseio, o dilacerante anseio das almas de hoje se torne ainda maior e um dia elas clamarão por Deus. Das ruínas da cultura atea atual, estenderão as mãos para Aquele que agora renegam”.



Tenho que fazer tudo sob a ação de intensa oração.

A União de S. João

O Padre João depressa reconheceu que não era possível orientar uma casa como o Lar de S. João sem uma ajuda feminina eficaz e permanente. No princípio, ainda tinha a seu lado a sua irmã Eva e a senhora Pötters como governanta; com a compra do Castelo de S. João torna-se ainda mais urgente arranjar quem oriente a vida da casa. O Padre Haw bate à porta de, pelo menos, 12 Casas-Mãe de religiosas em toda a Alemanha, mas sem resultado; durante algum tempo, ainda teve a ajuda de três Irmãs de Hiltrup: mas os superiores delas, preocupados com a entrada no país de forças de ocupação americanas (em 1918), voltaram a chamá-las para a Casa Mãe.

Já há alguns anos que o Padre João tinha começado com o apostolado dos retiros. Ouçamos o testemunho de uma participante, que veio a ser Irmã de S. João Baptista: “No fim do retiro, o Padre Haw juntava-se com as participantes para uma conversa. Contava-lhes os seus planos, pedia ajudantes, pedia ajuda material e estimulava para a ação apostólica. A maneira como o fazia não era importuna, antes falava ao coração, entusiasmava, e despertava nos que o ouviam o zelo apostólico”.

Foi desta maneira que se começaram a juntar as primeiras ajudantes da obra apostólica que se esboçava.

A seguir à Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a Alemanha estava à beira do caos; as revoltas, as greves e os combates de rua levavam as pessoas a viver numa profunda incerteza, que abalava até as raízes dos costumes, da justiça e da religião.

Mas, segundo o Padre Haw, a grande miséria desse tempo era

a falta de fé e, por isso, a tarefa mais urgente era “a luta contra tudo aquilo que separa de Deus”, intimamente ligada à luta contra a miséria social. Era necessário, então, organizar e ativar as pessoas de boa vontade para uma ajuda eficaz.

Em julho de 1919, o Padre Haw escreve no jornal “A Manhã”, ainda como diretor do Movimento da Temperança: “Chegou o tempo de dar um passo em frente”. E pergunta: “Não se encontram, dentro da União da Cruz, almas com espírito de abnegação, que queiram fazer mais do que é possível à maioria? Os tempos de grande miséria criam as grandes almas”.

Poucos meses depois, em outubro de 1919, esclarece no mesmo jornal a maneira como ele idealiza o trabalho na obra que começa a surgir: “...ou, como membros desta associação, deste apostolado, ou desta congregação..., pondo-se completamente ao serviço da nossa obra, ou como participantes, ajudando na medida em que a sua profissão ou as suas obrigações familiares o permitirem”. Explica ainda, no mesmo jornal, que para os membros da Congregação haveria, desde o princípio, um noviciado, ao qual estaria associada uma instrução aprofundada para as tarefas práticas que viriam a desempenhar.

Vemos que, na ideia do Padre Haw havia, já de princípio, um grande grupo de leigos, ligados a um grupo mais pequeno de “almas ardentes”, que se dedicavam à obra a tempo inteiro e que formavam, por assim dizer, o núcleo central. O Padre Haw escreve ainda, no mesmo jornal: “O Castelo de S. João prestar-se-ia, otimamente, para sede da Congregação de S. João. Para já, será a Casa do Noviciado”.

Já se encontram aí os primeiros membros. O diretor dará, de boa vontade, esclarecimentos mais detalhados”. Quando este jornal saiu, estava-se já a uns dias da concretização das ideias nele expostas!

A 15 de outubro de 1919, festa de Santa Teresa de Ávila, reu-

niu-se no Castelo de S. João um pequeno grupo de mulheres, sob a presidência do Padre Haw; à tarde, juntaram-se-lhe também alguns homens e sacerdotes. Fundaram a União de S. João, para a propagação do Reino de Cristo e a renovação da vida cristã.

A União de S. João é bem a obra do Padre João Maria Haw. Foram o seu espírito, a sua compaixão, a sua caridade e solicitude, a sua confiança em Deus que lhe imprimiram o carácter que tem. Foi através da União de S. João que ele desenvolveu e alargou o seu próprio impulso missionário.

João Baptista é o padroeiro da União de S. João, como já era o padroeiro do Padre João Maria Haw. Na Alemanha, nos meios católicos, dá-se um valor especial ao padroeiro de cada um e a sua festa é celebrada com grande relevo. O Padre João teve sempre uma verdadeira devoção ao seu padroeiro: ainda antes da fundação da União de S. João, já tinha colocado sob a sua proteção o Lar de S. João e, sete anos mais tarde, o Castelo de S. João.

Agora, depois da fundação da União de S. João, o Padre João tinha de se ir separando, a pouco e pouco, do Movimento da Temperança. Os movimentos antialcoólicos procuravam também novos caminhos. Em 1920 recomeçou a tentativa de unificação dos dois movimentos, o do Norte e o do Sul.

Tanto na reunião geral do movimento do norte como na do sul, propuseram-se as normas para a unificação.

Os representantes dos dois movimentos reuniram-se e chegaram a acordo.

O resultado foi o seguinte: a partir de 1 de janeiro de 1921, os dois movimentos fundiram-se num. Passou a haver uma única sede administrativa, em Heidhausen. As casas de Leutesdorf ficaram a pertencer à União de S. João, assim como a Editora Manhã. O Padre Haw chegou ao fim daquele período da sua vida a que mais tarde chamaria os seus “anos de aprendizagem”.

A partir da União de S. João vieram a formar-se duas congre-

gações religiosas independentes: as Irmãs de S. João Baptista e os Missionários de S. João Baptista.

Desde a fundação da União de S. João, as colaboradoras que se punham totalmente ao serviço das suas tarefas apostólicas eram tratadas por “Irmãs”. Elas tinham o desejo de formar, brevemente, uma congregação religiosa. No princípio, ainda traziam os seus vestidos seculares. O Padre Haw não tinha pensado logo na fundação de uma congregação: ele queria mandar, para o meio do mundo descrente, um exército espiritual que atuasse segundo o espírito de S. João Baptista.

No entanto, deixava-se sempre conduzir pela Providência Divina, reconhecendo nos estímulos das “Irmãs” a vontade de Deus. Elas queriam levar uma vida conventual; assim, no decorrer dos anos seguintes, foi escrevendo para elas uma Regra de vida.

Vejam o que conta a Crónica das Irmãs de S. João Baptista sobre esses primeiros tempos:

“O dia 15 de outubro foi um grande dia: seis almas de coração grande tinham resolvido pôr-se, com toda a sua pessoa e com todas as suas forças, ao serviço dessa nova obra de salvação das almas. Não era uma obra de missão para o exterior, mas sim uma obra que se queria dedicar à salvação das almas da nossa pátria que estavam em maior risco de se perderem, aos marginais, aos mais pobres dos pobres.

O Pai João, assim lhe chamariam as Irmãs, a partir de agora, inflamado de amor pelo Reino de Deus, orientou uma introdução para as primeiras ajudantes. Nesse encontro, quatro das candidatas receberam um novo nome. As outras duas tiveram de ir ainda a casa, para brevemente regressarem.

O princípio estava feito. Quase todos os dias o fundador orientava conferências sobre a vida consagrada. Também lhes contava os seus planos, falava da importância dos retiros, do apostolado da

imprensa. Quantas vezes dizia: 'Em todos os campos queremos procurar sempre a glória de Deus e ter em vista a salvação das almas'.

A pouco e pouco foram sendo introduzidas várias práticas conventuais: o silêncio, a oração das horas, o capítulo. Às quintas-feiras as Irmãs encontravam-se para a Hora Santa.

A vida das primeiras Irmãs era muito pobre. O princípio coincidiu com os anos difíceis do após-guerra. Durante algum tempo, só havia pão seco e café para o pequeno-almoço.

Não havia lençóis suficientes e, em vez deles, utilizavam-se as antigas toalhas de mesa, coloridas, que tinham ficado do antigo Hotel 'Castelo dos Leões'. Nas clausuras (em dois quartos) serviam velhas camas de militares com sacos de palha. Muitas vezes, apareciam mais pessoas para retiro do que as camas disponíveis; então as Irmãs iam dormir para o sótão, com roupa de cama improvisada. Eram ainda jovens e queriam oferecer tudo, colaborando na salvação e santificação das almas.

Também as pessoas que vinham fazer retiro tinham de se sujeitar a algumas restrições; mas o Padre Haw sabia pedir, no princípio dos retiros, de uma maneira tão convincente, que aceitassem todos os incómodos de boa vontade, contando já como retiro os sacrifícios que tinham de fazer por falta de conforto que, aos olhos de muitos, se abria um novo mundo. A pobreza obrigava as Irmãs a procurarem batatas e frutos bravios. Nunca havia dinheiro de reserva. O enxoval que as Irmãs tinham trazido era igualmente utilizado para os que vinham fazer retiro; e, mesmo assim, não chegava. Tudo era em comum. Assim foi crescendo a pequena comunidade das Irmãs".

A partir de 1921, começam também a aparecer os primeiros Irmãos. O Padre João comia e dormia com eles no Lar de S. João.

Em 1922, propôs-se que as Irmãs passassem a usar um hábito religioso; o Padre João só aprovou um feitio moderno e simples.

O ano de 1928 trouxe consigo uma grande alegria: a aprovação canónica da Congregação das Irmãs de S. João Baptista. Gratidão e alegria enchem o coração do Fundador e também o de todas as Irmãs que, desde 1919, tinham vencido corajosamente todas as dificuldades de um início. O Pai João mandou então imprimir a Regra, por ele elaborada e autenticada. Ele próprio a explicou pormenorizadamente na capela e em muitas horas de aula.

O dia 24 de junho de 1929, festa de S. João Baptista, foi escolhido para a primeira tomada canónica de hábito e festa de profissão. As 34 Irmãs que tinham feito votos em silêncio, antes da aprovação canónica, faziam-nos agora publicamente; e 12 noviças tomavam hábito. A presença do Pai João enchia a atmosfera. A formação da comunidade das Irmãs era uma parte da sua vida: desde o princípio que ele e a Madre Gertrudes, a primeira superiora geral, tinham feito todos os esforços para dar às Irmãs a melhor preparação ascética, conventual e religiosa.

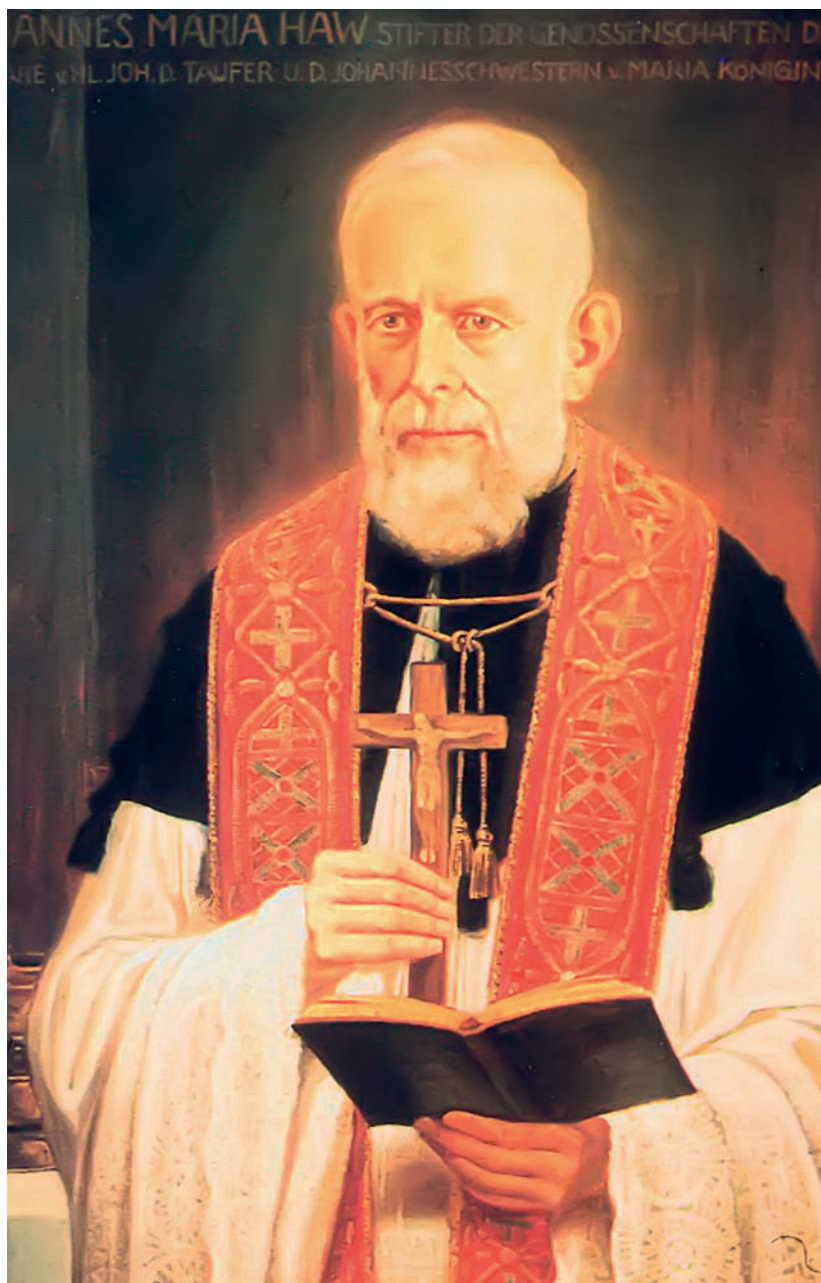
O caminho para a formação da congregação masculina foi mais demorado. Nos anos 20 começaram a chegar muitos membros, jovens e de meia-idade, para esta obra. O Pai João exigia muito deles. Uma vez, um Irmão estava a contar-lhe as suas dificuldades e problemas; ele ouvia-o com atenção, mas sem fazer comentários. O Irmão disse então: “Pai João, não diz nada? Tudo aquilo que eu conto não tem importância?”

Ele respondeu calmamente: “O que é importante é que tu te faças um santo!”

Já em 1935 o Padre João tinha tentado obter de Roma a aprovação canónica para a congregação masculina; mas, por causa das condições ameaçadoras da Alemanha nazi, foi-lhe pedido que esperasse melhores tempos. A seguir rebentou a guerra, e muitos dos seus homens foram alistados no exército e dispersos. Alguns foram mortos, outros não voltaram, alguns casaram e, quando os

nazis foram vencidos e a comunidade se reconstituiu, só um pequeno número voltou a reunir-se à volta do Fundador. Mas o Pai João teria ainda a alegria de ver a Congregação dos Missionários de S. João Baptista aprovada canonicamente, em 1946, pouco antes da sua morte.





*Tenho que aprender a rezar com mais pureza,
intimidade e fervor.*

O Fundador e os seus filhos

O Padre João exigia muitíssimo dos padres e Irmãs que se lhe tinham juntado. Punha em primeiro lugar que, apesar de todo o trabalho, a vida interior não ficasse esquecida e que se encontrassem com o Senhor na oração e na missa diária. Dizia: “Não podemos permitir meias tintas no nosso interior e nas nossas comunidades. É para nós o chamamento: Sede santos! Só os santos poderão salvar o mundo”.

Esta ideia era concretizada em todas as suas conferências, discursos, circulares e cartas pessoais. Também chamava seriamente a atenção, quando a conduta dos seus não era o que devia ser, principalmente no que diz respeito ao amor; mandava-os, então, refletir sobre determinadas passagens da Bíblia.

Ao mesmo tempo, o Padre João era para todos um verdadeiro pai; os seus filhos espirituais dão-lhe o nome carinhoso de “Pai João”.

A Irmã Valéria testemunha: “Eu via sempre nele o sacerdote, o religioso, o fundador e o superior. Nesse tempo, era essa a relação mais normal. Ele era o nosso superior. Era também o nosso ‘Pai’. Assim é que lhe chamávamos sempre; só diante de estranhos é que devíamos dizer ‘Padre Diretor’, mas isso normalmente era esquecido.

Não nos era difícil chamá-lo Pai. Ele era pai de todos nós. Apesar disso, nunca nos teríamos atrevido a tratar com ele sem respeito, ou com demasiada familiaridade. Todo o seu ser era tão puro, tão irrepreensível e cheio de Deus que ninguém se poderia aproximar demais. Ele esperava uma dedicação total de todos os membros.

Nunca perdia tempo com conversas inúteis. Cada um podia ir ter com ele e expor-lhe as suas dificuldades. Ouvia com bondade, mas não falava muito. ... A pontualidade devia ser evidente. Uma vez encontrou-me de manhã (já eu era professora), já depois das oito horas, no corredor: ‘O quê? Ainda não estás a trabalhar?’, mas dizia-o num tom bondoso”.

O Pai João amava cada um dos seus filhos com um amor paternal. Quem não o amaria e veneraria como pai? Quando chegavam novos membros e se dirigiam, timidamente e com o coração a bater, ao quarto do seu novo superior, logo sob o seu olhar e às primeiras palavras desapareciam a timidez, o medo e as saudades de casa. Ele levantava-se, estendia-lhes as duas mãos e dizia, de uma maneira tão simpática e afetuosa como só um pai o sabe fazer: “Agora sois meus filhos!”

A Irmã Stephana, que veio a ser superiora geral das Irmãs de 1958 a 1970, conta: “No primeiro mês da minha vida no Convento, não tive muitas ocasiões para me encontrar com o Pai João, porque ele só vinha ao noviciado uma vez por semana; eu estava contente com isso, porque me sentia muito pequenina na sua santa presença, principalmente quando me parecia que o seu olhar penetrava até ao íntimo da minha alma e lia os meus pensamentos. Mas rejubilávamos sempre quando ele aparecia no meio de nós, porque irradiava alegria e estava sempre pronto a contar qualquer coisa divertida. Os seus olhos luminosos revelavam o amor ardente que enchia o seu coração. Sempre me impressionou o seu grande amor ao próximo”.

Com o Pai João chegava a alegria às horas de recreio. Logo que entrava, alegrava o ambiente com a sua expressão feliz e com alguma palavra divertida. Como ficava contente, ao ver os Irmãos ou as Irmãs a rir com vontade! “Os nossos Irmãos”, dizia, “têm de comer muito, dormir bem e saber rir com força”. Como ele via bem! Num corpo são e numa alma de criança, na natureza orde-

nada, atua muito mais facilmente a graça do Alto. As partidas e brincadeiras inocentes dos Irmãos levavam-no a rir alegremente.

Gostava de atrapalhar os seus, fazendo-lhes perguntas com “rasteiras”. Um dia perguntou às Irmãs: “Qual de vós é capaz de me dizer com que é que Abel matou Caim? Foi com um pau, ou com um osso?” Quando uma Irmã respondeu, “Pai João, mas não foi Abel que matou Caim”, ele ficou todo contente por ela não ter caído na armadilha.

Dava grande valor à limpeza e à ordem. No fim de semana, uma Irmã levou-lhe ao quarto a roupa lavada. Ele olhou para a roupa, depois para a Irmã, e disse com um ar muito sério: “Irmã, as meias da semana passada tinham todas um buraco”. A Irmã ficou perturbada, não sabendo o que havia de dizer. Ele riu-se: “Claro que tinham de ter todas um buraco, senão como é que eu as calçava?”

Mesmo no tempo difícil da guerra ele não perdia a sua alegria interior. Tentava manter o contacto com os seus através de cartas e, quando era possível, mandava alguma encomenda para o campo de concentração de Dachau, onde se encontrava o Irmão Hermann. Quando recebia alguma carta do Irmão Gottfried, que contava as suas aventuras de maneira divertida e despreocupada, ria até às lágrimas.

A sua alegria, o seu humor e a sua jovialidade provinham da pureza e simplicidade do coração.

O Pai João partilhava com os seus filhos as necessidades materiais. Quando deu conta que, tendo aparecido muita gente para retiro, as Irmãs tiravam os cobertores das próprias camas por não haver suficientes, compadeceu-se delas, pensando que iam ter frio de noite. Foi buscar também o seu próprio édredon. Como as Irmãs não queriam aceitar, deixou-o ficar no corredor e foi-se embora.

Preocupava-se com a saúde e o bem-estar dos seus. É ainda a

Irmã Valérie que conta: “Em Berlim (no tempo da guerra), fez-me ir a várias farmácias para tentar obter, em cada uma delas, alguns comprimidos de vitaminas; enviava-os então a Irmãs doentes, como fortificante. Também me mandou, várias vezes, passear um pouco; eu já quase que não sabia o que era isso”.

As superiores das casas gostavam de mandar as Irmãs mais tímidas e medrosas falar com o Pai João, pois elas regressavam sempre contentes. A solução deste mistério, deu-a ele um dia a uma superiora: “Eu sei como é que essas Irmãs se sentem. No meu tempo de estudante, também sofri de timidez. Por isso compreendo estas almas”.

Com cuidado paternal, o Padre João dava instruções aos seus missionários sobre a maneira como deviam conduzir as almas que lhes estavam confiadas. Em janeiro de 1940, escreveu ao Padre Pedro Appel, reitor da Casa de Cristo Rei de Berlim, que veio a ser, depois da morte do Padre João, o seu sucessor como superior geral da congregação:

“Querido Padre! Os meus pensamentos voam, diariamente, para Berlim, mas parece que Deus me quer exercitar na paciência. O frio intenso que tem estado não me permitiu fazer a viagem, tanto mais que sofro, há semanas, de catarro, embora não seja grave. O repouso que sou obrigado a fazer tem-me feito bem espiritualmente e suponho que também será proveitoso para aqueles por quem tenho de cuidar. Ando agora a ler a vida de S. Francisco de Sales e admiro o seu amor extraordinário e o seu zelo ardente, assim como as suas virtudes da moderação e da prudência. Este santo é um exemplo maravilhoso para nós que queremos ganhar para Deus ou conduzir à perfeição almas de todas as espécies. Ele aprendeu bem a ser, como S. Paulo, tudo para todos, até mesmo a tornar-se fraco com os fracos.

Muitas vezes, no nosso zelo caímos na tentação de conduzir

as almas pelo mesmo caminho que nós, com a graça de Deus, trilhamos, sem ter em conta que Deus reservou para Si o conduzir cada alma de maneira diferente. Como diretores espirituais e pastores de almas, temos que considerar, antes de mais, o que é que podemos exigir de cada alma, quais são as suas capacidades. Esquecermo-nos de nós próprios e servir o Altíssimo, é essa a nossa vocação. Como diretores espirituais, não podemos impor o nosso método às almas que são especialmente chamadas a uma vida de perfeição, mas temos de tentar descobrir humildemente por que caminho é que o próprio Espírito Santo conduz cada uma delas. Mesmo as celebrações, não as queremos adaptar somente às almas ‘elevadas’, mas também nisto procuramos fazer-nos tudo para todos.

É admirável a paciência de S. Francisco de Sales nos contactos com as pessoas. Que distinção e condescendência! O amor ultrapassa tudo. Rezemos, fervorosamente, por o alcançar. Que Cristo se digne habitar nos nossos corações. ‘Viva Jesus!’, foi esse o programa de vida dos santos.

Muitos e afetuosos cumprimentos a todos!

Padre João Maria do Divino Coração”

O Pai João recebia com amor todos os que se lhe dirigiam, oprimidos com o peso das dificuldades da vida. Era um homem de bênção: gostava de dar a sua bênção sacerdotal e fazia-o muitas vezes, solene e vigorosamente.

Em abril de 1934, escreveu no seu diário: “Tenho de considerar agora como principal a minha missão como pai das comunidades; dedicar-me totalmente a elas... Tenho de ter, para com todos, o amor de uma mãe”.

Os filhos de um tal pai sentem-se seguros ao pé dele e oferecem-se de boa vontade por ele. Em março de 1926, o Pai João teve de ir, pela segunda vez, para Davos, na Suíça: tuberculose da la-

ringe. Mas na sua festa de nome, em junho, estava novamente de saúde no meio dos seus. Para os médicos, isso era incompreensível: a laringe estava em muito mau estado, o que deveria provocar no doente um sofrimento insuportável; mas notam com espanto, e o próprio Padre João confirma, que não tem dores de espécie nenhuma. Sorrindo, diz para as Irmãs: “Vós ajudastes-me! Com certeza que suportastes as dores por mim”.

Na verdade, durante esses três meses as Irmãs tinham-se sacrificado e rezado intensamente pela saúde do seu Pai. Não podiam imaginar uma vida sem ele.

O Pai João semeava amor e colhia amor.



O Casal Hilpisch

Apostolado da imprensa

Em 1921, a obra da União de S. João deu um novo passo em frente. Em Boppard, uma cidade de 18 mil habitantes à beira do rio Reno, vivia o casal Hilpisch. O marido, o senhor Teodoro Hilpisch, era vereador da cidade e possuía uma pequena tipografia. Ambos tinham participado num retiro em Leutesdorf, que os atingira profundamente. Decidiram oferecer a sua tipografia e pôr-se eles próprios ao serviço da obra, como Irmãos Oblatos, passando a chamar-se Irmão José e Irmã Elisabete; os Oblatos não faziam votos públicos, mas participavam, como íntimos colaboradores, nas tarefas da União de S. João. O Irmão José montou a tipografia numa arrecadação que existia no canto do jardim do Castelo de S. João, e ele próprio a dirigiu até à sua morte, em 1958. A Irmã Elisabete foi mandada para Berlim, e aí trabalhou até 1929, ano em que faleceu.

Era uma dama distinta, que renunciou voluntariamente à sua vida bela e confortável. Tendo em casa uma serva, ela própria se fez serva, por amor; ia buscar o carvão para a casa de vagabundos e trabalhava na cozinha. Muitas vezes os familiares tentaram convencê-la a desistir, mas ela ficou, embora fosse difícil para a sua natureza servir em vez de mandar.

Ouçamos o seu testemunho: “Foi o Pai João que fez isto de mim. Ajudou-me exterior e interiormente para que, por amor ao Salvador crucificado, eu pudesse ser uma serva obediente. Eu acredito naquilo que o meu marido me disse uma vez: o Padre Haw é um santo”.

Mas voltemos à nossa tipografia: a 15 de agosto de 1921, festa da Assunção de Nossa Senhora, foi benzida a primeira tipografia da União de S. João, no Castelo de S. João, em Leutesdorf. E a bênção de Deus estava com ela.

Sob a sábia direção do Irmão José Hilpisch, todos os escritos do Padre Haw (livros, brochuras, revistas, jornais, opúsculos...) passaram a imprimir-se em tipografia própria. A primeira coisa que imprimiu foi a oração “Glória ao Pai”, seguida da oração das horas; esta oração fora legada pelo Pai João aos seus para que, sempre que possível, fosse rezada no início de cada hora do dia, de modo a realizar-se o pedido de Jesus: “Rezaí continuamente” (Lc 18,1); daí o seu nome “oração das horas”. Também o livrinho de orações “Magnificat” pôde ser impresso. Era composto por várias orações, incluindo a da manhã e a da noite, que o Fundador tinha escolhido, de acordo com a espiritualidade da Congregação e da Obra, para ser utilizado internamente.

Alguns dos primeiros ajudantes na composição de folhetos e escritos eram pessoas dependentes do álcool, que estavam a tentar libertar-se do seu vício.

Ainda em 1921, pouco depois da bênção da tipografia, o Padre Haw fundou a revista “O Arauto”, que veio substituir o jornal “A Manhã”; no entanto, “O Arauto” não estava já, como tinha estado “A Manhã”, ao serviço do Movimento da Temperança, mas sim do apostolado dos retiros e do apostolado dos leigos. “O Arauto” deveria ser realmente um arauto, estimulando os cristãos a um maior empenhamento nas tarefas do Reino. Segundo afirmou o Bispo Kaller, essa revista não se cansou de formar e amadurecer espiritualmente o povo católico e de o entusiasmar pelos trabalhos apostólicos.

Veio a tornar-se como que o catecismo dos apóstolos leigos, mas não um catecismo árido, só de doutrina: o Padre Haw, através das suas palavras entusiásticas, pois ele escrevia como falava,

incendiava de fervor e de ímpeto apostólico o coração dos leitores. Durante 17 anos, de 1921 a 1938, altura em que a revista foi proibida pelo regime nazi, foram espalhados entre o povo católico mais de dois milhões de exemplares.

A revista “O Arauto” destinava-se a formar católicos mais empenhados e a entusiasamá-los pelos trabalhos apostólicos. Mas como chegar àqueles cristãos mais tíbios e indiferentes, àqueles que o sacerdote já não atinge, que deixaram há muito de praticar a sua religião? Para estes foi fundado, em 1927, o jornal “Esperança”. Os diretores espirituais das cadeias e casas de correção foram os seus primeiros assinantes, encomendando logo de início 7 mil exemplares, eles que todos os dias estavam em contacto com as maiores misérias do mundo de hoje.

O jornal “Esperança” penetrava nas águas furtadas, nos quartos dos tíbios e dos indiferentes, nos lugares de trabalho, nas cadeias, nos albergues, nos abrigos de vagabundos, nas estações, nos hospitais e... era lido.

Não trazia lições com muito palavreado, nem expressões difíceis, nem fazia comovedoras prédicas morais; antes despertava a esperança. O Padre Haw sabia que os leitores tinham, por natureza, uma alma cristã e ansiavam pelo mundo da fé, do amor e da paz. O jornalzinho levava-os a esse mundo de uma maneira discreta, simples, interessante, com nobre popularidade. Assim ganhava os corações e os levava a elevar-se para Deus. Aí, é a alma do nosso Padre João que fala; sente-se o sopro de Deus. Não há palavras bem soantes, mas sim palavras de Deus. O seu êxito foi extraordinário: se nos primeiros anos se venderam mais de 650 mil exemplares, em 1940 foram mais de 44 milhões! Por fim, a tiragem semanal era de 445 mil. Nos anos trinta, à medida que os jornais religiosos iam sendo, um após outro, proibidos pelo regime nazi, os párocos aconselhavam aos cristãos o jornal “Esperança”, que ainda era considerado “neutro”, até que, em junho de 1941, também ele foi proibido.

Através das crianças, chegaremos aos pais. O Padre João quer formar pequenos apóstolos. Ele sabe que, quando as crianças se deixam entusiasmar por Jesus e pela sua Mãe Santíssima, não guardam para si o seu entusiasmo; transformam-se em pequenas e grandes apóstolas.

Para elas surge a revista infantil “Nós, filhos de Rei”, que opera maravilhas. Até à sua proibição, em 1938, espalharam-se no mundo infantil quase 3 milhões de exemplares. A tiragem mensal era de 36 mil.

E a “Carta aos Doentes”, com uma tiragem mensal de 27 mil, quanta alegria levou aos quartos dos enfermos!

Em 1927, a Conferência Episcopal Alemã confirmou e abençoou a fundação da “Central Católica Alemã para Distribuição de Pequenos Livros” (Katholische Schriftenmission) em Leutesdorf, organizada segundo o modelo das já existentes na Inglaterra e na Holanda. Ainda hoje é distribuído, a partir dessa Central, mais de um milhão de pequenas brochuras.

A pouco e pouco, a tipografia foi aumentando. Em 1928, depois da inauguração da Casa Mãe dos Missionários de S. João Baptista, Casa de Cristo Rei, foi para lá transferida, assim como a “Editora S. João”. A partir de então, as revistas e os jornais eram redigidos, impressos e expedidos na Casa de Cristo Rei. No Castelo de S. João, as Irmãs encarregavam-se do ficheiro, requisições e balanço de contas, assim como da contabilidade geral da União de S. João.

Mesmo depois da construção da Casa de Cristo Rei, o Pai João continuou a residir no Castelo de S. João, dirigindo todos os trabalhos.

Oração das horas:

- Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, como era no princípio, agora e sempre. Ámen.

- Vinde Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis e acendei neles o fogo do vosso Amor.

- Jesus, Cordeiro de Deus, sempre imolado nos altares do mundo, uno-me a Vós.

- Jesus Cristo, Rei crucificado, venha a nós o vosso Reino.

- Doce Coração de Jesus, venha a nós o vosso Reino.

- Divino Coração de Jesus, tende compaixão de nós e dos nossos irmãos separados.

- Ó Jesus, presente no Santíssimo Sacramento por nosso amor, nós suspiramos por Vós. Vinde, Senhor Jesus, vinde.

- Maria, Rainha, nós somos vossos! Medianeira das graças, ó mãe, abençoai-nos.

- Nosso pai S. João, S. José, Santa Teresa, todos os anjos e santos, rogai por nós.





*Tenho de me tornar um santo sacerdote.
Cristo tem de se realizar em mim.
Tenho que viver em Cristo, e Cristo em mim.*

*Jesus, Jesus, Jesus! Jesus, meu amor, Jesus!
Jesus em mim. Vem, Senhor Jesus, vem!
Oração pela ação de Deus na minha alma.*

Os mais pobres dos pobres

O Padre João preocupa-se, de uma maneira especial, com os vagabundos ex-presos, os marginais, a quem chama “os mais pobres dos pobres”. São pessoas instáveis, rejeitadas pela sociedade, que não encontram abrigo nem carinho em lado nenhum. Se se arrependem e querem mudar de vida, ninguém acredita neles, ninguém confia neles; por isso resvalam cada vez mais, tornando-se verdadeiros farrapos humanos.

No Diretório que escreveu para os Missionários de S. João Baptista, em 1935, pode ler-se: “No amor do Bom Pastor, que deu a sua vida por todos, mesmo pelos que caíram mais fundo, encarreguem-se dos vacilantes na fé, dos que andam no erro, dos despedaçados e desiludidos da vida, dos ‘pagãos brancos’ dos nossos dias, para os salvarem da perdição eterna e os conduzirem pelo caminho que Deus traçou para cada um”.

Na revista “O Arauto”, em 1937, refere-se ao trabalho das Irmãs de S. João Baptista com as seguintes palavras: “Não é sobre os doentes corporais que elas, no amor de Cristo, se debruçam; para isso já há milhares de corações generosos, que Deus os abençoe! Não, a sua vocação é dar paz e conforto aos doentes espirituais, falar-lhes do Bom Pastor e da infinita misericórdia de Deus. Como auxiliadoras dos sacerdotes, elas querem ir ao encontro dos amargurados e dos pecadores, daqueles que já não têm fé em Cristo; procuram aquelas crianças a quem as mães já não falam do Menino Jesus nem do Paraíso. Sobem às águas furtadas e descem às habitações mais pobrezinhas, transformando-se em mensageiras do amor de Deus”.

A certa altura, ofereceram ao Padre Kaller, pároco da Igreja de S. Miguel em Berlim, que veio a ser Bispo de Ermland e, depois da guerra, bispo dos refugiados, alguns milhares de marcos, destinados à fundação de uma casa para os desabrigados. Para esse fim, punham à sua disposição uma casa antiga na Niederwallstr. 32. Mas a casa estava em tão mau estado que ele não encontrava ninguém que quisesse tomar conta dela. O Padre Kaller era membro ativo do movimento da abstinência e conhecia daí o Padre Haw. Quando já estava para desistir do seu plano, lembrou-se de fazer uma última tentativa, escrevendo ao diretor da União de S. João, que veio imediatamente a Berlim encontrar-se com ele. Passaram os dois revista à casa. O Padre Haw sempre foi de poucas palavras e o Padre Kaller não tinha coragem para dizer nada, interpretando o seu silêncio como uma recusa. Por fim, encheu-se de coragem e observou: “Senhor Padre, aqui em casa tudo é realmente muito pobre”. Novo silêncio. Por fim, o Padre João sorri e diz: “isto é exatamente o que nós procuramos!”

Foi assim que abriu em Berlim, pouco antes do Natal de 1924, a Casa de S. João com 100 camas normais e 20 provisórias, destinada aos desabrigados. O Padre José Berg foi o seu primeiro diretor, ajudado pelo Irmão Pascoal; uma comunidade de quatro Irmãs encarregava-se do governo da casa. O próprio Pai João os acompanhara a Berlim, em cuja estação os esperava o Padre Kaller.

A pobreza era grande. No Natal, alguém ofereceu metade de uma vitela para a casa. Que rico assado teria dado!

Mas, como não tinham onde a assar, a Irmã cozinheira pensou: hamburgers também são bons... mas teve de as fritar uma a uma, numa lata de conserva vazia. Apesar de tudo, havia também muitas alegrias; recebiam ajuda de alguns benfeitores, bem como de Irmãs de outras congregações. Uma vez, quando as Irmãs se encontravam em grande necessidade e rezavam cheias de fervor

“S. José, socorrei-nos”, tocaram à porta e o próprio pároco entregou-lhes um volumoso envelope com dinheiro.

Os Missionários também não tinham “mãos a medir”. Os seus protegidos chegavam a toda a hora, muitas vezes até a meio da noite. Eram jovens de meia idade, idosos... cada um deles tinha já uma história triste a contar... Histórias desesperadas de dor intensa, histórias de quem nunca soube o que era ser acolhido e amado, histórias de casamentos infelizes, de esperanças desfeitas, de desilusões! Recebidos, finalmente, com compreensão e carinho, eles abrem o seu coração àqueles que os acolhem e muitos encontram, a partir daí, a coragem para recomeçar.

Nesse mesmo ano de 1924, o Padre Haw escreve no seu Diário Espiritual: “Amor do próximo, delicado e abnegado. Mansidão e bondade. Só assim conquisto os corações para Jesus. O amor de Cristo impele a ver Jesus nos miseráveis, nos pedintes, nos pecadores. Ver como Ele sofre e é ultrajado”.

O Pai João dá conta que, nas primeiras semanas depois da abertura da casa, as Irmãs se sentiam ainda muito estranhas: a maior parte delas vinha do campo; as grandes cidades, com a sua miséria própria, eram-lhes estranhas.

De repente, vêm-lhe cair mesmo no meio. Não é a pobreza da casa que lhes dá cuidados, mas têm medo dos vagabundos, desses homens, interior e exteriormente rudes, e contam-no ao seu Pai João. Ele conforta-as de uma maneira tão afetuosa, compreensiva e evidente que o medo se afasta para o canto mais extremo da alma: “Não tendes aqui o Salvador? Ele protege-vos sempre. Porque sois tão medrosas? Não pode acontecer nada que Ele não permita!”

A seguir à Casa de S. João, foi a vez de Döberitz, nos arredores de Berlim. Em julho de 1925, ainda através do Padre Kaller, o Pai João abriu aí uma casa para ex-presas: era o seu lar, e lá permanecem até conseguirem arranjar trabalho em qualquer lado. Na

modesta capela, diante da imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, muitos dos seus filhos perdidos encontravam novamente o caminho. O Padre João escreverá:

“Muitos deles não são maus. Dão, irrefletida e descuidadamente, um mau passo. A seguir vem o arrependimento ardente. O pobre gostaria de compor tudo e poder de novo avançar honradamente na vida. Mas, mal sai da cadeia ou casa de correção, a desconfiança das pessoas cerceia, tal como geadas aos botões em noite fria de primavera, os seus melhores propósitos. Não, com um ex-presos ninguém quer ter nada a ver! O infeliz não encontra em lado nenhum pão nem trabalho. Está desonrado. Desta maneira, a miséria e a fome levá-lo-ão a novos crimes. Agora, na sua amargura, é que se tornará mesmo criminoso. Descerá, sem parar, cada vez mais fundo. Um pouco de amor e um pouco de confiança tê-lo-iam preservado disso”.

O Pai João era, verdadeiramente, pai de todos os aflitos que se cruzavam no seu caminho e cuidava deles com amor paternal. Nas casas que abria para eles, insistia para que recebessem uma alimentação simples, mas boa. Quando os Irmãos ou Irmãs se queixavam, dizendo que “fazemos demais por esta gente, as despesas são demasiado elevadas”, ele respondia: “S. José ajuda; também nos ajudou a nós. Neste ponto, é melhor fazermos demais do que de menos”. Ele não se preocupava só com o bem-estar físico destes pobres; preocupava-se ainda mais com as suas almas. Dizia: “Temos de rezar e sacrificar-nos por eles”; e era o primeiro a pôr isso em prática. Na sua vida de oração e sacrifícios, os pecadores tinham um lugar muito importante.

Entretanto, a Casa de S. João, em Berlim, já não era suficiente para os que procuravam abrigo. Em 1927, o Padre João alugou uma casa maior, fechando pouco depois a primeira. A seguir, em 1931, como a sua confiança na Divina Providência era tão grande como o seu amor aos mais pobres dos pobres, comprou um gran-

de edifício em Berlim Oriental, a que deu o nome de “Casa de Cristo Rei”. Com a ajuda de alguns amigos e benfeitores generosos, foi possível pagar o sinal exigido. Agora, era preciso arranjar mais alguns milhares de marcos para satisfazer as dívidas e para transformar o grande edifício, a antiga fábrica, numa casa habitável. O Padre João escreve no jornal “Cristo Rei e os Seus Perdidos”, que era enviado aos benfeitores e amigos da União de S. João:

“Terá sido uma temeridade ter assumido este risco, num tempo de tão grande miséria económica? Não, quanto maior é a miséria, mais precisa é a nossa obra. Será que já não acreditamos na misericórdia do Divino Coração? Poderá Ele abandonar-nos, Ele, o Salvador cheio de amor, que ia atrás da ovelha perdida, se nós só queremos procurar os seus filhos pródigos e conduzi-los de novo ao seu coração? Da mesma maneira que sabemos que Deus quer compadecer-se dos mais pobres, com a mesma certeza confiamos que não nos abandonará nesta obra”.

A Casa de Cristo Rei foi benzida em 1932; numa ala dessa grande casa, estão 200 a 230 camas, destinadas a receber os que não têm lar. O Padre João escreverá mais tarde aos seus: “Recebamos os sem lar como se recebêssemos o próprio Cristo. Repartamos com eles, se necessário, casa e haveres”.

Dia e noite, chegam os desabrigados da grande cidade. Vêm da estrada, da prisão, da casa de correção ou de qualquer canto escuro da cidade. Quase sempre, são homens interiormente despedaçados, vidas fracassadas. Sobre a porta de entrada da Casa de Cristo Rei, todos podem ler: “Misericórdia para vós, e paz em abundância”. Cada pobre que, na sua miséria, batesse à porta era generosamente acolhido. Aqueles que queriam mudar de vida podiam arranjar provisoriamente trabalho, em lugares que estavam em ligação com a casa, habituando-se novamente a uma vida ordenada; foi este o início do movimento de ressocialização, em que o Padre Haw foi, mais uma vez, pioneiro. Ele estava apaixonado

pelo amor de Cristo, e era este amor que o levava a servir os mais pobres, os errantes, os marginais.

Em 1935-1936 escreveu no seu Diário Espiritual:

“Bondade! Bondade! Bondade para com todos, no íntimo do coração e através da palavra e da ação. O amor conquista os corações”.

Para fazer face às grandes despesas da casa, uma vez que a assistência social ainda não estava bem organizada, abriu-se noutra ala da casa um hospício católico, com restaurante, e um lar para estudantes ou empregados que quisessem hospedar-se numa casa católica.

No centro da casa, fica a capela da adoração perpétua; dela falaremos mais tarde, em capítulo próprio.

Berlim foi apenas o princípio. Seria bom se todas as grandes cidades viessem a ter a sua “Casa de Cristo Rei!” Em 1938 foi a vez de Mainz, com a “Casa de S. Judas Tadeu”, e em 1948 de Colónia, com a Casa de S. João. Da mesma maneira que em Berlim, Mainz e Colónia em grande, assim acontece em mais pequeno em cada filial da União de S. João. É com um amor especial que se recebem os mais pobres dos pobres.

Vejamos agora uma carta que o Pai João escreveu em 1934, na véspera do Natal:

“Aproxima-se o Natal, a festa da paz! É em nome dos mais pobres, dos amargurados e desesperados, dos de alma despedaçada que, aos milhares, batem às nossas portas; é em nome daqueles em cuja alma já não brilha qualquer estrela de esperança; e de tantas crianças brancas, mas pagãs, que já não ouvem as suas mães falar do Céu, nem do Menino Jesus, que me dirijo a vós.

O Menino-Rei de Belém, que veio procurar a todos, e que também hoje está disposto a trazer-nos o seu Reino de Paz, repete-vos: ‘O que fizerdes ao mais pequenino dos meus irmãos, a Mim

mesmo o fazeis'. Olhai que sou Eu quem, na pessoa dos pobres e repudiados, cheio de fome e de frio, percorro as vossas estradas e bato às vossas portas! Sou Eu quem sofro, na alma de quantos perderam a paz, daqueles que se deixaram seduzir, dos que foram enganados!... Suplico a esmola do vosso amor, não ma recuseis!

A terrível miséria económica estende-se, paralisante, sobre todas as obras de amor. No entanto, nunca, como nos nossos dias, a clemência cristã se revelou tão maravilhosa. Presenciamos verdadeiros milagres de amor. E não temos nós, nestes tempos mais do que nunca, necessidade das bênçãos de Deus? Asseguremos a graça e a bondade de Deus para connosco, através das nossas obras de misericórdia!

Se já alguma vez sentistes na própria carne o que a miséria é verdadeiramente, então não preciso de vos pedir; vós mesmos vos sentireis impelidos a dar do pouco que tendes. Poupou-vos Deus à experiência da miséria? Então dai, como prova de gratidão!

Os Missionários de S. João Baptista celebram diariamente duas missas pelos seus membros e benfeitores, vivos e falecidos.

Que o Divino Menino vos conceda, e a todos quantos vos são queridos, as riquezas da paz e a alegria do seu Natal!

No amor de Cristo,
Padre João Maria Haw”



Padre João Haw abençoa doentes numa peregrinação em Leutesdorf (1935)

Os doentes são os nossos melhores membros e os mais zelosos.

O Padre João Maria Haw e os seus doentes

O Padre João conhecia a força do sofrimento quando é bem aceite e oferecido. Foi essa a razão que o levou a introduzir na Alemanha, em 1926, o movimento “Apostolado dos Doentes”, que tinha sido fundado na Holanda, no ano anterior: os doentes são animados a oferecer os seus sofrimentos a Cristo Rei, pelo seu Reino e pela conversão dos pecadores. A partir de agora, muitos milhares de doentes ajudam, através do sofrimento reparador, a atrair a graça de Deus sobre os seus irmãos mais necessitados. Na cruzinha do “Apostolado dos Doentes”, estão gravadas as palavras: “Com Cristo, estou crucificado”. O movimento conta hoje mais de 60 mil membros e a sua sede continua a ser em Leutesdorf; daí é enviada, mensalmente, a “Carta aos Doentes”.

Em junho de 1928, o Padre João escreveu, na circular “Cristo Rei e os Seus Perdidos”: “São comoventes as cartas que diariamente recebemos dos bons doentes. Como eles se consideram felizes por já não serem totalmente inúteis neste mundo, sim, por terem exatamente uma das vocações mais maravilhosas: salvar almas através das suas dores e sofrimentos, sendo missionários no mais elevado sentido da palavra! Sim, eles é que são os mais semelhantes ao nosso Divino Salvador, praticando o apostolado mais maravilhoso, o do sofrimento. Quem não sabe que o nosso Redentor redimiu o mundo pelo sofrimento?”

O Pai João era, também para os doentes, um verdadeiro pai. Eram 10 mil os que, mensalmente, recebiam o boletim “Carta aos

Doentes”, normalmente escrito por ele próprio. Estas “Cartas” levavam luz aos seus quartos escuros. Davam ao sofrimento, à solidão e à dor o seu sentido mais elevado. Embora sobrecarregado de trabalho, escrevia pessoalmente a alguns doentes. Tinha-os acolhido no seu coração. Quantas vezes dizia: “Os doentes são os nossos melhores membros e os mais zelosos!”

De onde lhe vinha este seu grande amor aos doentes? Os Missionários de S. João Baptista, na primeira “Carta aos Doentes” depois da morte do seu Pai João, dão a resposta:

“Ele conhecia a força do sofrimento, quando compreendido e aceite apostolicamente, e sabia-o por experiência própria; toda a sua vida foi doente e, por isso, se tornou um apóstolo dos doentes. Já como estudante, teve de interromper os estudos durante bastante tempo, porque a sua jovem vida corria perigo. O médico chegou a aconselhá-lo a desistir de estudar, mas não era essa a vontade de Deus. Ele queria-o como seu instrumento, queria fazer grandes coisas através dele. Por isso o conduziu, através da cruz e do sofrimento, à interioridade e à humildade, tornando-o atento à sua vontade. Pelo sofrimento e pela oferta silenciosa, ele devia abençoar e orvalhar, desde a juventude, a obra que Deus lhe confiaria mais tarde”.

Os doentes compreendem-se mutuamente. Só quem já sofreu e continua a sofrer abre o seu coração aos doentes num amor generoso. Aqui está a verdadeira chave do amor paternal do Pai João pelos doentes.

No Diretório que o Padre João escreveu para os seus missionários, pode-se ler: “Os irmãos doentes devem ser considerados como o maior tesouro da família religiosa. Se se unirem, com o seu sofrimento, a Cristo crucificado, farão descer verdadeiras torrentes de graça sobre a comunidade e o seu trabalho apostólico. A cama do doente deve ser algo de venerável, de santo. No próprio doente, vejamos só Jesus Cristo, a Quem tem de ser dispensado

todo o amor. Quanto ao doente, ele não deve ser exigente, mas sim edificar, pela paciência e mansidão, os seus irmãos, e oferecer os seus sofrimentos, em espírito de fé, pelos seus irmãos, pelos superiores e pelo bem do Reino de Deus”.

Já em 1915 tinha escrito, no seu Diário Espiritual: “Quem aceita plenamente as disposições de Deus, é tão alegre quando está doente como quando tem saúde”.

Como verdadeiro pai, o Pai João preocupa-se com os seus filhos doentes e sofredores. Se não pode visitá-los pessoalmente, escreve, enviando-lhes o seu conforto. Em junho de 1946, ele próprio, já bastante doente e enfraquecido, escreve a uma Irmã:

“Querida Irmã!

Ouvi falar na tua doença; mandei-te, muitas vezes, a minha bênção e recomendei-te ao Divino Coração e aos nossos queridos santos. O Divino Salvador parece ter-te contemplado com um amor especial, senão não te teria enviado esta provação, que significa uma grande fonte de graças para ti e para toda a nossa obra.

Embora seja difícil, para a nossa natureza, estar completamente em uníssono com a vontade de Deus, no entanto a felicidade que uma tal doença nos traz é extremamente grande. Agora podes fazer o apostolado mais valioso ajudando, em todas as horas do dia e da noite, a reconduzir as almas perdidas para o Coração de Deus.

De boa vontade me recordarei de ti junto ao altar, e peço ao Coração de Jesus que te envie a luz e a força do Espírito Santo, para que tu cresças todos os dias no amor do Deus trino e encontres a tua alegria na intimidade com o Senhor. No próximo mês de julho com certeza que te unirás, muitas vezes ao dia, às Santas Missas celebradas em todo o mundo e oferecerás o Preciosíssimo Sangue de Jesus pela Santa Igreja, pela nossa obra e pela santificação dos nossos membros. Reza também para que o Senhor nos envie

novos e santos membros, pois grandes tarefas nos esperam. Com afetuosos cumprimentos, para ti e para os teus, te abençoo no amor dos Santíssimos Corações de Jesus e Maria.

O teu Pai João Maria”



Adoração perpétua

Amor a Jesus Sacramentado

Cristo Rei

O Padre João sabia que, “se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os construtores” (Salmo 126). A oração e a reparação devem atrair as bênçãos de Deus. Já há muito tempo que planeava arranjar um lugar para a adoração perpétua, a fim de prestar homenagem ao Deus oculto no Santíssimo Sacramento. Em 1932, escreveu no seu Diário Espiritual: “Cristo no Santíssimo Sacramento deve ser o centro da vida de todos os membros da Congregação”.

As Irmãs seriam todas necessárias nos trabalhos urgentes das grandes casas, mas mais importante que Marta é Maria (Lc 10, 42)...

Bem no centro da Casa de Cristo Rei, em Berlim, essa casa tão barulhenta, surge a silenciosa e tranquila capela da adoração; em junho de 1932, a seguir à profissão perpétua, partem para aí as primeiras oito Irmãs que se vão dedicar à adoração reparadora. A 25 de março de 1933 é inaugurada a capela e fundado o ramo das Irmãs de clausura: elas oram e desagravam o Santíssimo isoladas do mundo, embora no meio da cidade. A sua missão é prestar reparação a Jesus Sacramentado por todas as ofensas, implorando a misericórdia de Deus para os homens, atrair as bênçãos divinas sobre os trabalhos apostólicos da União de S. João e sacrificarem-se pela santificação dos sacerdotes. Vivem no recolhimento da clausura. As Irmãs que mostrem vocação para a vida contempla-

tiva e manifestem o seu desejo aos superiores podem ainda hoje ser escolhidas para se dedicarem à adoração permanente e à contemplação, na comunidade das Irmãs da adoração.

Segundo o desejo do Fundador, o grupo contemplativo e ativo formam uma única congregação, com a mesma superiora geral. O ramo contemplativo representa o centro e o coração de toda a obra.

Mas não são só as Irmãs que se ajoelham diante do Santíssimo exposto na capela da Casa de Cristo Rei. Os habitantes de Berlim colaboram de todo o coração. O Padre Pedro Appel, que viria a ser o segundo superior geral dos Missionários, por morte do Fundador, com a ajuda das paróquias da cidade organiza a adoração noturna dos homens, tornando possível a exposição do Santíssimo dia e noite. A toda a hora se encontram pessoas ajoelhadas, reparando o Senhor por todos os ultrajes com que é ofendido na grande cidade; vão aí também buscar luz e força para a sua vida espiritual e rezar pelos seus irmãos que se afastaram de Deus.

Todos os dias, além da adoração silenciosa do Santíssimo, os visitantes podiam participar na oração da tarde, organizada de maneira a possibilitar-lhes um aprofundamento religioso. Havia um programa diferente para cada dia da semana: conferências sobre a fé, os santos ou a Bíblia, diversos temas apostólicos, etc. A capela da adoração tornou-se, em Berlim, um centro de paz, de aprofundamento religioso, de graça e reparação; Jesus Eucaristia abençoava e cobria de graças os que vinham a Ele.

A devoção eucarística que o Pai João se esforçava por desenvolver nos seus filhos tinha origem no seu grande amor a Jesus Sacramentado: era Ele o centro da sua vida! Em fevereiro de 1920, escreveu no seu Diário: “Que o meu sítio preferido seja diante do sacrário, tantas vezes e tanto tempo quanto for possível”. E em 1927-1928: “A minha devoção ao Santíssimo Sacramento tem que tornar-se muitíssimo maior”.

Nas horas de adoração ajoelhava como uma estátua de pedra diante do Santíssimo, todo ele respeito e devoção. O Padre Berghoff, seu primeiro biógrafo, testemunhou que, depois das necessárias conversas de negócios, o via alguns minutos mais tarde ajoelhado na capela, a rezar com tal fervor que não se podia desviar dele o olhar. Nunca saía de casa sem ter feito uma visita à capela e, ao regressar, era aí que se dirigia em primeiro lugar, a saudar o seu Senhor. “Fazer sempre primeiro um ato de profunda adoração e ardente amor”, escreveu ele no seu Diário, em 1915.

A Irmã Valéria testemunha: “Lembro-me que algumas vezes, durante a exposição do Santíssimo, no seu amor singular e ardente, chamava, cheio de fervor, a atenção para a hóstia e exortava a que se correspondesse ao seu amor, de tal maneira que se experimentava verdadeiramente a presença de Cristo no Santíssimo Sacramento. Nisso, ele estava bem no seu ambiente e entusiasmava os que o ouviam”.

Quem tinha a sorte de participar na Eucaristia que ele celebrava nunca o poderia esquecer. Nele, tudo estava com Jesus.

Em 1943, teve de fixar a sua residência em Strausberg, nos arredores de Berlim, onde nessa altura também se encontravam as Irmãs da adoração. Tomava o pequeno-almoço sozinho, no seu quarto (que lhe servia, simultaneamente, de sala de trabalho, sala de visitas e quarto de dormir) para, a seguir à missa, não ser interrompido nos seus pensamentos. “Enquanto os hóspedes estavam a tomar o pequeno almoço”, escreve um leigo, “entrava ele sem ruído, depois da ação de graças, e dizia em voz suave: ‘Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo’. Sem dizer mais uma palavra e sem aguardar a de algum dos que estavam à mesa, dirigia-se ao seu quartinho. O seu rosto brilhava com um brilho celeste. ‘Ele ainda está com os anjos ao altar’, disse-nos uma vez o nosso capelão, quando o Padre João, mergulhado em pensamentos, passava pelo refeitório”.

É ainda a Irmã Valéria que nos diz: “Regularmente, encontrava-

-se cedo na capela, atrás, no seu genuflexório. Na sacristia só falava se fosse necessário; levava a sério a preparação. No altar, todo ele era devoção... Se eu própria não estivesse bem atenta, então voltava a mim, o mais tardar ao 'Pai Nosso', que ele rezava com tão profunda e sublime devoção. Isso acordava”.

Nalguns dias e em determinadas épocas, diziam os seus colaboradores mais próximos, sente-se que ele, a seguir à missa, vive numa atmosfera elevada. Nessas alturas só fala e vive de Deus, e dá pouca atenção às coisas materiais que lhe apresentam.

A vivência da alma revelava-se também no exterior. Mesmo quando doente, era-lhe difícil estar muito tempo de pé na Santa Missa, mas ninguém se apercebia disso. Celebrava sem pressas, com grande tranquilidade. As genuflexões eram exatas, apesar do grande esforço que tinha de fazer.

Quando os seus perguntaram ao Pai João qual era a espiritualidade específica da União de S. João, ele respondeu: “...Cristo no Santíssimo Sacramento tem de ser o centro da vida de todos os membros da Congregação. Quando o mundo já não encontrar o caminho para o Salvador Eucarístico, perecerá. Temos de vivificar cada vez mais a fé no Santíssimo Sacramento e de ir buscar a força ao Coração de Deus feito homem, para atingir uma santidade cada vez maior e para trabalhar com verdadeiro êxito na salvação e santificação das almas”.

Quem vive verdadeiramente a missa e recebe o Senhor na Sagrada Comunhão, unir-se-á cada vez mais intimamente a Jesus, e isso não pode deixar de se refletir no seu comportamento. O Padre João escreve, em 1937, no seu livrinho “Cristo chama-nos”:

“Através do Sacramento do Amor, Cristo atrai irresistivelmente as pessoas a Si... Levemos Cristo, a Quem recebemos na Sagrada Comunhão, para dentro da nossa família, da nossa atividade diária, deixemo-l’O irradiar à nossa volta, e seremos apóstolos sem que a nossa boca fale”.

Não são só as Irmãs de clausura que se devem dedicar à adoração eucarística. O Padre João escreveu na revista “O Arauto”, em 1937:

“Antes de tudo, as Irmãs têm a missão magnífica de serem adoradoras do Rei Eucarístico. Passam as horas mais belas junto do sacrário; em todas as casas da União de S. João onde é possível, o Santíssimo é exposto para adoração, pelo menos durante algumas horas. É aí que se apresentam ao Senhor as necessidades de toda a obra, as preocupações e necessidades dos benfeitores, os interesses do Reino de Deus”.

No outono de 1940, as Irmãs da clausura mudaram de Berlim para Strausberg. Depois de, nos anos seguintes, passarem por várias casas em Leutesdorf, Bonn, Colónia, Oberhausen e Braushardt, foi construído para elas o Convento de Santa Cruz, em ligação com a Igreja de Santa Cruz em Leutesdorf, onde se encontram agora.

A devoção a Jesus na Eucaristia e a preocupação com a formação religiosa dos leigos levaram também o Padre Haw a introduzir na Alemanha a Cruzada Eucarística Pio X. Os seus membros comprometiam-se a participar frequentemente na Santa Missa, a comungar, se possível pelo menos uma vez por semana, e a unir, pelas mãos de Maria, a sua atividade diária às intenções da Santa Missa. Além disso, deviam estar prontos a defender, na sua vida privada ou publicamente, os interesses do Reino de Cristo e a atuar como apóstolos no mundo, através da oração e sofrimento, do exercício da caridade, ou da palavra e da escrita. Preparavam-se, durante um tempo de prova, de pelo menos três meses, para se consagrarem solenemente a Cristo Rei. Foram estes membros da Cruzada Eucarística que primeiro se empenharam e se organizaram para que a adoração eucarística, que tinha lugar na casa de Cristo Rei em Berlim, pudesse realizar-se também durante a noite.

Tinha sido sob a “bandeira” de Cristo Rei que o Padre Haw tinha fundado a União de S. João, com as suas duas congregações.

Ainda hoje, no dia da sua profissão, os Missionários e as Irmãs de S. João Baptista se consagram solenemente a Cristo, seu Rei crucificado, pelas mãos de Maria, para a expansão do Reino do seu Amor. Foi a Ele que o Padre João consagrou a Casa Mãe dos Missionários, em Leutesdorf, e a grande Casa de Cristo Rei, em Berlim, com a capela da adoração.

O Padre Haw tinha travado conhecimento, em parte através do Movimento da Temperança, com sacerdotes de toda a Europa.

Todos eles estavam convencidos que a paz e a reconciliação entre as pessoas e entre as nações só seriam possíveis quando Cristo fosse novamente reconhecido e adorado. Ele, o Rei crucificado, terá de ocupar o primeiro lugar, a sua realeza tem de estar acima de todos os poderes políticos e materiais deste mundo. Foi a partir destas ideias que o Padre Kalán, da Jugoslávia, e o Dr. Mack, do Luxemburgo, pensaram em organizar os Congressos de Cristo Rei. O Padre Haw ajudou a pôr em prática essas ideias, preparando as bases para o primeiro congresso, que se realizou em Leutesdorf. No domingo, 23 de setembro de 1928, saiu do Castelo de S. João um cortejo festivo, com a imagem de Cristo Rei, em direção à Casa de Cristo Rei, Casa Mãe dos Missionários, que tinha sido acabada de construir. Foi no seu pátio que teve lugar a cerimónia solene e, no encerramento do Congresso, foi benzida a casa.

No Diário Espiritual do Padre João podemos ler: “Viva Cristo! Viva o Salvador! Ele é o Rei crucificado, o Redentor dos povos, o Deus de Amor. Desconhecido da maioria e, no entanto, tão perto de todos! Um dia estive diante de Pilatos, revestido de um manto real sanguinolento, com uma coroa de espinhos na cabeça, com um cetro de escárnio na mão. O representante da maior potência mundial desse tempo perguntou-Lhe: ‘Tu és Rei?’. Cheio de dignidade e humildade, o Homem das dores respondeu: ‘Sim, Eu sou Rei!’” (1933). O Diário Espiritual termina em 1949, ano da sua

morte, com uma única anotação nesse ano: “*Christus Rex!* Aclamar tantas vezes quantas puder: Jesus, meu Rei! Jesus, meu Rei!”





A formação dos futuros missionários Leutesdorf e Mainz

O Padre João Haw abriu em Leutesdorf, a 31 de maio de 1928, a “Escola Apostólica da União de S. João”. Destinava-se à formação de rapazes que tivessem o desejo de vir a ser sacerdotes, para futuros missionários de S. João Baptista. A maioria deles vinha de famílias pobres, pois o Padre João não punha problemas de dinheiro desde que os rapazes fossem piedosos, possuíssem um coração puro e tivessem vontade de se preparar para virem a ser sacerdotes. “Como é que nós teríamos coragem”, escreve ele, “para mandar embora um rapazinho vivo, em cujos olhos brilha a inocência, se a sua alma se consome de desejo pelo sacerdócio?!” A escola era mantida com a ajuda de generosos benfeitores.

A escola começou com três alunos, mas aumentaram de tal maneira que o Lar de S. João, onde funcionava a Escola Apostólica, já não era suficiente para os albergar. Em Mainz estava à venda, em condições vantajosas, um antigo quartel. O Padre João entregou, com grande confiança, à intercessão de Santa Teresinha a solução do problema económico; ela, que o Santo Padre tinha escolhido para padroeira das missões, não deixaria de ajudar na formação dos missionários para os “pagãos brancos” dos nossos dias.

Em 1932 foi comprado parte do quartel: dois edifícios grandes e alguns pequenos, com grandes terreiros pelo meio. Um dos edifícios maiores foi arranjado para escola, tomando o nome de “Lar

de Santa Teresinha”. O outro estava destinado a receber os desabrigados e abandonados, o que só veio a verificar-se em 1938.

Tinha sido preciso fazer algumas obras de restauro e adaptação no edifício destinado à escola e, por isso, foi necessário enviar duas Irmãs para porem tudo em ordem. Quando, na hora da partida, a madre Gertrudes, superiora geral, disse ao Pai João que elas deviam levar algum dinheiro para os inícios, ele respondeu admirado: “Eu dou-lhes, da janela, a bênção para a viagem, veremos se elas têm confiança!” Mas a boa madre ainda veio apressadamente ao carro e entregou-lhes algum dinheiro. Ao chegarem, encontraram as obras bastante atrasadas: a casa ainda estava com andaimes, sem portas nem janelas... As Irmãs passaram a primeira noite numa casa da Cáritas, mas, como o preço que tinham de pagar era demasiado para as suas posses, passaram a dormir na casa em obras, no 3.º andar: um colchão no chão, um cobertor... e era tudo.

A Irmã Lioba conta: “Às quatro horas da manhã descíamos, com as nossas coisas debaixo do braço, e íamos para a igreja dos Capuchinhos... Foi um tempo difícil, mas belo. Tínhamos força e coragem juvenil”.

A mudança dos alunos de Leutesdorf para Mainz foi também uma verdadeira aventura. “Em duas ou três viagens na nossa velha furgoneta”, conta o Pai João, “partiram para Mainz os nossos alunos e Irmãos, passando por Bornhofen, onde foi celebrada a Santa Missa e de onde levaram a bênção da Senhora das Dores. As viagens foram quase um perigo. O camião era pequeno demais. Os alegres rapazes iam, de pé ou sentados no chão ondulado, entalados no meio de caixas e de móveis, como num redil. Quando surgia uma curva, havia alegre gritaria e vérias de todos os lados, que nenhuma corte igualaria. Mas tudo se suportou de bom grado, pois tratava-se de ir para a escola nova”.

Em Leutesdorf continuou a existir uma Escola Apostólica, des-

tinada a vocações tardias. Também era em Leutesdorf, na Casa de Cristo Rei, que se encontravam os rapazes que queriam ser Irmãos. Vinham a partir dos 14 anos e, conforme as suas tendências, aprendiam uma profissão manual. Ao atingir os 18 anos pediam, então, para ser admitidos no postulante dos Irmãos.

A devoção do Padre João a Santa Teresinha, que o levou a colocar a escola sob a sua proteção, vinha já de longa data. Em maio de 1915, escreveu no seu Diário Espiritual:

“Boa Santa Teresinha do Menino Jesus, como tu desejas atuar como sacerdote! Que alegria tiveste ao receber, em dois sacerdotes piedosos, dois ‘irmãos’ espirituais. Aqui não encontro uma ‘irmã’ que divida comigo os seus méritos; sê tu no céu a minha irmã sacerdotal! Ensina-me e adverte-me, repreende-me, purifica-me e fortalece-me para que eu me torne digno do Salvador e, como sacerdote, conduza muitas almas para Deus”.

Na passagem de ano 1934-1935, escreveu: “Esta noite escolho Santa Teresinha do Menino Jesus como minha padroeira especial. Que ela desenvolva em mim um grande e heroico amor a Jesus. Então, poderei tudo”.



Confiança inabalável em Deus

O Padre João Maria Haw distinguiu-se por uma grande confiança em Deus. Ele não conhecia apenas a exigência de Jesus “não vos preocupeis”, mas vivia nessa atitude interior, que brotava do conhecimento de Deus e do seu Amor. Quando reconhecia qualquer obra como vontade de Deus, não havia nada que o impedisse de a realizar, pois confiava plenamente na sua ajuda. Tinha o dom de esperar contra toda a esperança.

Realmente, ele construiu toda a sua obra confiando na Divina Providência. E nem que ele, este homem que apesar da sua calma sempre imperturbável estava cheio de grande energia e de força quase explosiva, tivesse trabalhado e produzido ainda mais, não teria realizado a sua obra, se o olhar de Deus não tivesse poitado sobre ele, e a sua mão não o tivesse visivelmente ajudado. O mérito do Padre João estava em deixar-se conduzir pelo Pai do Céu, como criança pela mão da sua mãe. Em cada iniciativa, procurava sempre a vontade de Deus; quando a reconhecia, seguia firme, férreo e constante o caminho, investindo toda a sua energia.

“Nunca teria pensado”, diz ele aos seus filhos em 1937 na festa de S. João, “que poderia suportar sobre os meus fracos ombros o peso de uma obra destas. Mas o bom Deus é que dispôs assim e dotou-me de uma grande leviandade. Outras pessoas chamam a isto audácia. Comecei algumas coisas a respeito das quais outros abanavam a cabeça; mas temos de admitir que o bom Deus o dispôs assim. Tem de haver alguém que seja imprudente.

Se eu tivesse previsto as dificuldades que poderiam aparecer, teria desanimado e nunca me teria arriscado. Hoje, quando olho

para trás e vejo o que, a pouco e pouco e com o decorrer do tempo, comecei, deveria ter os cabelos todos em pé. Foi bom que, na altura, não tivesse visto. Deixei-me sempre conduzir pela Divina Providência. Isso foi o melhor. Sou o servo de Cristo Rei e alegro-me com isso”.

O Padre João pedia, procurava, batia à porta do coração de Deus com tão grande confiança que nunca era desiludido. Deus não abandonava o seu fiel servo, que acreditava e confiava n’Ele com fé de criança. Por isso, ele podia escrever: “A União de S. João está construída sobre os alicerces da infinita misericórdia de Deus, as suas obras assentam nos braços da Divina Providência. Se ela é querida por Deus então permanecerá, apesar de tempos desfavoráveis, apesar de todas as dificuldades. Até agora o bom Deus ajudou-nos de maneira maravilhosa. Em horas de aflição, quando se aproximavam os fantasmas da preocupação, que são nossos hóspedes quase diários, Ele enviou-nos sempre pessoas boas, com um coração cheio de amor e confiança ao serviço da misericórdia... Por isso, continuamos a confiar no coração bondoso do Rei de Amor, a Quem pertencem as nossas casas, a Quem os nossos Padres, Irmãos e Irmãs se consagraram, para Quem nós queremos viver, trabalhar, sofrer e lutar...”; de “Cristo Rei e os seus perdidos”, maio de 1937.

O arquiteto Jacob Renner, conhecido por Irmão Francisco, tinha posto as suas capacidades ao serviço da União de S. João.

Foi ele quem fez os planos e dirigiu as obras das Casas de Cristo Rei de Berlim e Leutesdorf, assim como do Lar de Santa Teresinha em Mainz e de parte da Casa da Imaculada em Leutesdorf. Era casado e tinha três filhos. É ele que nos conta os dois factos que se seguem.

“Quando a Casa de Retiros foi benzida, eu estava lá. Ao pé de mim estava um senhor que me contou: eu já estive na bênção da primeira pedra desta casa. Na cerimónia, fiquei ao pé de um sacerdote para quem observei, abanando a cabeça: ‘Como é que

este homem pode, nos tempos de hoje, começar a construção de uma casa tão grande sem ter dinheiro?’ Também o sacerdote abanava a cabeça. Era da minha opinião. Logo a seguir, passou por nós o Padre João. Não me pude impedir de lhe dizer: ‘Senhor Padre, como é que se pode arriscar a começar uma tal construção, quando lhe faltam os meios necessários para a realizar?’ Sorrindo, respondeu: ‘O meu Banqueiro é diferente do seu’. Pensei comigo e até o disse ao sacerdote: ‘Um homem como este devia estar na prisão’. E agora, aqui está a casa pronta. O seu Banqueiro cuidou paternalmente dele!”

Como é que Deus ajudava o nosso Padre João? O “Castelo dos Leões” foi comprado. Mas, para casa de retiros como deve ser, faltavam um jardim e um terraço. Jardim e terraço custam 60 mil marcos. O Padre Haw não tem um tostão disponível, mas sabe que é essa a vontade de Deus e, por isso, Ele ajudará. De Colónia chega um telegrama do proprietário: “Comprar hoje, senão vendido a outro”. O Padre Haw responde, telegrafando: “Eu vou”.

Em Colónia, quando vai a descer as escadas para a saída da estação, vem-lhe ao encontro um sacerdote, seu amigo de juventude, que o cumprimenta e diz: “Ouvi dizer que querias construir uma casa de retiros. Precisas de dinheiro? Devolveram-me hoje 60 mil marcos de hipoteca; podes dispor deles”. O Padre João vai imediatamente ao notário com o seu amigo e o caso fica resolvido. Na linda casa de retiros “Castelo de S. João”, hoje Casa Mãe das Irmãs, podem começar as obras de adaptação. O dinheiro só chega até ao telhado.

O Irmão corresponsável pela parte financeira observa: “Como é que vamos continuar? Já não temos nem um tostão”. O Pai João responde: “Como é que pode correr mal agora, se estamos a chegar ao trabalho profissional de S. José?” E ele tem razão. Alguns dias mais tarde chega um sacerdote holandês, o Prelado Ariëns, trazendo dinheiro. Ele conhecia o Padre Haw através do Movi-

mento da Temperança. O Padre João tinha-se-lhe dirigido, pedindo ajuda para a construção da casa de retiros, embora lhe custasse fazê-lo nessa altura, devido à grande crise de inflação em que se vivia. Mas o Prelado Ariëns ajudou, embora para isso tivesse tido de empenhar os seus próprios móveis e fazer frente a outras dificuldades, que estão descritas em pormenor na sua biografia. Está introduzido o seu processo de beatificação.

O palácio de Braunshardt, junto a Darmstadt, está à venda. Deve surgir ali uma nova casa de retiros. A Cáritas exige 40 mil marcos de sinal. Onde ir buscar essa quantia? O Pai João encarrega um arquiteto amigo de procurar um banco que lhe faça um empréstimo.

O Leo-AG aceita imediatamente e o arquiteto vem dar a boa notícia ao Pai João. Mas ele faz sinal que não e diz sorrindo: “Não preciso do banco; já tenho o dinheiro”. Na bênção desta casa de retiros, o bispo de Mainz observa: “Onde é que o Padre Haw foi buscar o dinheiro, será sempre para nós um mistério”. E o Padre João, sorrindo: “Foi sempre assim; os outros preocuparam-se sempre mais com o dinheiro do que eu próprio”.

Quer-se fundar, em Berlim, a grande Casa de Cristo Rei. O Padre João decide comprar, para esse fim, uma antiga fábrica, pelo preço de 450 mil marcos. Quando o solicitador o conduziu, a ele e ao Irmão Francisco Renner, arquiteto, da mesa de negócios à sua casa, voltou-se no carro para o Padre João e disse: “Senhor Diretor, se me dissesse que sinal é que está disposto a pagar, poderíamos fechar mais depressa o negócio”.

O Padre Haw respondeu: “Não, eu ainda não lho posso revelar”. E o solicitador: “Desculpe, Senhor Diretor, eu não quis ser curioso. Pensei que, no interesse da União de S. João, devia fazer a pergunta”. Quando o Padre João chegou a casa com o Irmão, observou laconicamente: “Irmão, que é que o solicitador teria dito, se soubesse que não tenho dinheiro nenhum?” O irmão replicou: “Teria dito, certamente, ao seu chauffeur: pare, por favor, os se-

nhores querem descer!” Mas quando chegou o dia da compra da fábrica, já o Padre João tinha na mão mais de 100 mil marcos, uma soma superior ao que era exigido como sinal.

A fábrica é remodelada para Casa de Cristo Rei. As letras de câmbio sucedem-se.

A Irmã superiora recebe, não sem motivo, ir um dia parar à prisão com o Padre Haw. Está muito preocupada e precisaria de desabafar, mas não encontra uma oportunidade. Por fim, cruza-se com o Pai João no corredor e entram os dois para uma sala. Quando ela lhe conta a sua aflição, ele responde calmamente: “Deixa isso, isso vem do demónio, que quer destruir a nossa obra”.

As letras de câmbio são vencidas, mas falta a maior parte. O dia do vencimento é dia de profissão e tomada de hábito. O Pai João chega na véspera.

O vencimento da letra parece não o preocupar nada. A superiora lamenta-se. Ele diz, como resposta: “Repara, amanhã vão tomar hábito tantas Irmãs. O bom Deus não deixará de ajudar, Ele não pode resistir a estas filhas”. De manhã é o vencimento da letra. São dez horas. Chega um carro. Uma senhora pergunta ao Irmão que abre a porta: “Precisa de um empréstimo?”; e entrega-lhe a quantia da letra que está em pagamento. Quando o Padre João sabe disso, observa muito calmamente: “Estava claro, não podia deixar de ser assim!”

Uma ocasião ele visitou o centro da Cáritas em Turim, que estava em plena conformidade com o seu nome. Sobre todas as portas dessa construção podiam-se ler as palavras: “Não te preocupes com o dia de amanhã”. O Padre João diz alegremente ao seu companheiro: “Olha, cá está novamente! Nesta casa não têm caixa nem contabilidade e, no entanto, nunca falta nada”. Aqui, ele sente-se em casa. Aqui, sopra um espírito como o seu.

Os que conheciam o Padre João mais de perto sabiam que ele tinha, certamente, feito um seguro na Divina Providência.

Quando o senhor Teodoro Hilpisch (futuro Irmão José) pensou em renunciar à sua posição para trabalhar com ele na União de S. João, recentemente fundada, pediu conselho aqui e além.

Um sacerdote bem colocado, seu parente, desaconselha: a obra ainda é muito recente. Um outro sacerdote, que conhecia o Padre João e veio a ser bispo auxiliar em Trier, o Bispo Fuchs, ouviu falar disso e diz ao senhor Hilpisch: “Vá descansado para lá! O que o Padre Haw começa não pode sair mal. Ele tem uma confiança em Deus que nenhum de nós consegue igualar”.

Na casa “S. João do Alto”, o professor Padre Robert Schmitt, colega de curso do Padre João Maria Haw, faz uma conferência às Irmãs sobre a confiança em Deus e diz: “Se quereis ter um exemplo de confiança em Deus, descei lá abaixo e visitai o vosso Padre Diretor. Ele não se preocupa. Não faz contas. Deus, em Quem confia firmemente, ajuda-o em tudo”.

Também o Padre Lichtenberg, que o conheceu bem, e de quem falaremos mais adiante, testemunhou: “O vosso Padre Diretor é um santo. Tive a oportunidade de o observar bem de perto durante muito tempo. O que mais me impressionou foi a confiança em Deus e a paciência que o Padre João Maria Haw conservou em todos os revezes”.

E um sacerdote jesuíta: “Na altura em que os nazis queriam destruir as suas comunidades, quando ele já tinha sofrido muita coisa e devia recluir, podendo já prever claramente o pior, tanto quanto me lembro não dizia à mesa uma palavra acerca disso. Permanecia completamente calmo. Uma grande confiança em Deus!”

Terminamos este capítulo com as palavras escritas pelo Padre João no seu Diário Espiritual, em 1928:

“Ó Jesus, meu amigo! Como é que Jesus não me há de conceder também alegrias, se eu me dou a Ele inteiramente? Alegrias verdadeiras, puras, dignas d’Ele! Mesmo quando Ele permite sofrimentos na minha vida, ameniza-os com o seu Amor. Confiança!”

Império nazi

Guerra e destruição

Depois da Primeira Guerra Mundial de 1914-1918, o Império alemão foi substituído pela chamada República Weimar. A República lutava com grandes dificuldades e com problemas económicos e políticos de grandes proporções. Em 14 anos houve 19 governos e eram 36 os partidos que disputavam as eleições. Era preciso reconstruir o que tinha sido destruído pela guerra, e isso ia além das possibilidades económicas da Alemanha. A crise económica mundial dos anos 30 acabou por destruir totalmente a sua economia: milhões de famílias verificaram que todo o seu dinheiro estava reduzido a papéis sem valor, enquanto milhões de homens e mulheres robustos se encontraram na rua, sem trabalho. Neste caos, foi possível ao demagogo Adolfo Hitler reconstruir um partido que prometia “pão, trabalho e a glória nacional” e capturar o governo. Mas as ideias diabólicas e os métodos que se ocultavam atrás desses slogans excedem a imaginação humana normal... A maldade e a perversão da mente e do coração atingiram proporções incríveis: assassínios secretos e violência, campos de concentração e câmaras de gás, propaganda mentirosa e histeria de massa, repressão sistemática das forças e organizações da oposição, que resultaram em numerosos martírios e traições, atos de heroísmo e de cobardia, grandes atos de amor e horríveis atos de ódio. O Socialismo Nacional foi declarado o único partido, dominando toda a vida social, económica e política. Qualquer crítica ao governo era severamente punida. Travava-se uma luta brutal contra cristãos, judeus, liberais, socialistas e comunistas.

A ideologia do Socialismo Nacional, regime nazi, tinha que entrar em luta com o verdadeiro cristianismo. Quem conhecia a alma desta ideologia não se enganava com as mais belas garantias. Quem diviniza o próprio sangue é contra o Espírito. Quem festeja o poder e considera o amor como fraqueza renegou a fé cristã e tornou-se seu inimigo. Por isso é que o regime nazi observava, desconfiado, as obras sociais, religiosas e caritativas da União de S. João; via nela um rival e um inimigo, e procurava eliminá-la pouco a pouco.

Em 1933, mal o Socialismo Nacional chegou ao governo, logo começou a fiscalização da União de S. João, primeiro distante e depois mais aberta. Principalmente o apostolado da imprensa, a tipografia e a contabilidade foram submetidos a um controlo cada vez mais rigoroso. Na Semana Santa, a Casa de Cristo Rei em Leutesdorf, sede da União de S. João, foi cercada por funcionários da polícia do Estado, armados.

Fizeram uma busca em todas as divisões da tipografia e da casa, até nas próprias camas dos Irmãos, na esperança de encontrarem publicações adversas ao Estado. Claro que não encontraram nada.

Em 1934, a tipografia continuou a ser constantemente examinada. Vinte mil cartas pastorais foram confiscadas e as brochuras mais inofensivas, como “Santa Inês” e “Orações para a hora da morte”, foram enrodilhadas.

Em 1935, a gerência da União de S. João foi severamente observada, os livros pormenorizadamente revistados, mas sem resultado. A gerência era irrepreensível. Ainda nesse ano, foi proibida a “Cruzada Eucarística Pio X”.

Ameaças, interrogatórios e proibições são o dia a dia desta época. A espionagem é cada vez mais rigorosa. Um membro do partido, subsidiado pela Gestapo, polícia secreta do Estado, participa num retiro para demonstrar que esses exercícios religiosos

eram contra o Estado; mas, na última noite do retiro, é ele que vai ter com o pregador e se converte. A organização dos retiros é extremamente dificultada e, por fim, impossibilitada. As casas continuam a ser constantemente examinadas, livros e material de trabalho são confiscados.

Em 1938, são proibidas as revistas “O Arauto” e “Nós, filhos de Rei”. Em 1939, é dissolvido o “Lar de Santa Teresinha” em Mainz.

Em novembro de 1940, chegou confidencialmente a Leutesdorf, vinda de círculos oficiais, a notícia de que as publicações e a tipografia seriam confiscadas. Resoluto, o Padre João, com a aprovação dos bispos, transfere para Berlim a direção da União de S. João.

Nessa cidade de milhões de habitantes, havia a esperança de poder continuar a trabalhar sem se ser importunado. Em Leutesdorf são carregadas duas carruagens de comboio com a instalação do escritório e muitos milhares de publicações, e partem em direção a Berlim. Em Berlim, tudo é confiscado pela polícia do Estado. As Irmãs Norberta e Irmina, que iam no mesmo comboio para levantar e arrumar tudo em Berlim, ficaram sem nada.

A 5 de maio de 1941, chegou a Berlim o grande golpe: 50 funcionários da polícia do Estado interrogaram, na Casa de Cristo Rei, todos os moradores. Não se revelou nada de culpável. Apesar disso, o chefe declarou a casa confiscada. Todos os padres, incluindo o Diretor Haw, tinham de deixar a casa no prazo de três dias e não poderiam lá voltar a entrar. Nas dispensas da cozinha foram empilhados, juntamente com barricas e latas, em parte vazias, todos os alimentos encontrados, e foram fotografados. A Casa de Cristo Rei, exposta em fotografias, foi acusada publicamente de “gula”. No entanto, era com esses alimentos que diariamente se sustentavam 350 pessoas, parte delas gratuitamente.

Ao Irmão Hermann, no interrogatório, fazem-lhe a pergunta capciosa: “Como é que fazem com a missa, se de noite houver alarme?” Resposta: “Orientamo-nos pelas leis”. O Irmão é des-

composto: “Você mente! O pessoal de serviço não disse isso”. E ele: “Se você não me acredita, é escusado dar qualquer resposta”. Na disputa que se seguiu escapou ao Irmão a expressão: “Parece que estamos aqui como na Rússia bolchevista!”

Por causa desta observação, o Irmão foi conduzido ao chefe dos funcionários. Recusou qualquer declaração, uma vez que tudo seria inútil, mas pôs a pergunta: “A celebração da missa será um perigo para o Estado?” O funcionário: “Porquê?” O Irmão: “Mesmo que o senhor não o diga, procede como se fosse”. O funcionário deu um salto, gritando: “Levem-no da minha vista!” O Irmão ainda conseguiu escapar-se até ao pé do Pai João. Em poucas palavras pô-lo ao corrente do que se tinha passado e recebeu a bênção de despedida; foi parar ao campo de concentração de Dachau, onde esteve desde setembro de 1941 até ao fim da guerra, em maio de 1945.

“Os milhares de pobres e vagabundos a quem o amor cristão tinha proporcionado um teto foram postos na rua”, escreve o Pai João no seu relatório.

A 9 de setembro de 1941 vem o último golpe exterminador. A União de S. João foi remetida a uma disposição da repartição secreta do Estado de Berlim, segundo a qual, por causa do parágrafo 1 do decreto do presidente do Reino para a proteção do povo e do Estado, a União de S. João era dissolvida e proibida, e as suas casas confiscadas com todos os seus haveres. Além da Casa de Cristo Rei em Berlim, foram atingidas por este decreto: a Casa de Cristo Rei, o Castelo de S. João e o Lar de S. João em Leutesdorf, o S. João do Alto, tudo o que ainda havia em Mainz (a escola já tinha fechado), o Castelo de Braunshardt, Bonn e Döberitz. Com a União de S. João, também foram suprimidas as Congregações dos Missionários e das Irmãs de S. João Baptista, embora fossem instituições autónomas.

No Castelo de S. João, Casa Mãe das Irmãs, os membros da

polícia do Estado apareceram de manhã cedo. Na portaria, começaram por confiscar a caixa. As Irmãs tiveram de se juntar todas no refeitório, em frente dos polícias. A Madre Gertrudes foi mandada primeiro para casa, para não poder influenciar a comunidade; o dinheiro que lhes deram, tirado da própria caixa das Irmãs, não deu sequer para chegar a casa da sua família. Às Irmãs mais novas foi dito que estavam livres e se podiam dirigir a eles com confiança, pois lhes dariam bons empregos; mas ninguém seguiu essa proposta. As Irmãs mais velhas foram para casa dos familiares, as mais novas foram em parte obrigadas a prestar serviços sob a inspeção da Gestapo.

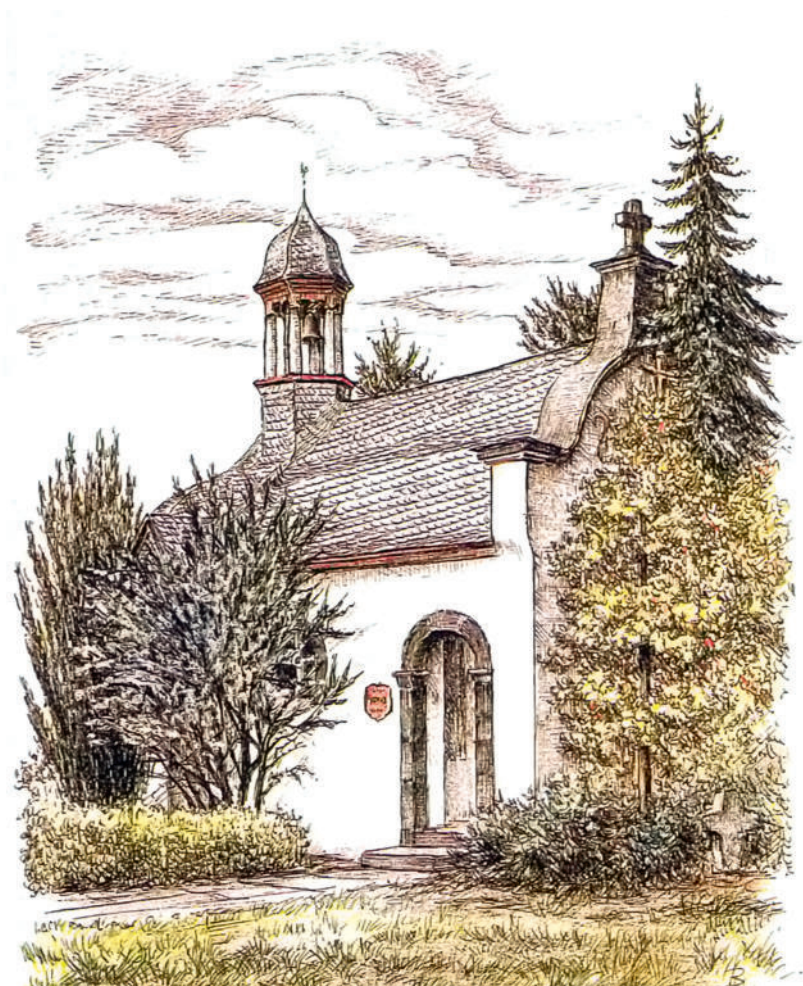
Os membros estiveram dispersos durante os anos seguintes, até ao fim da guerra, em maio de 1945. Em Braunshardt, as Irmãs foram obrigadas a tirar o hábito religioso e a sua superiora, Irmã Valéria, esteve 21 dias na prisão. A casa de Braunshardt foi convertida em casa de inválidos, as de Mainz em hospital de crianças. A casa de S. João do Alto foi transformada em lugar de exercício para a juventude de Hitler, a Casa Mãe das Irmãs, em escola para a polícia do Estado. Um grupo de Irmãs tomou conta da cozinha e lavandaria de um sanatório em Neuss (cozinhava-se para 900 pessoas), mais tarde também do escritório, substituindo os Irmãos que tiveram de prestar serviço na guerra. A Madre Gertrudes veio de casa e juntou-se a esse grupo, ajudando as Irmãs a aceitar positivamente essa grande mudança.

Algumas Irmãs puderam aproveitar bem este tempo de guerra, aprendendo enfermagem em Berlim, Halle, Neuwied ou Linz. Abriram-se algumas secções de apostolado.

Strausberg foi a única casa que não foi confiscada, por não estar registada como pertencendo à União de S. João; estava ainda no nome do antigo proprietário. Por isso as Irmãs de clausura, que aí se encontravam, puderam continuar sempre a adoração reparadora.

Os sacerdotes que não eram obrigados a prestar serviços na guerra tiveram de abandonar as casas.

Na Casa de Cristo Rei em Leutesdorf, os novos “donos” decidiram que a estátua de Cristo Rei, no telhado da casa, tinha de ser derrubada. Mas isso não aconteceu, porque nenhum habitante de Leutesdorf se prestou a fazê-lo. A capela da casa foi transformada num teatro de variedades. A União de S. João estava dissolvida, a obra parecia destruída. Mas Cristo Rei permaneceu majestosamente sobre a casa, como se dissesse: “Sou Eu, não temais!”



O Padre João na provação

A personalidade do Padre Haw não teria adquirido tanta grandeza se não tivesse sido amadurecida na tribulação e temperada pelas contrariedades e pelo sofrimento. Ele resistiu às tempestades desse período terrível da história alemã, atravessando a dura prova como se fosse a calma em pessoa.

A Gestapo investiga, dias a fio, os seus livros e as suas cartas mais íntimas; ele conserva sempre a mesma amabilidade e delicadeza. O que estava a suceder era um martírio lento que, como todos sabemos, é mais duro que o vivo. É chamado várias vezes a Koblenz, a cerca de 15 Km de Leutesdorf, para interrogatórios na casa da Gestapo. Cheias de coragem, as Irmãs atrevem-se perante a polícia, ao que os homens não se atreveriam: conseguem que o seu Pai João possa tomar primeiro algum alimento. Em pequenas coisas, notam como o acontecimento o abala: quando leva a chávena à boca, tem a mão a tremer. Mas lá fora, no automóvel, já reconquistou a paz interior e exterior e, como despedida, acena amavelmente às Irmãs. Um sacerdote amigo e seu colega de curso, o Padre Roberto Schmitt, consegue penetrar na casa da Gestapo e procura-o. Onde vai ele encontrar o Padre Diretor? Entre dois polícias armados, a rezar o breviário com toda a paz e devoção.

Entretanto, as Irmãs bombardeiam a polícia com telefonemas: “Estamos muito preocupadas com o nosso Padre Diretor, pois brevemente parte o último comboio. Vamos mandar um carro, para o trazer”. Pela meia noite, o automóvel traz o Padre João de novo para Leutesdorf.

Um advogado falido, que o Padre João tinha consultado profis-

sionalmente, trouxe-lhe grandes maçadas: depois de ter, durante muito tempo, comido do seu pão, foi denunciá-lo. Quando, no tribunal, se encontraram frente a frente, disse-lhe o Padre João calmamente: “Tornaremos a encontrar-nos frente a frente, perante um outro Juiz!”

No seu Diário Espiritual podemos ler, com a data de 1936: “Bondade, bondade, bondade, apesar de tudo! O amor conquista os corações!”

Caiu uma bomba em Koblenz. Uma Irmã que assistiu às más criações da Gestapo, deu livre curso à sua arelia, dizendo: “Se as bombas caíssem na sede da Gestapo?!” O Pai João interrompe-a, calmamente, mas com firmeza: “Irmã, não se deve dizer isso!”

A Irmã Stephana, que veio a ser superiora geral de 1956 a 1970, conta: “Embora o Pai João tenha sofrido muito por causa da polícia secreta do Estado, a Gestapo, nunca o ouvi falar deles com irritação ou rancor. Quando eu era uma Irmã jovem, não compreendia essa sua atitude. Uma vez dei a conhecer a minha aversão face aos delitos da Gestapo, mas ele disse:

“Irmã, não devemos falar deles assim. Eles são, realmente, mais dignos de dó do que nós. São pobres cegos mas são instrumentos de Deus, através dos quais Ele nos prova. Devemos rezar por eles, devemos, como S. João Baptista, ir para o deserto e preparar-nos para as nossas futuras tarefas. Temos de crescer cada vez mais na nossa vida interior”.

A Gestapo não recua, nem perante a sua grandeza moral. Os funcionários fazem perguntas que fazem corar as Irmãs.

O Padre Diretor desculpa-os, dizendo: “Não são capazes de fazer de outra maneira”. Nunca se ouviu, da sua boca, uma palavra dura sobre esses inimigos da sua obra. No entanto, a sua atitude não era de passividade ou resignação. A Irmã Valéria conta:

“Lembro-me da chamada “Oração na tormenta” (“Sturmandacht”), que começou mais ou menos em 1939-1940. Aos domingos

à tarde, encontravam-se na igreja de Santa Cruz todos os membros da União de S. João que estivessem em Leutesdorf e pudessem, e também alguns habitantes de Leutesdorf, para implorarem a misericórdia de Deus. O Pai João exortava-nos a isso e dava-nos o exemplo. Já não me lembro, em pormenor, do que se rezava; mas sei que sempre se rezava sete vezes “À vossa proteção”, com os braços em cruz. Era um tempo impregnado de calamidade, que fazia brotar esta súplica do mais profundo da alma”.

Não desistia de atuar ainda, enquanto não fosse formalmente proibido. É ainda a Irmã Valéria que conta: “Já antes da confiscação das casas e da obra, ele não se deixava intimidar pela espionagem de que era vítima o apostolado da imprensa. Imprimiam-se, quase febrilmente, folhetos, apelos dos bispos, que a maior parte das vezes não chegavam ao púlpito, escritos explicativos do Vigário Teusch, que eram levados em mochilas, de bicicleta, por alguns leigos que nisso deram grande ajuda. A sua tentativa de passar despercebido em Berlim com este trabalho não teve sucesso”.

Por caminhos indiretos, chega a informação: “A Gestapo virá confiscar a casa e dissolver a União de S. João”. O Padre Diretor vai dar uma volta pelo jardim e as Irmãs observam-no: o seu rosto empalideceu.

Como deve sofrer com este golpe! Ele reflete e medita.

O grande golpe em Berlim: Sacerdotes, Irmãos, Irmãs têm de deixar a Casa de Cristo Rei no prazo de três dias. O Pai João convida-os a todos para a capela e diz-lhes aí, na sua calma que tudo domina:

“Cantemos o Magnificat, como agradecimento pela provação do Senhor!”

Todos cantaram com as lágrimas nos olhos, mas em atitude de agradecimento, porque o Senhor os tinha achado dignos de sofrer essa grande provação. Desde esse dia, todas as tardes se canta o Magnificat em todas as casas da União de S. João.

Num pequeno bilhete, datado de 9 de setembro de 1941, a repartição da Gestapo do Estado de Berlim informou o Padre João que a União de S. João estava oficialmente dissolvida e todas as suas atividades proibidas. Ele fica sereno e diz para alguns dos seus: “Estamos inteiramente nas mãos de Nossa Senhora. A ela não se pode roubar nada. Mais tarde havemos de reaver tudo, ainda mais belo”. Escreve, nessa altura, no Diário Espiritual: “Deus prova-nos no seu Amor. Graças a Deus! Tenho que aproveitar esta provação. A minha tarefa especial agora é rezar pela santificação dos nossos membros. Rezar continuamente por todos e por cada um deles”. São verdadeiramente maravilhosas a sua fé e a sua confiança! Numa altura em que ninguém podia prever o que iria acontecer, se morreriam todos, se seriam presos..., ele nunca duvidou que a União de S. João ressuscitaria.

Depois da dissolução da obra, o Pai João, então com 70 anos, obrigado a abandonar a Casa de Cristo Rei, foi afetosamente acolhido pelo Prelado Lichtenberg, prior da Catedral de Santa Edwiges. As Irmãs Stephana, Libória e Perpétua tinham a seu cargo o governo dessa casa paroquial, além do apostolado na paróquia. Não foi só o Pai João que aqui foi acolhido: para algumas Irmãs, Santa Edwiges foi a estação de passagem para outras atividades, uma vez que a Casa Mãe estava ocupada pelos nazis. O Pai João fazia, regularmente, conferências às Irmãs; as que estavam colocadas nas redondezas vinham também, sempre que lhes era possível. Todas as noites o Pai João dava às Irmãs pontos para meditação e cantava com elas o “Salve Regina”.

A Madre conta-nos outro caso passado nessa altura, em que podemos ver, mais uma vez, a generosidade e a bondade do Padre João: “Na altura em que eu era assistente paroquial em Santa Edwiges, em Berlim, recebíamos de vez em quando uma encomenda com comida, enviada por pessoas amigas, o que era altamente apreciado, por ser nesse tempo tudo estritamente racio-

nado. Quando, uma vez, o empregado dos correios trouxe uma encomenda, levei-a ao Pai João e ele perguntou-me: ‘Deste alguma coisa ao empregado?’. Respondi: ‘Certamente’. E ele: ‘O que lhe deste?’ ‘50 Pfennig’. ‘O quê? Só lhe deste 50 Pfennig? Quando recebes uma encomenda com comida, deves partilhar um pouco com o empregado dos correios. 250gr de manteiga ou óleo tê-lo-iam, certamente, alegrado. Não 50 Pfennig! Entendeste?’”

Ao pé do seu Pai João, os filhos sentiam-se seguros. É ainda a Madre Stephana que conta:

“A toda a hora, principalmente em Berlim, nas difíceis horas dos bombardeamentos aéreos, nas noites em que a casa ardia e a Catedral se desfazia em cinza diante dos nossos olhos, eu refugiava-me sempre ao pé dele. Aí sentia-me calma e em segurança. Com que ardor não rezávamos pelos pobres moribundos que se encontravam em pecado mortal! No abrigo, os mais altos prelados pediam-lhe a absolvição geral. Como era forte, de pé no meio de todos os que estavam apavorados! Começava por dizer algumas palavras, para que todos oferecessem a morte como reparação pelos pecadores. Seguidamente, pronunciava as palavras sagradas “In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti”, que saíam sempre dos seus lábios com um respeito comovente. Juntavam-se ali descrentes de todas as qualidades. Quando a Catedral foi atingida, eram certamente 400. Mas todos o respeitavam”.

A 23 de outubro de 1941, ano e meio depois da dissolução da União de S. João, houve uma busca na casa paroquial de Santa Edwiges, e o Padre Lichtenberg foi preso, por recomendar publicamente que se rezasse pelos perseguidos, nomeadamente pelos judeus. Foi condenado a dois anos de prisão e, no fim de os cumprir, foi transportado para o campo de concentração de Dachau como “incorrigível”, embora estivesse gravemente doente, vindo a falecer no caminho. O seu processo de beatificação foi introduzido.

Depois da morte do seu amigo, em novembro de 1943, o Padre

Haw fixou morada na casa de Strausberg, nos arredores de Berlim. Esta casa, como foi dito atrás, tinha escapado à confiscação por não terem descoberto que pertencia à União de S. João.

Ainda se passaria mais de um ano antes que surgisse um novo dia, porque a gerência nazi desequilibrada, cega pelo orgulho, egoísmo e obstinação continuava a guerra a todo o custo, não se importando com a vida nem com o sofrimento do povo. A guerra criava uma miséria e uma tragédia indescritíveis, enquanto o Padre Haw e os seus filhos só podiam assistir, sofrer e rezar.

Quanto à atitude do Padre Haw, ouçamos mais uma vez o testemunho da Irmã Valéria: “Depois da destruição da obra, trabalhei alguns meses com ele, a partir de dezembro de 1941. Nunca lhe ouvi uma queixa ou crítica, nunca o vi desanimado. ‘As casas e tudo pertencem à querida Mãe de Deus. Consagrámo-lhe tudo. A Ela, ninguém lhe pode roubar nada!’ Era essa a sua confiança firme. Se se lerem as circulares destes tempos difíceis, encontrar-se-á esta afirmação confirmada. Não eram só ‘sentenças piedosas’. Era vida. Ele foi mesmo capaz de cantar o Magnificat com as Irmãs depois da confiscação em Berlim, como agradecimento por esta provação que Deus só envia para nosso bem... Esta não foi uma atitude de momento; permaneceu-lhe fiel durante todos os difíceis anos, e não foi desiludido na sua confiança”.

Do exílio, primeiro de Berlim, depois de Strausberg e, por fim, de Eichelsdorf, o Pai João manteve-se em contacto permanente com os seus filhos e filhas, através de cartas e circulares. A toda a parte chegavam as suas palavras. Esforçava-se para que, na desdita, não perdessem a coragem, e para que nenhum dos que tinham sido chamados por Deus se perdesse para a obra, mas que através da provação se aproximassem ainda mais de Deus. As circulares sucediam-se.

Os corações dos filhos aqueciam-se ao ardor do seu amor paternal, que sentiam pulsar nas cartas que escrevia. Transcrevere-

mos, no capítulo seguinte, algumas passagens dessas “Cartas do Exílio”.

Finalmente, aproxima-se o fim do domínio nazi. Os russos começam a chegar. Deverá o Padre Diretor deixar Strausberg? Se o fizer, não poderá parecer que foge do perigo? Por outro lado, não convém que perca a ligação com a parte ocidental, onde ficam tantas grandes casas... Quem poderia aí intervir, em caso de necessidade? Só do céu poderá vir a luz. O Padre João faz uma novena a S. José e, no último dia, toma a decisão: a Irmã Stephana vem ter com ele e insiste que parta; ele obedece e parte, em fevereiro de 1945, no último comboio que sai de Berlim Oriental para a Alemanha Ocidental, com o Reitor Drüding como acompanhante. Em condições extremamente difíceis, como eram as do tráfico desses dias, a viagem foi uma verdadeira aventura. Finalmente conseguiu chegar a um mosteiro em Eichelsdorf, na Baviera, onde foi calorosamente acolhido pelas Irmãs. Para termos uma ideia dessa viagem, vejamos o relato que dela faz à Madre Gertrudes:

“Boa Madre Gertrudes!

Como comuniquei, chegámos a Würzburg, depois da meia noite, claro que completamente esgotados. Em Würzburg tinha havido, oito dias antes, alarme diário, de dia e de noite. O bondoso Prior dos Agostinhos pôs a sala de visitas à nossa disposição... Como agradecemos a Deus, quando nos deitámos cedo na terça-feira à noite, para partirmos no dia seguinte às 4.18h da manhã! Como os comboios eram bombardeados, aconselharam-nos a partir cedo. Logo que nos deitámos na cama, soou o alarme e, no mesmo momento, estoirou uma bomba... Todo o convento ficou devastado. Às escuras, não encontrei a cave e achei-me num quarto do rés-do-chão, sobre cacos e cascalhos, quando rugiu outro avião. Um raio e um barulho terrível. Encolhi-me e fiquei ileso.

Depois das oito horas, chegámos a Hassfurt... Alarme... Por

fim, às 20.10h no nosso asilo. Eichelsdorf não tem sirene. Estamos todos sob a proteção de Deus. Enquanto for a santa Vontade de Deus, tomaremos parte na reparação geral pela imensa culpa do mundo. Os sacrifícios que fazemos serão fonte de grandes bênçãos para todos e para muitos outros.

O vosso Padre João Maria do Divino Coração”

Foi no mosteiro de Eichelsdorf que o Padre João festejou, na Páscoa de 1945, as suas Bodas de Ouro sacerdotais. Aí assistiu à ressurreição da sua obra: em agosto de 1945 regressou a Leutesdorf, para tomar novamente posse das casas.



Cartas do exílio

Neste capítulo, transcrevemos algumas passagens das cartas que o Padre Haw escreveu durante o tempo de exílio, desde a dissolução da União de S. João pelos nazis, em 1941, até ao fim da guerra, primeiro de Berlim, depois de Strausberg e por fim de Eichelsdorf.

Podemos agora penetrar um pouco mais no seu espírito admirável: a par das suas palavras cheias de coragem, confiança e conformidade com a Vontade de Deus, sentimos pulsar o seu coração de pai, pensando com amor em cada um dos filhos espirituais. Singelamente, vai dando notícias de uns e de outros, à medida que chegam ao seu conhecimento, mantendo entre todos os membros um verdadeiro espírito de família.

Sobressai também, de uma maneira especial, a sua grande devoção a Maria, a querida Mãe de Deus. É maravilhosa a frequência com que se refere à mensagem de Fátima, num tempo em que ninguém pensava ainda na vinda da União de S. João para Portugal; isso só veio a verificar-se em 1956, seis anos e meio depois da morte do Fundador.

E agora, as cartas.

Berlim, 6 de outubro de 1941 ***(Carta à Ir. Francisca)***

Boa irmã!

Estamos em grande paz, sim, cheios de alegria interior, porque fomos dignos de participar nas grandes provas que se abatem sobre a Igreja e sobre todos os que fizeram voto de fidelidade a

Cristo. Não duvidemos que esta provação seja uma graça extremamente grande, através da qual irradiarão grandes bênçãos para nós e para muitos outros. Somos agora muito pobres e, por isso, mais ricos em Cristo. Pois bem, há 36 anos comecei eu do nada, e nessa altura não me faltava otimismo. Agora começo de novo como nessa altura, depois de ter aprendido mais alguma coisa.

É para nós agora o apelo especial de Cristo crucificado para um seguimento mais radical. Nós não hesitamos, porque Aquele que nos chama é o Deus Infinito. Abençoo-te no amor da Imaculada, com cordiais cumprimentos.

O teu Padre João Maria do Divino Coração

Berlim, Advento de 1941

Meus queridos!

Quando vos envio os meus desejos de bênçãos para a festa de Natal que se aproxima, isso acontece este ano com dupla profundidade. Penso que nunca pudemos entrar no presépio tão preparados como este ano. No seu Amor infinito, o Senhor atraiu-nos a Si e fez-nos participar da sua pobreza. Seja louvado e glorificado! Sim, nós alegramo-nos porque o Senhor nos tirou tantos, por assim dizer, todos os bens materiais, pois sabemos que só o fez para nos enriquecer mais com as graças divinas, para nos purificar e santificar, tornando-nos cada vez mais aptos a cumprir as grandes tarefas que a sua Divina Providência nos reservou para os tempos difíceis que se aproximam.

A visitação divina que experimentámos deve ser, no futuro, uma advertência para amarmos acima de tudo a pobreza religiosa e para a praticarmos escrupulosamente. Deveríamos nós ter mais comodidades que o Menino de Belém, que deixou a glória do céu por nosso amor? Que nós pertençamos sempre àqueles pobres a quem foi prometido o Reino de Deus e a quem o Salvador divino oferece, de modo privilegiado, a riqueza do seu Amor! ...

Que nós nos lembremos sempre que somos adoradores do Rei eucarístico do Amor e que temos de conduzir o mundo errante e de pouca fé ao trono do Deus escondido. ...

Sabemos que tudo o que tínhamos pertence e pertencerá à Rainha do Céu, nossa Mãe. Ela continuará a cuidar de nós, maternoalmente. ...

Abençoo-vos no amor da Sabedoria incarnada e da Imaculada.
O vosso Pai João Maria

Berlim, Advento de 1942

Meus queridos

Muitos de vós ainda vos encontrais, com o Menino divino, fora da vossa querida família religiosa, mas o pensamento no Deus Menino de Belém, pobre e ignorado pelo mundo, que deixou o seio do Pai por nosso amor, para nos fazer filhos de Deus, tem de nos dar alegria. ...

Agora também temos a oportunidade de provar a nossa fidelidade a Cristo nosso Rei, a Quem, em hora solene, nos consagramos, mostrando-Lhe que não há nada no mundo que possa fazer arrefecer o amor que Lhe temos. ...

Rezemos, com inabalável confiança, ao querido Menino nos braços da Imaculada, que suporta nas suas mãozinhas o destino dos homens e dos povos. Agradecemos efusivamente pela nossa provação, que é uma prova de que o Senhor nos cumulou com um amor especial, para que saíamos purificados e santificados do ardor da tribulação e sejamos dignos de trabalhar, rezar, sofrer e um dia oferecer, alegremente, a nossa vida pelo nosso Rei celestial, com a assistência da sua Santíssima Mãe, pela Santa Igreja de Deus e pelo triunfo da Santíssima Trindade.

Permaneçamos continuamente unidos uns aos outros na oração! Penso diariamente em vós e imploro para vós os dons do Espírito Santo, pedindo efusivamente que o adversário de Deus não

consiga arrancar do meio de nós nem um único dos nossos membros que tenha sido verdadeiramente chamado por Deus. Quanto mais ardente se tornar a luta pelo Reino de Deus, mais fortemente nos queremos ajudar uns aos outros. ...

Abençoo-vos no amor de Cristo e da Imaculada.

O vosso Padre João Maria

Recomendo ainda à vossa oração muito especialmente o nosso bom Irmão Francisco, que morreu na guerra. Até hoje, ainda não recebemos pormenores sobre a sua morte. Também o candidato Augusto Reuter, de Nalbach, morreu em setembro no Leste segundo comunicação dos seus pais.

Natal de 1942

(Aos benfeitores e amigos?)

Deus vos salve!

Certamente que nunca festejámos o Advento com tal ânsia pelo Salvador como neste ano. Que Ele se digne vir, o Príncipe dos Povos, trazendo aquela paz que está acima de todo o conceito terreno: foi esta a nossa súplica fervorosa.

Mas nós só encontramos o Menino de Belém nos braços da Imaculada. Oh, se todo o mundo se virasse para ela, a medianeira de todas as graças, a mais bondosa e a mais misericordiosa de todas as mães?!... Nos tempos mais difíceis, Maria revelou-se sempre como a doce Mãe da Misericórdia. ...

Peguemos nós também no terço e refugiemo-nos sob o manto da Puríssima, da Santíssima, para que o Deus infinito, que é tão ofendido pelo pecado das suas criaturas, nos mostre a sua misericórdia. ...

Unamo-nos numa imensa campanha de orações ao Coração de Maria e experimentaremos maravilhas. Muitos já se uniram para rezarem todos os dias o Rosário completo... Quem imaginaria que,

aqui em Berlim, entre os passageiros do metropolitano e do elétrico, não são poucos os que, rezando, estão em comunicação com o mundo sobrenatural, cujos mistérios estão vedados à maioria?! Quem quer aderir a este alegre grupo de “orantes o melhor que podem?”

Padre João Maria Haw

Maio de 1943

Meus queridos!

O nosso Santo Padre chama, neste mês de maio, todo o mundo católico à oração fervorosa e confiante à Rainha da Paz. Milhões de pessoas em todo o mundo levam as suas dores e preocupações à Auxiliadora dos cristãos e confiam firmemente na ajuda daquela que não deixa nenhum pedido por atender. ...

Não podemos ficar atrás. Na mensagem do Santo Padre ao povo português, a 31 de outubro de 1942, em que felicita este país pela sua devoção à Rainha do Céu, e pela proteção alcançada por seu intermédio, ele anuncia a todo o mundo a mensagem de Nossa Senhora de Fátima: penitência, conversão, oração.

Cristo Rei chama-nos... a colaborarmos na renovação do seu Reino nas almas. Estejamos bem conscientes desta grande vocação! Somos totalmente consagrados a Deus. Nunca esqueçamos o que prometemos! Deixemos que o fogo do amor de Deus arda cada vez mais em nós, para que nos tornemos úteis instrumentos da misericórdia divina. ...

Recomendo-vos o nosso bom Irmão Inácio que foi gravemente ferido a 22 de fevereiro, no Leste... Esteve alguns dias entre a vida e a morte...

Nossa Senhora protegeu-o...

O vosso Pai João

Festa de Nossa Senhora das Dores, 1943

Meus queridos!

Hoje, dia em que comemoramos as dores de Nossa Senhora, sinto-me impelido a escrever-vos uma palavra de consolação... Submetemo-nos humildemente, até alegremente, à santa Vontade de Deus. ...

Esperamos que o Infinito, na sua grande misericórdia, nos queira utilizar como instrumentos para libertar muitos pecadores da grande miséria da sua culpa e para os reconduzir ao Amor de Deus. ...

Se sentíssemos em nós um pouco do ardente amor que consumia o coração da Mãe de Deus, ao ver o que o seu querido Filho sofria por nós, pobres pecadores! ...

O vosso Pai João Maria

Primeira Sexta-Feira, 3 de setembro de 1943 (A todos os amigos e todos os que Lhe são próximos)

Quando nós vemos tantos à nossa volta que não têm fé e se entregam ao desespero... o nosso coração não deixará de se confranger...

Enquanto nós adoramos, a tremer, a justiça de Deus, sabemos também que “a clemência do Senhor está acima de todas as suas obras” (Sl 144, 9). A misericórdia de Deus sabe conduzir os acontecimentos dolorosos dos nossos dias para o bem daqueles que Lhe são fiéis. ...

Agora temos de mostrar ao mundo o heroísmo de que os verdadeiros cristãos são capazes. O Senhor prova os que Lhe são fiéis, prova a sua fé, prova principalmente se eles possuem o sinal dos seus discípulos, o amor.

Consolemos, ajudemos, salvemos, onde e tanto quanto pudermos. O nosso coração tem de se tornar grande, muito grande, como o coração de Jesus! Recebamos os desabrigados como se

fosse o próprio Cristo! Partilhemos com eles, se necessário, casa e haveres. ...

Rezemos por aqueles que não conhecem o conforto da oração...

Ofereçamos as nossas penas diárias, as noites sem dormir, o nosso medo e a nossa disposição para a morte. ...

Estou agora na Casa da Imaculada em Strausberg, nos arredores de Berlim, onde almas consagradas a Deus ajoelham, dia e noite, diante do Rei eucarístico para atrair sobre nós as misericórdias do seu coração.

Abençoo-vos no amor desse coração!

Padre João Maria

Advento de 1943

(Aos amigos e benfeitores?)

O dia do juízo não tem para nós, que pertencemos a Cristo, nenhum terror. Não, nós veremos, jubilosos, a magnificência de Cristo, o Juiz do mundo. Toda a gente e todos os povos, grandes e pequenos, cairão de joelhos perante o Rei dos reis e adorá-l'O-ão.

...

Devemos aceitar, com paciência e em espírito de fé, as dificuldades temporais, para nos santificarmos cada vez mais...

Padre João Haw

14 de dezembro de 1943

Meus caros filhos espirituais!

Mais do que nunca tenho, nestas semanas, o meu pensamento em vós. Sei avaliar os sacrifícios que, em parte já durante anos, tendes feito. Certamente que não foram inúteis.

Talvez possais, dentro de pouco tempo, agradecer a Deus o proveito que vos trouxeram para o corpo e para a alma. Como nos alegraremos quando chegar a hora em que alinhareis novamente

no nosso grupo de combatentes, e na verdade não sereis os piores, para lutar sob o estandarte de Cristo, o Rei de todo o mundo, e para conquistar para Ele os corações dos homens!

Por isso vos envio, espero que pela última vez durante a guerra, os meus afetuosos votos de Boas Festas de Natal, com a garantia de que todos os dias vos confio à proteção do Deus todo poderoso.

A minha ardente súplica dirige-se ao coração de Cristo, para que se digne atrair-vos mais a Si e inflamar-vos no fogo do seu amor. ...

Queremos ser ainda mais fiéis a Jesus, queremos prometer solenemente ao pequenino Rei de Belém que preferimos dar a nossa vida e o nosso sangue a esquecer as santas promessas que em hora solene fizemos.

Meus queridos filhos espirituais! Cristo contempla-vos na vossa luta gloriosa pela conservação da pureza da vossa alma, no vosso sofrimento e no vosso esforço por alcançar a coroa eterna.

Orgulho-me de vós. Aquilo que realizastes nestes tempos difíceis será anunciado às gerações futuras pelos anais da nossa União. Os tempos difíceis produzem heróis e santos. Chegámos ao princípio de uma nova época: tornai-vos dignos dela!

Renovai, várias vezes ao dia, a vossa doação a Cristo, seja no meio da luta, seja no abrigo, seja na vigia solitária em noite estrelada, em que o Eterno vos fala!

Que os anjos de Deus vos protejam! Que Maria, a nossa Mãe do Céu vos abrigue sob o seu manto protetor e, se for a santíssima Vontade de Deus, vos conduza, brevemente, de novo até nós!

É este o meu voto mais íntimo neste Natal, é esta a minha oração confiante!

Abençoo-vos no amor do Verbo Eterno feito homem e da Imaculada.

O vosso Pai João Maria

17 de dezembro de 1943

(Postal às Irmãs que estavam em Neuss, a tomar conta do Sanatório)

Saudações afetuosas para o Advento.

Graças a Deus, também o ataque de ontem à noite se passou sem problemas. Está tudo bem. Oxalá que também as Irmãs aí estejam bem.

Pai João

Natal de 1943

Meus bons filhos em Cristo!

Mais uma vez se aproxima a querida e bem aventurada festa do Natal. Mais do que nos anos precedentes, nestas semanas os meus pensamentos estão com as minhas filhas espirituais que, atendendo ao meu convite, deixaram o mundo para se consagrarem, com todo o amor do seu coração, ao Menino, pobre mas divino, no estábulo de Belém.

Minhas queridas Irmãs, agradeço-vos pela confiança que tivestes em mim, pela fidelidade com que resististes quando veio sobre nós uma tão grande provação... Como eu, seguistes também o caminho do exílio, grande parte de vós tivestes de deixar a comunidade religiosa, tão querida... aprecio os sacrifícios que fizestes e continuais a fazer... o Senhor seja louvado por tudo! ...

Sentimo-nos protegidos no coração da nossa Mãe do Céu... Nas missas de Natal renovamos, nas mãos de Maria, os nossos votos:

“Ó Salvador, nós permanecemos-Te fiéis em todas as misérias, em cada dor, consagramo-nos de corpo e alma ao teu serviço... o teu amor recompensa-nos de tudo...”

Recordo-vos diariamente no altar e diariamente vos envio a minha bênção, ansiando fervorosamente que Jesus encontre no vosso amor o conforto que hoje Lhe é negado de tantas maneiras. ...

Jesus, no presépio, espera-vos: quem poderia ficar, cobarde-

mente, para trás? Ele anseia por santas noivas, que se Lhe entreguem sem reserva e não procurem nada, mas mesmo nada, além d'Ele. Por sua causa, Ele poupará o mundo.

Na grande festa do Natal, principalmente nas missas, pedirei ao Deus Menino: "Salvador, dá-me só uma coisa: sacerdotes santos, Irmãos santos, Irmãs santas!"

O vosso Pai João Maria

27 de dezembro de 1943 ***(Pequeno postal)***

Aqui, tivemos umas missas de Natal muito impressionantes. Ontem, dia de Santo Estêvão, fiz uma conferência às Irmãs que vieram a Santa Edwiges e recebi a renovação dos seus votos. Foi muito edificante. A Irmã Stephana parece estar bem.

Pai João

14 de janeiro de 1944 ***(Postal)***

Boa Irmã Notburga!

Muito obrigada pela tua carta e o teu espírito de sacrifício apostólico. Graças a Deus, estás melhor. Também rezamos, diante do Santíssimo, pelos nossos doentes. Oxalá te possas, brevemente, juntar ao grupo das Irmãs. Abençoo-te a ti e aos teus,

O teu Pai João

Mês de S. José, 1944

Meus queridos!

Maria, a Rainha, revelou-se em branca veste pascal de alegria... longe de nós em Portugal, em Fátima, um sítio isolado do mundo, mas a mensagem de paz que ela trouxe dirige-se a todo o mundo.

O que de maravilhoso se passou em Fátima faz parte dos maiores milagres da história do mundo; foi reconhecido pela Igreja

como sobrenatural, e é anunciado pelos nossos... supremos pastores como uma mensagem de salvação para toda a humanidade. ...

A partir de agora queremos cultivar, de uma maneira especial, a devoção ao Imaculado Coração de Maria. Celebraremos o primeiro sábado do mês como sábado do Coração de Maria. ...

O Coração Imaculado de Maria triunfará. Nesta alegre confiança canto, com todos vós, o aleluia e abençoo-vos.

O vosso Pai João Maria

31 de julho de 1944

Meus queridos!

Rezamos, jubilosamente, a Nossa Senhora, antes de mais rezamos com alegria o “Magnificat”, agradecendo intimamente todo o amor e bondade com que ela cuidou de nós nos últimos anos. Apercebemo-nos visivelmente da sua assistência nos grandes perigos e provações. Poderia ser de outra maneira? Haverá, no céu ou na terra, além do Coração de Jesus, um coração tão cheio de poder e de amor imensos?

A mensagem que nos enviou através dos inocentes pastorinhos de Fátima dá-nos coragem e a firme confiança que brevemente chegará a hora em que cantaremos a ação de graças na nossa antiga comunidade.

Não tenho dúvida nenhuma, e a proteção evidente da nossa querida Mãe do Céu prova-o claramente, que Deus quer a nossa obra. ...

Mas temos de cumprir a sua advertência às crianças de Fátima: ser cada vez mais santos, rezar cada vez com mais devoção, consagrar-nos ao seu Imaculado Coração e reparar a Divina Majestade, assim como o Santíssimo Coração de Maria, pelas terríveis ofensas com que são ofendidos...

Abençoo-vos no amor dos Santíssimos Corações!

O vosso Pai João

Festa do Nome de Maria, 1944

Meus queridos!

O Senhor quer purificar a sua Igreja... quer-nos arrancar às influências da cultura ateia, quer vivificar a fraca fé dos homens de hoje... quer elevar a nossa geração relaxada, através dos grandes sacrifícios que lhe são exigidos pelos acontecimentos da guerra... O mundo tinha caído no materialismo, e mesmo aqueles que o Senhor chamou especialmente para o seu serviço não conseguiram fugir à influência do atual espírito mundano. ...

Voltemo-nos para a grande Auxiliadora dos Cristãos, a Rainha do Santo Rosário, que se revelou em Fátima de uma maneira tão maravilhosa... Queremos intensificar a nossa oração, não nos deixando envergonhar pelos pequenos videntes de Fátima, que eram capazes de sacrifícios heroicos, na sua aspiração a um amor mais perfeito e no zelo pela conversão dos pecadores. ...

Maria apressar-se-á, sem dúvida, a socorrer os seus filhos aflitos de uma maneira maravilhosa. Confiemos!

Abençoo-vos no amor dos Santíssimos Corações de Jesus e Maria!

O vosso Padre João

Oitava da Festa da Imaculada, 1944

Meus queridos!

Os meus afetuosos votos de bênção para a festa do Natal que se aproxima. Certamente que todos tivemos, no princípio deste ano, a esperança de podermos celebrar esta festa do Deus Menino, “Príncipe da Paz”, novamente em comunidade. Mas o Deus Infinito não o permitiu. Submetamo-nos à sua Santa Vontade, que só quer o nosso bem. Quanto maiores forem as provações que nos fazem sofrer, quanto mais tempo as suportarmos com paciência, mais abundantemente descerão sobre nós as bênçãos de Deus.

Chegará, por fim, a hora de que falou o Santo Padre, em que

o Senhor ordenará: “Até aqui, e mais não!” E talvez esteja mais próxima do que pensamos...

Depois de um longo intervalo, Cristo Rei exigiu, novamente, o sacrifício da vida de dois dos nossos: os Irmãos Henrique Gernholt e Xavier Wörz sofreram, no Leste, a morte dos heróis. Recordemo-los na oração. O Irmão Guilherme Sauer está ileso, no cativeiro inglês. ...

As nossas Irmãs da região do Reno também sofreram bastante, mas amadureceram maravilhosamente através do sofrimento. Nunca sentiram tão nitidamente a proximidade de Deus como nas horas de maior perigo.

Que nós todos crescamos em fé, esperança e amor...

Com afetuosos cumprimentos,
o vosso Pai João

5 de janeiro de 1945

Boa Irmã Valéria!

Minhas queridas filhas espirituais!

Muito obrigado pelas lindas Boas Festas de Natal. Que no novo ano todos nós crescamos no conhecimento do amor de Jesus e no seguimento fiel do nosso pobre e humilde Rei crucificado! Peça a Deus Menino, pelo coração da Imaculada, que vos abençoe e vos atraia, de dia para dia, cada vez mais intimamente a Si.

Sede as favoritas do Coração de Jesus, amando-vos umas às outras em Deus e cultivando a unidade! Sede um só coração e uma só alma. “Suportai os fardos umas das outras, cumprindo assim o mandamento de Cristo!” Lede e refleti muitas vezes no 6.º capítulo da Carta de S. Paulo aos Gálatas!

Espero que estejais bem. Jesus tem-vos no seu Coração. Por isso, respeitai-vos mutuamente.

Com certeza que já sabeis que, na manhã do dia 3 de janeiro, chegaram quatro Irmãs de Neuss.

Também tereis, brevemente, a alegria de ver a querida Madre. Que vós sejais o seu conforto.

“Que a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja com o vosso espírito, queridas Irmãs!” (Gal 6, 18).

Abençoa-vos,
o vosso Pai João

Eichelsdorf

Querida Madre Gertrudes!

Minhas boas Irmãs!

Nós os dois estamos bem. O sacrifício da separação dos meus é doloroso, mas pertence a este tempo de Quaresma. Que ele seja, para mais tarde, uma rica fonte de bênçãos! Na Semana Santa quero preparar-me, através de um retiro, para o aniversário da minha ordenação. Peço as vossas orações...

O vosso Pai João Maria

Eichelsdorf, 25 de março de 1945

Meus queridos!

Oxalá que esta carta chegue até vós. Não vos pude escrever mais cedo, porque o trânsito estava interrompido. A Divina Providência conduziu-me a um lugar de piedade onde posso recomendar, em oração, ao Coração de Deus, todos aqueles que o Senhor me deu. ...

As nossas Irmãs no Ocidente sofreram coisas horríveis. Ainda viverão todas? Espero que sim.

Já tinha começado esta carta quando, inesperadamente, apareceram à porta do meu quarto as oblatas Antónia e Teresa. Foram obrigadas a fugir à última hora e não sabem se a localidade onde estavam ainda existe... Passaram uma semana inteira, de dia e de noite, a caminho ou em salas de espera, a pé com toda a sua bagagem, em carros de bois e por vezes de comboio, sempre sob

o perigo de bombardeamentos de artilharia, bombardeamentos aéreos, etc.

Não sabiam onde me encontrariam... Que alegria, para ambas as partes, quando nos tornámos a ver! Há três semanas que não passavam uma noite na cama... Como Maria as protegeu, maravilhosamente, na sua fuga, e as conduziu até aqui no dia da sua festa!

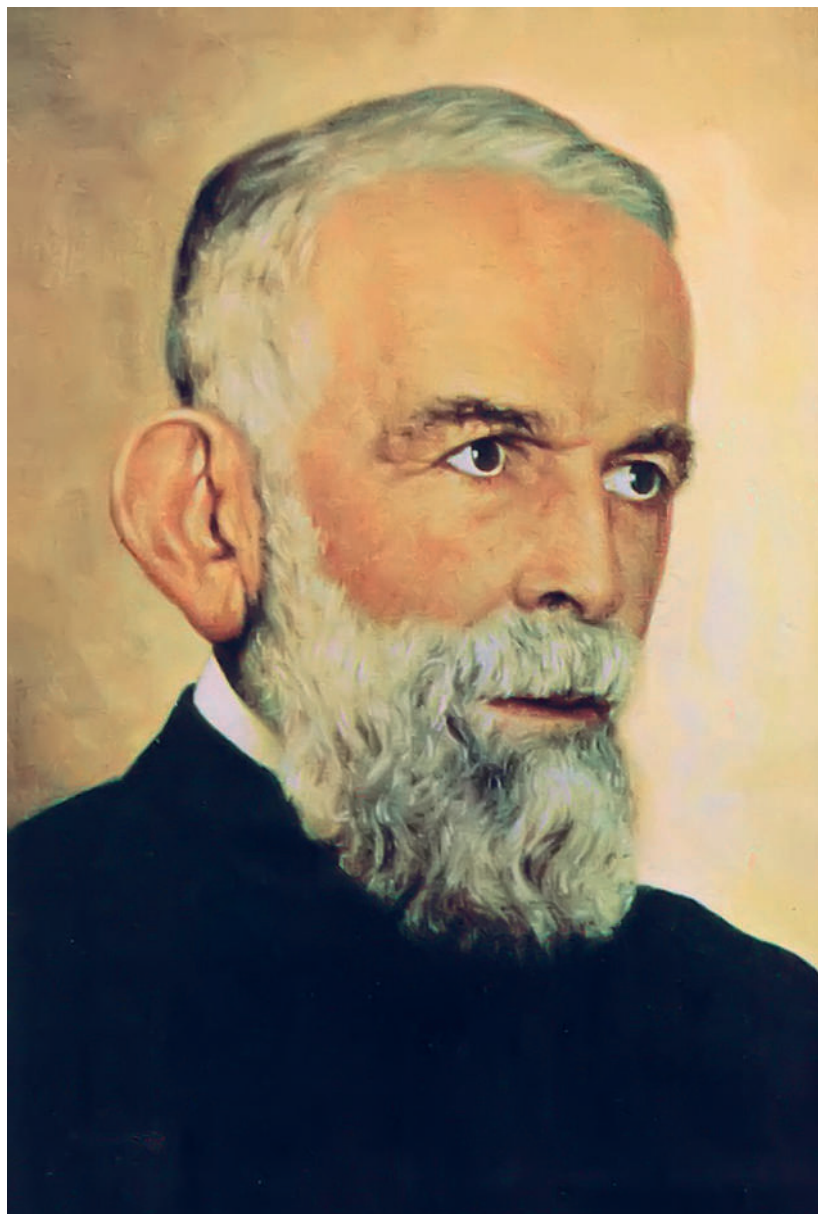
Rezemos muito por todos os membros que estão em perigo!

Agora estou a preparar-me em silêncio para as minhas Bodas de Ouro sacerdotais. Vós ajudar-me-eis. No dia de Páscoa quero celebrá-las solenemente.

Abençoa-vos

o vosso Pai João





Tenho que aproveitar cada dia bem a sério. Cada dia me deve aproximar mais de Deus. Só o conseguirei se aproveitar bem todas as graças do dia.

Reconstrução

Nova vida, novas tarefas

Depois da derrota do Império nazi, em maio de 1945, o governo militar dos aliados restituiu à União de S. João o que tinha sido confiscado. “Nunca duvidei que a nossa obra experimentaria uma grande ressurreição; mas ninguém podia prever que o Senhor Deus exterminaria os nossos inimigos tão depressa e de uma forma tão radical... Estamos agora perante uma tarefa imensa: colaborar para que das ruínas surja um novo mundo. Já não há lugar para os meios-cristãos, para os indecisos e os medrosos, que temem sempre dar um passo a mais para o seu Deus e Criador. Precisamos de gente grande e, principalmente, devemos pedir ao Senhor bons guias espirituais para o nosso povo”, assim escrevia aos seus o Padre João, alguns meses depois da derrota do regime nazi.

A União de S. João ressuscitou. Os membros fiéis começaram a juntar-se à volta do seu Pai João, e das ruínas surgiu nova vida. Não se lamentava o que se tinha perdido:

“Aceitamos, submissos, da mão de Deus, os sacrifícios que a guerra exigiu de nós. Os nossos mortos serão os nossos intercessores junto ao trono de Deus. Nos ataques aéreos, os nossos membros tiveram de suportar sofrimentos terríveis... Deus permitiu que a magnífica Casa de Cristo Rei de Berlim, o centro da nossa atividade caritativa, fosse quase completamente destruída. Também a nossa filial de Mainz, onde se formam os futuros sacerdotes, está muito danificada; felizmente a casa principal, Lar de Santa Teresinha, pôde ser provisoriamente restaurada. Adoramos, humildemente, a visitação de Deus”.

Assim escreve o Padre Haw, na primeira carta aos membros e amigos da União de S. João. Está convencido que Deus prepara grandes coisas e também se quer servir da União de S. João, que quer fazer dela uma testemunha da sua misericórdia e uma apóstola do seu amor. O Pai João está pronto.

Depois da guerra, o Fundador fixou a sua residência na Casa de Cristo Rei, em Leutesdorf; é daí que saem as ordens para as várias casas. É verdade que nesta casa não há nada de confortável: o frio penetra nos quartos e nas pessoas e não há carvão. O lado norte do edifício tinha sido destruído por uma granada. Nessa grande casa, só se podiam aquecer cinco divisões: capela, cozinha, refeitório, uma sala da comunidade e o quarto do Padre João. Padres e Irmãos iam buscar madeira para os fogões, com autorização do regente florestal, a uma mata vizinha. É impossível conseguir vidro para consertar as janelas. Mas o Pai João não se preocupa com a miséria nem com o frio: esse homem de 74 anos trabalha com todo o ardor da sua alma, dirigindo, com prudência e firmeza, a reconstrução das casas.

No Castelo de S. João, Casa Mãe das Irmãs e casa de retiros, as próprias Irmãs fizeram serviço de caiadores. Em 1946 pôde recommençar o apostolado dos retiros, devendo os participantes trazer consigo pão e outros alimentos, roupa de cama, etc., pois havia falta de tudo nesse tempo de após-guerra.

Ainda em 1946, a 31 de maio, houve grande alegria no Castelo de S. João: depois de cinco anos de intervalo, pôde finalmente celebrar-se a primeira festa de profissão e tomada de hábito; por conselho do Senhor Bispo, as Irmãs de votos temporários tinham sempre renovado os seus votos só por um ano, as postulantes esperaram, durante cinco anos, pela tomada de hábito, e as noviças pela primeira profissão.

Os missionários, que ainda se encontravam no cativeiro, começaram a regressar e a participar nos trabalhos. Em 1947, a “Editora

S. João” recomeçou a trabalhar. A revista “O Arauto” despertou para nova vida, assim como o jornal “Esperança”. Pouco tempo antes tinha o Padre João escrito, em carta aos seus: “Padres e leigos de todas as partes da Alemanha perguntam, diariamente, pelas revistas... Rezai para que, pelo menos, o “Esperança”, que antes da revolução tinha uma tiragem semanal de quase meio milhão, possa ir novamente como mensageiro ao encontro dos de fé abalada, dos amargurados e acabrunhados... A revista infantil “Filhos de Rei” reaparece também, inflamando o coração dos pequeninos no amor a Jesus e a Maria.

O Pai João continuou a escrever cartas aos seus filhos que se encontravam noutras casas. Podemos ler: “Nestes tempos difíceis temos de ser todos amor, tanto para com aqueles que nos estão próximos, como para com todos os que precisam da nossa ajuda... Se nós atuarmos num espírito completamente sobrenatural, esquecendo-nos de nós próprios e trabalhando só para a glória de Deus, então conseguiremos indicar a muitas almas o caminho para a felicidade temporal e eterna...

Fiquei muito contente ao saber com que zelo vos esforçais por observar a vossa Regra e por alcançar a perfeição na vida religiosa, vindo em auxílio da Santa Igreja nas suas necessidades atuais. É esta a minha maior consolação, e peço-vos que ma concedais sempre, até ao dia em que eu vier a fechar os olhos...”

O Pai João ainda é o mesmo homem corajoso: onde Deus chama para uma nova obra, aí está ele. Os seus filhos espirituais, jovens Missionários, saem a pregar missões populares; o Pai João acompanha-os com a sua bênção e a sua oração.

O Deus bondoso tinha ainda reservado uma grande alegria ao coração do Pai João: a aprovação canónica da congregação dos Missionários de S. João Baptista! “Depois de longos anos de esforços, que foram interrompidos pela perseguição dos nazis”, escreve ele aos seus filhos, “a Santa Sé aprovou, a partir de agora, a con-

gregação dos nossos Padres e Irmãos... Peço-vos que agradeçais ao Deus infinito por este feliz acontecimento e que canteis, em todas as nossas casas, um sonoro Magnificat”.

A ereção canónica teve lugar a 6 de maio de 1948. Pouco depois, em julho, o Padre João escreve aos seus membros masculinos e femininos:

“Peço-vos, especialmente, que vos lembreis de mim no futuro, uma vez que a Divina Providência colocou sobre os meus fracos ombros novas e pesadas cargas. Quem sabe durante quanto tempo a bondade de Deus me permitirá atuar aqui em baixo como vosso pai! Por isso, sinto-me no dever de vos amar ainda mais, de rezar por vós e de pôr as minhas forças, embora elas sejam cada vez menores, ao vosso serviço e da nossa obra.

Ter-vos-ei diariamente presentes, e o meu maior desejo é que cresçais cada vez mais no conhecimento e no amor do Divino Coração e na devoção ao Imaculado Coração da nossa Mãe do Céu”.

Embora com as forças já muito debilitadas, não deixa de trabalhar nem de escrever, elevando os homens, espiritualmente, para Deus. O livrinho “Cristo vem”, que tem o *Imprimatur* de 21 de julho de 1948, pode considerar-se, pelo conteúdo, como o seu testamento espiritual. À pergunta “O que é preciso?”, dá ele a resposta em sete artigos. Os títulos são os seguintes:

1. Fé mais viva!
2. Mais heroísmo na vida espiritual!
3. Maior adesão ao Santo Padre!
4. Mentalidade apostólica!
5. Espírito de intimidade!
6. Força do Sacrário!
7. A caminho para Maria!

Segue-se um longo convite para a “Nova Cruzada” e a pergunta:
“Quem quer colaborar?
Elevar o mundo para Cristo Rei!
Ajudar a implantar o Reino de Deus!
Que tarefa entusiasmante!
Sede missionários da Europa paganizada!”

A obra apostólica não para, e novas casas surgem. Na festa do Imaculado Coração de Maria, em 1948, o Padre Haw benzeu em Bonn uma casa para raparigas marginais, o Lar do Coração de Maria. Aí, algumas filhas perdidas reencontraram o caminho para o Bom Pastor, para os pais, para a sociedade humana. O centro da casa é a Capela do Coração de Maria. Nos primeiros sábados do mês há adoração durante todo o dia, diante do Santíssimo exposto. Nesses dias, encontra-se sempre gente na capela, a rezar.

Um mês mais tarde, em outubro de 1948, foi benzido em Mainz o Lar de S. Miguel, para rapazes difíceis.

“Desde então”, conta o Padre Noberto Brenk, diretor da casa, “todos os dias batem à nossa porta rapazes sem lar, em perigo ou desempregados. Quase a quinta parte deles perdeu os pais nos motins da guerra e do após-guerra. A maior parte são fugitivos da zona russa ou da polaca... Vêm procurar ajuda na nossa casa de juventude, junto dos nossos Irmãos. Enquanto houver ainda um lugarzinho livre, não se manda ninguém embora... Não só os católicos, mas todos os que precisam de ajuda são acolhidos com o mesmo amor... Dormitórios arranjados com limpeza e uma sala com muita luz tiram a estes rapazes a vontade de continuar a vadiar pela estrada...” Isto é trabalho no espírito do nosso Padre João, ajuda altruísta aos mais pobres dos pobres.

Foi com uma alegria especial que o Pai João pôde mandar os seus missionários e Irmãos, em setembro de 1949, para o abrigo antiaéreo de Colónia.

Antes da guerra, havia em Colónia um lar católico para desabrigados, na Silvanstrasse, mas foi destruído pelas bombas. O serviço social da cidade tinha arranjado, para os refugiados, os desalojados do Leste e os que voltavam às suas casas, um alojamento provisório no abrigo antiaéreo.

Esse abrigo tinha sido construído para proteção do povo civil durante os bombardeamentos aéreos e ficava mesmo ao lado da Catedral. Andava-se à procura de uma associação de beneficência que se responsabilizasse pela direção, e a Cáritas falou em Leutesdorf. O Padre João, já gravemente doente, e o Padre Pedro Appel aceitaram e, em setembro de 1949, os Missionários de S. João Baptista assumiram a direção do abrigo. Um grupo de Irmãs de S. João Baptista tinha a seu cargo a cozinha e o governo da casa. Uns anos mais tarde foi comprado e reconstruído o antigo lar católico, e é aí que ainda hoje os missionários recebem os desabrigados e se dedicam, também, a um trabalho de ressocialização.

Nos próximos capítulos vamos tentar pôr em evidência algumas qualidades de alma e alguns aspetos mais característicos da personalidade e da espiritualidade do Padre João Maria Haw.

Devoção Mariana

Os santos na vida do Padre João Maria Haw

O Padre João Maria Haw tinha um grande amor e uma grande devoção a Maria, Mãe do Senhor. Já em criança se habituou, no seio da sua família, a rezar-lhe diariamente o terço, e certamente que também participava na peregrinação que anualmente se realizava, da sua paróquia ao santuário de Klausen, onde ainda hoje se venera uma imagem de Nossa Senhora das Dores. Foi ela a medianeira da graça do seu sacerdócio. Maria conduzia-o a Jesus, e ele confiava-lhe amorosamente as suas intenções.

Em 1915, na festa da Assunção de Nossa Senhora, consagrou-se-lhe solenemente. Podemos ler no seu Diário Espiritual:

“Consagração a Cristo e Maria. Hoje, festa da Assunção de Nossa Senhora, às dez horas, durante a adoração, ofereci-me solenemente, diante do Santíssimo, à Mãe de Jesus. Aqui repito, por escrito, a consagração: Eu, João Maria Carlos Haw, infiel pecador, renovo e confirmo hoje nas tuas mãos, Maria, as promessas do meu Batismo. Renuncio, para sempre, a Satanás, às suas pompas e às suas obras, e entrego-me totalmente a Jesus Cristo, a Sabedoria Incarnada, para levar após Ele a minha cruz. E, para que Lhe seja mais fiel do que até agora, escolho-te, Maria, na presença de toda a corte celestial, para minha Mãe e Senhora.

Leutesdorf, 15 de agosto de 1915.

João Maria Haw”.

A partir de agora, passa a assinar sempre com o nome de João Maria, como podemos ler no Diário Espiritual a partir desta data.

É também no Diário Espiritual que escreve, em janeiro de 1939: “Amor muito íntimo à minha querida Mãe! Ela tem que me fazer santo; peço-lhe muito isso”. E em dezembro do mesmo ano: “A minha devoção a Maria deve aprofundar-se. Pertencço-lhe inteiramente. Sou um prisioneiro do seu amor”. E em 1942: “Espero tudo de Maria, também para a nossa obra. Mas devo sobretudo, através de Maria, identificar-me completamente com Jesus”.

No último capítulo geral das Irmãs, a que presidiu em 1946, à pergunta que lhe fizeram sobre o espírito específico da congregação, o Pai João respondeu:

“A veneração da querida Mãe de Deus, da Rainha e Medianeira de todas as graças, tem de ser uma ardente preocupação de todos os membros. Na devoção à Mãe de Deus, não se devem deixar ultrapassar por ninguém no mundo. Por isso, também esperam da Mãe do Céu tudo o que necessitam, para o corpo e para a alma. Não só se consagram anualmente, na noite do fim do ano, à sua Rainha celeste, como também lhe confiam, como sua pertença integral, as obras da União de S. João e da congregação. Consideram Maria, a Mãe do Céu, como a verdadeira senhora e superiora da congregação”.

Este testamento de um pai aos seus filhos e filhas espirituais reflete a espiritualidade singular da sua alma. Entrega-se a Maria, para através dela pertencer, total e completamente, a Jesus Cristo. O Padre João pratica a “devoção perfeita”, segundo S. Luís Maria Grignon de Montfort, sem no entanto exigir aos outros que o façam também: tudo o que ele possui, em dons naturais ou espirituais, o seu corpo, a sua alma, os bens materiais, os seus merecimentos e virtudes, tudo ofereceu a Maria, sem qualquer reserva. Entrega-lhe as preocupações e cuida, da sua parte, que tudo corresponda ao espírito de Maria. Quer ser apenas um ins-

trumento nas suas mãos. Desta maneira vive o Padre João com Maria, e através dela vive para Jesus. Por Maria veio Jesus a ele, por Maria chega ele a Jesus.

Segundo explicou o Padre José Schultheis, que o conheceu muito de perto, “o amor do Padre João a Maria tinha as suas raízes na Sagrada Escritura. Sabia que a devoção a Maria tem o seu fundamento em Deus. Ele honrava Maria como Mãe de um Rei ‘cujo reinado não terá fim’ (Lc 1,32-33). Amava e salientava especialmente a festa da visitação de Nossa Senhora; queria, na sua devoção a Maria, fazer o mesmo que a sua prima Isabel: cumprimentá-la, reconhecer o seu envio e a sua posição privilegiada no plano salvífico de Deus, chamá-la e invocá-la com os títulos de ‘Mãe do Senhor’, ‘Mãe Virginal’, ‘Mãe dos Crentes’, ‘Medianeira das Graças’ e ‘Rainha’”.

O Padre João quis que os Missionários e as Irmãs de S. João Baptista se consagrassem, no dia da sua profissão, a Cristo “pelas mãos de Maria”. Deu o nome de “Magnificat” ao livrinho de orações que compôs para uso interno dos membros, segundo o espírito da congregação, e deu às Irmãs o nome de Irmãs de S. João Baptista e de Maria Rainha. Se quisermos reler as cartas que escreveu aos membros, talvez não encontremos uma única em que não se refira a Nossa Senhora.

“Maria, Rainha, somos vossos”. Quantas vezes saiu dos seus lábios esta oração, quantas vezes a segredava, mergulhado em profundo amor. Quando rezava diante da imagem de Nossa Senhora, todo ele era doação, exterior e interiormente. Quando falava dela, nas suas festas litúrgicas ou nos retiros, todos se apercebiam, pelo tom da sua voz, pelo calor da sua conferência, pelas imagens da sua linguagem, com que profundidade ele a amava, com que intensidade tinha entregue à Mãe do Senhor o seu corpo e a sua alma. O fervor do seu grande amor inflamava os corações dos ouvintes. Maria nunca se deixa ultrapassar em amor e generosidade.

Tomou a alma do seu filho João nas suas mãos puras e maternais e encheu-a daquele ardor apostólico que o levava a arriscar tudo por Jesus. Através dela, criou para Jesus a sua obra.

O Padre João tinha uma grande devoção aos santos: venerava-os com uma afeição comovente e quase infantil e eles eram os seus fiéis ajudantes. Todos os dias, no Castelo de S. João, depois de tomar o pequeno almoço, quando já tinha o correio em cima da mesa, deixava-o ali ficar e fazia primeiro uma peregrinação aos seus santos, visitava os altares, na varanda e nos corredores: S. José, S. João Baptista, Nossa Senhora das Dores e outros. Ajoelhava em frente de cada imagem, saudava os santos e confiava-lhes as suas preocupações. A seguir começava então o trabalho. Os seus amigos do céu ajudavam-no, intercedendo por ele junto de Deus. Nas conferências que fazia, indicava-os frequentemente como modelos. Gostava de ler as suas biografias, procurando estímulos para a sua vida de piedade.

Nos conventos, mandava-as ler em voz alta e indicava-as a quem lhe pedia conselho.

S. João Baptista, o seu padroeiro, tinha um lugar importante na devoção do Padre João Maria Haw: escolheu-o como padroeiro das Congregações, da União de S. João, da Editora S. João e de várias casas. Quando, no capítulo de 1946, lhe fizeram a pergunta sobre a espiritualidade da União de S. João, ele ditou:

“O nosso modelo é S. João Baptista... que nos mostra, na sua renúncia, o caminho para a vitória sobre todas as fraquezas humanas, conduzindo-nos assim à mais alta união com a santidade de Deus, tanto quanto é possível aos humanos... Assim como S. João só foi chamado, pelo Espírito Santo, à sua atividade apostólica, como pregador da penitência, nas margens do Jordão, depois de ter passado longos anos em oração, meditação e mortificação, também os membros devem estar conscientes que, sem uma preparação profunda no noviciado e sem cultivarem a sério a vida

interior, nunca estarão aptos a realizar as tarefas da Congregação”.

Além de Maria e de S. João Baptista, o Fundador tinha ainda uma grande devoção a S. José (nas dificuldades materiais confiava sempre, firmemente, na sua ajuda; e era ajudado!), a Santa Teresa de Ávila (escolheu o dia da sua festa para fundar a União de S. João e quis que as congregações fundadas ficassem agregadas ao Carmelo reformado), a Santa Teresinha (falámos dela como padroeira da Escola Apostólica) e ainda, entre outros, a S. Francisco de Sales, S. Francisco de Assis, S. Judas Tadeu e os santos que atuaram na Alemanha pelo Reino de Deus.

O arquiteto Renner, conhecido como Irmão Oblato Francisco Renner, conta:

“O meu único rapaz queria ser engenheiro. Mas quando eu pedia informações nas escolas profissionais, recebia sempre a mesma resposta: ‘é impossível a admissão, por o Instituto estar completamente cheio’. Na escola de construção de máquinas da cidade mais próxima, Colónia, disseram-me: ‘Nos próximos três anos, estão todos os lugares ocupados’. Então expus a minha preocupação ao Padre Diretor Haw. Ele disse-me, simplesmente: ‘Querido amigo, amanhã de manhã celebrarei a Santa Missa no altar do seu padroeiro S. Francisco. Você ajuda à missa. Apresentaremos ao Senhor essa intenção, por intermédio de S. Francisco; então, certamente se encontrará uma solução’. Alguns dias mais tarde, o rapaz foi a Colónia, à escola de construção de máquinas, com algumas recomendações no bolso; quando regressou à noite, já tinha tido o primeiro dia de aulas. Como é que isto aconteceu? Um aluno tinha tido problemas com o professor e tinha ido embora. Nesse mesmo momento chegou o rapaz e foi-lhe permitido ocupar o lugar vago!”

Quando o Padre João pedia ajuda um dos seus amigos celestes, então podia dizer: “Tudo correrá bem!... e corria bem!



*Fazer frequentemente atos de amor a Deus!
O meu alvo deve ser ambicionar teimosamente
por alcançar um ardente amor a Jesus!*

O Padre João Maria Haw, homem sábio e prudente

O Padre João Maria Haw, fundador da União de S. João e das congregações dos Missionários e das Irmãs de S. João Baptista, foi certamente uma das figuras sacerdotais mais significativas e mais distintas da Alemanha, na primeira metade do século XX. A preocupação com as almas em perigo nas grandes cidades, com os sem lar e os ex-presos levou-o às suas fundações e fez dele um grande organizador e mestre-de-obras, um apóstolo da imprensa e um fundador. As suas obras revelam-no, logo à primeira vista, como um grande homem e um grande sacerdote.

Ele tinha os pés bem assentes na terra. Era tudo menos fantasista, antes possuindo um realismo espantoso. Era dotado de um senso comum instintivo: perguntava, refletia, estudava os problemas sob os seus vários aspetos, e só então agia. Quem tiver, alguma vez, participado com ele nalguma reunião sobre problemas de imprensa, de apostolado ou económicos, admirou certamente o seu juízo sóbrio e a sabedoria com que aproveitava as melhores sugestões. Mostrava sempre, para todos os negócios, um juízo sã.

O Irmão José Hilpisch, que orientava a tipografia, chegou um dia com o seu plano junto dele. Naturalmente, tentava levar avante a sua ideia, convencido de que era a melhor. Mas o Padre Haw insistiu nalgumas modificações, amigavelmente, gentilmente, mas com firmeza. O Irmão, depois de alguns dias, teve de dar a razão ao seu diretor, pois viu que as modificações tinham sido certas.

O Padre João viajava muito e gostava de viajar. O Irmão José Hilpisch, que muitas vezes o acompanhava nas suas viagens de comboio, disse-lhe um dia: “Pai João, se um dia mais tarde for canonizado e posto nos altares, terá na mão, como símbolo, uma locomotiva de comboio”. O Pai João riu. Tornava-se necessário viajar muito para resolver dificuldades, para manter as casas e filiais interior e exteriormente em ordem, para estar mais perto dos seus colaboradores. Fazia tudo o que estava na sua mão e entregava o resultado nas mãos de Deus, confiando que tudo se resolveria pelo melhor.

Todos os seus planos eram orientados para o aspeto prático, para metas bem concretas. As dificuldades não o faziam desistir, desde que tivesse reconhecido que o seu plano era certo e necessário e, principalmente, que estava de acordo com a vontade de Deus. Essa sua decisão e firmeza, a sua grande atividade e capacidade de iniciativa levaram-no a grandes êxitos e, ao mesmo tempo, a muitos desgostos, embora ele mantivesse sempre a sua amabilidade e delicadeza nos contactos com os outros.

Para ele, o que era realmente importante era o apostolado e não o ganho que lhe podia vir de qualquer empreendimento. Em 1932, num retiro que orientou para as Irmãs, disse: “Peço-vos, queridas Irmãs, que nunca atueis apenas por considerações humanas ou com demasiados cálculos. Nunca devemos, minhas queridas Irmãs, aceitar ou fundar qualquer obra pensando que nos poderia ser economicamente útil, e nunca deixar de fazer qualquer obra por recearmos não ganhar nada com ela. Ai de nós, se um tal espírito chegasse à nossa comunidade! Então estaria condenada a morrer!”

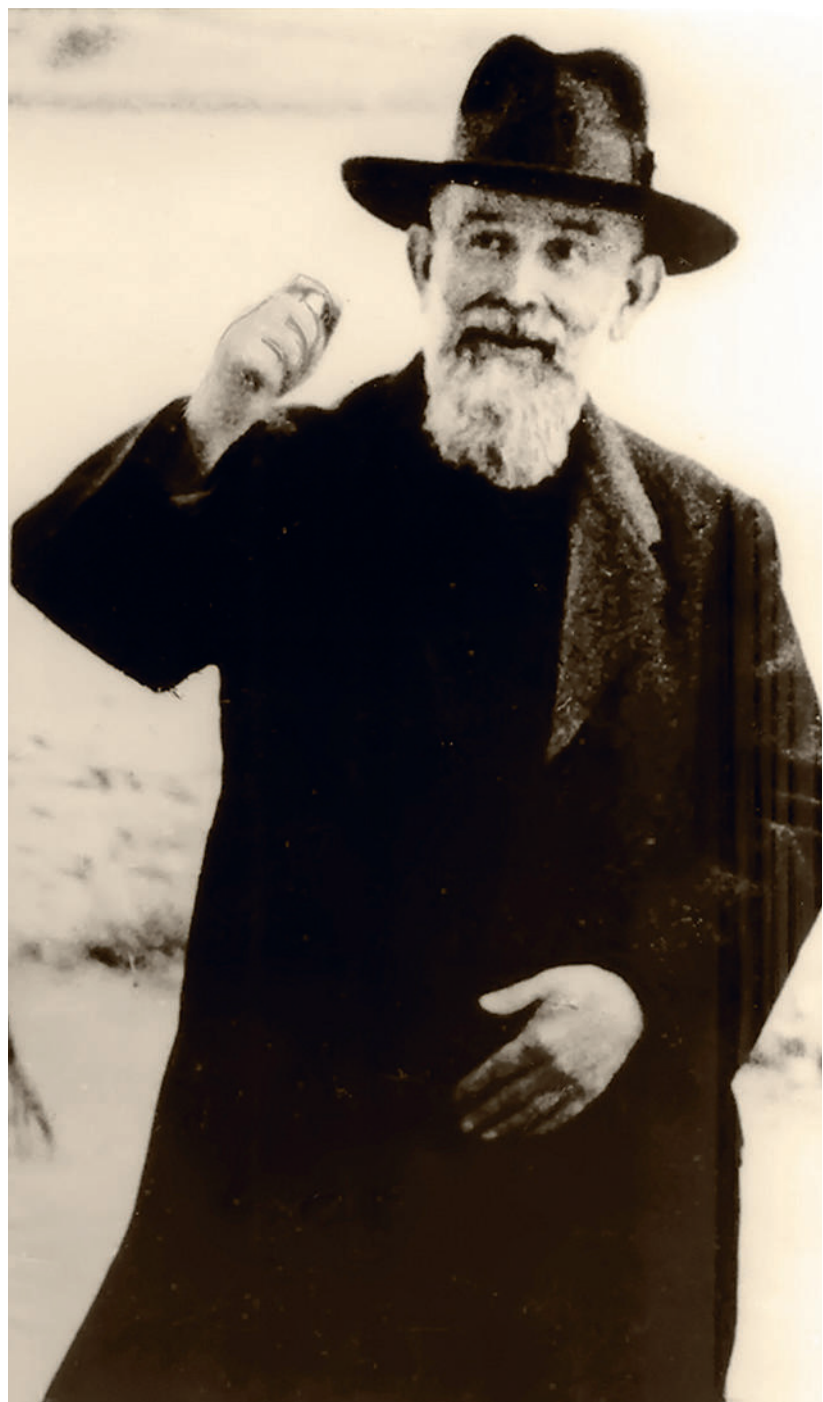
Os vinhateiros de Leutesdorf não o aceitavam muito bem, como se pode facilmente compreender: ele trabalhava contra o alcoolismo. No entanto, tinha a preocupação de não lhes tirar o seu ganha-pão. Procurava interessá-los pelo fabrico de sumos sem

álcool, e introduziu, na Casa de Cristo Rei, o fabrico de sumo de maçã e de uva, o que nessa altura ainda era praticamente desconhecido, e que agora se faz por toda a parte, mesmo em Leutesdorf.

Dizia frequentemente que não tinha empreendido nada por iniciativa própria, mas tinha sido sempre impelido por Deus. A União de S. João não era a sua obra, mas sim a obra de Deus; ele era apenas um instrumento nas suas mãos.

Segundo o Padre Pedro Appel, a sabedoria do Pai João “não era um cálculo exterior, mas era dirigida pelo Espírito Santo. Ele era sábio e prudente na escolha dos meios de que se servia para atingir a perfeição... era sábio e prudente na condução das almas que lhe estavam confiadas. As suas decisões em problemas profissionais eram extremamente claras e definidas. Dava a impressão de que Deus o tinha deixado aperceber-se de algumas coisas sobre o futuro dos seus. Nunca falava disso. A sua sabedoria era generosa, sobrenatural, íntima e edificante”.





Uma paz que nada podia perturbar...

Todos os que contactavam com o Padre João se impressionavam com a sua calma, constante e imperturbável.

O Padre José Rick, que orientou muitos retiros no “Castelo de S. João”, costumava, nessas alturas, ficar num quarto ao lado do Padre João. Ele testemunha: “Há uma coisa maravilhosa no Padre Diretor Haw: a sua imperturbável paz interior! *Semper idem*, sempre o mesmo. *Spes gaudem*, alegre na esperança”. Os que, ao longo dos anos, trabalharam com ele, declaram unânimes: “Nunca o vimos nervoso, impaciente ou irritado”. Isso é extraordinário, num homem que era, por natureza, firme, rigoroso, consequente e cheio de energia, principalmente quando se encontram pela frente tantos e tão difíceis obstáculos como aconteceu com o Pai João. O facto de conseguir, apesar do seu temperamento, permanecer durante toda a vida a calma em pessoa é uma graça de Deus, mas é também disciplina própria. O Padre João assemelhava-se, neste ponto, a S. Francisco de Sales.

Lendo o Diário Espiritual, damo-nos conta dos seus esforços para permanecer sempre bondoso e amável. Em 1919, escreve: “Tenho que atrair e ganhar todos para Deus pela minha amabilidade, cordial participação e prontidão para ajudar”. E em 1923: “Amor, bondade e paciência são as virtudes que eu tenho que conquistar a valer”.

A sua paz interior refletia-se também no exterior. A Irmã Valéria diz: “Ele era sempre o mesmo: bondoso, com auto domínio,

vindo ao encontro dos outros, otimista. Nunca o vi caprichoso. O seu porte era aprumado; quer estivesse no trabalho, na oração, à secretária, a conversar, à mesa ou em qualquer lugar, nunca o vi numa atitude descuidada ou comodista. Apesar disso, dava uma impressão de naturalidade... não incomodava, não chamava a atenção. Era assim. Por vezes o seu olhar era de tal maneira que dava a impressão de contemplar interiormente o Senhor, sabendo-se diante da sua face”.

Era um homem arrumado e organizado. A sua secretária, bem ordenada, revelava-o logo como tal. Observava, conscienciosamente, o plano diário que se tinha proposto, mas não era escravo dele. Se anunciavam uma visita no momento em que trabalhava intensamente, recebia-a logo com grande amabilidade. Nunca ninguém se sentia importuno. Mesmo a meio de reuniões importantes com os seus, interrompia quando chegava um hóspede. Para ele, o hóspede significava Cristo. Por isso o recebia tão amável e cordialmente. O seu contacto com as pessoas era distinto, amável, atencioso. Nunca achava ninguém aborrecido. Acolhia cada um que se lhe dirigia com disponibilidade e amor.

O Padre João sabia que nem sempre conseguimos realizar aquilo que reconhecemos como certo, nem sempre a vida está em concordância com o ideal. Conhecia as fraquezas dos homens. Sabia que tem de se lutar constantemente pelo ideal e que há retrocessos. Com os seus filhos, mantinha os olhos bem abertos e pouco lhe escapava. Falava claramente e punha, com firmeza, o dedo na ferida: em desobediências, na tibieza, em transgressões da Regra.

Ocupava-se, então, do seu filho ou filha espiritual e falava com ele a sós. O diálogo era sério, mas calmo. Quando o filho reconhecia e confessava a falta, prometendo emendar-se, ele mostrava-se logo a própria amabilidade em pessoa. Não guardava ressentimentos. Ninguém se separava dele com um espinho no coração.

A preocupação era a sua companheira permanente. Antes de qualquer fundação, em cada construção e em cada instalação, lá está ela como um fantasma cinzento. Quantas vezes está uma letra em pagamento! Dias, horas, antes do prazo de vencimento, ainda não há dinheiro! As preocupações mantinham-no ocupado e não é verdade que não lhes ligava. Mas não corria ao encontro das pessoas, desanimado e nervoso, pedindo ajuda. Mantinha-se calmo, mas calmo na tormenta: corria para os seus amigos celestes, os queridos santos, e através deles batia fortemente à porta do coração paternal de Deus e mandava aos seus que batessem também com força. O Senhor, em Quem confiava, nunca deixava de o socorrer.

A Gestapo estrangula, a pouco e pouco, a sua obra. Não tem uma palavra de crítica nem de amargura. Nada acontece por acaso. Se Deus o permite, é porque tem projetos mais importantes. “A nossa obra não teria valor se não tivéssemos de sofrer”. O seu coração sangra: como poderia ser de outra maneira? Também ele é humano. Mas quando tudo parece perdido, quando uma força inimiga da Igreja destroça a sua obra-prima em Berlim, a Casa de Cristo Rei, vai com os seus para a capela e canta o hino de louvor a Maria:

“A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador; o Todo Poderoso fez em mim maravilhas, santo é o seu nome”.

O Padre Pedro diz dele: “Via tudo à luz da fé. Daí lhe vinha a serenidade, interior e exterior. Era alheio a toda a apreciação humana dos factos. Por isso, nem os acontecimentos felizes lhe faziam perder o domínio próprio, nem os tristes o deprimiam. Considerava as coisas deste mundo sob o ponto de vista sobrenatural”.

“Uma única vez vi o nosso Pai João muito diferente”, conta uma Irmã. “Com grande alegria de todos nós, ele tinha regressado curado da Suíça. No dia seguinte, cumprimentou-nos na Sala

de Conferências, a nós e aos amigos e benfeitores da União de S. João. Depois de ter agradecido a todos... mencionou a riqueza e a decadência de alguns conventos ao longo da história. Então exclamou, com voz emocionante: 'A nossa obra só deve prosperar para glória de Deus. Se deixar de ser para sua glória, se começar a alienar-se e deixar de amar a pobreza, então, então que Deus a destrua! Não, então não deve subsistir!' Não consigo explicar a maneira como ele estava, de pé diante de nós. Tremia, tinha os punhos cerrados; olhava para nós como se não nos visse... Na sala reinava um silêncio completo. Depois de alguns momentos, continuou então a falar”.

A calma do nosso Padre João era também fruto de um grande auto domínio. “Acostumei-me a conservar sempre a calma, senão há muito tempo que estaria desfeito”, dizia ele para um sacerdote amigo. Essa calma e essa paz eram sobretudo um dom.

Ele vivia mergulhado em Deus, sentia-se sempre na sua Divina Presença e estava em contacto com o silêncio eterno do seu Pai celestial. Como é que as preocupações terrenas poderiam perturbar a paz da sua alma?

Alma de apóstolo

“Nele tudo era apostolado”, diz a Irmã Valéria, “era esse o seu grande objetivo. Para isso organizou os retiros, o apostolado dos doentes, todo o apostolado da imprensa. Também às Irmãs dava como principal tarefa a ajuda no apostolado. No princípio enviava-as sem uma preparação especial; só precisavam de ter bom senso e um coração apostólico. Só mais tarde é que passaram a receber a necessária preparação”.

O Padre João estava muito atento às necessidades do seu tempo e dizia frequentemente aos seus que, em relação ao campo de apostolado, se deixava sempre conduzir pela Divina Providência. Em 1937 escreveu no Diário Espiritual: “Cristo deve falar e agir por mim. Tenho que irradiar a bondade do Espírito Santo. O zelo pelas almas deve devorar-me, não me deve dar descanso”. O seu amor a Jesus e o seu empenho em torná-l’O mais conhecido e mais amado eram o motor de toda a sua atividade apostólica.

“No confessionário”, conta a Irmã Valéria, “era bondoso e não exigia nada de extraordinário. Estava sempre pronto a confessar, quando lho pediam. Em Berlim, muitas vezes vinham soldados à Catedral para se confessarem. Quando os sacerdotes encarregados não estavam, ele ia imediatamente para a igreja e punha-se à disposição. Nessa altura já tinha mais de 70 anos”.

O trabalho apostólico entusiasmava-o. Uma vez, cheio de otimismo, disse às Irmãs em Döberitz: “Quando a Casa de Cristo Rei estiver pronta e nós começarmos a construir em Berlim Oriental, as Irmãs passarão a sair de carro para o apostolado, em todas as zonas de Berlim. Precisaremos aí de uma dúzia. Mas vós, Irmãs,

tendes de vos santificar primeiro, antes de poderdes trabalhar na salvação das almas”.

A sua ideia era que as Irmãs ajudassem no apostolado por todo o lado. Isso do carro não chegou a concretizar-se, pois veio entretanto o regime nazi. Mas as Irmãs não deixaram de trabalhar sempre no apostolado paroquial.

A Irmã Stephana diz: “É admirável como o Padre João Maria Haw estava adiantado para o seu tempo, quanto à colaboração de mulheres no apostolado. Logo em 1926, escreveu na Regra que tinha de apresentar em Roma para aprovação: ‘O principal campo de trabalho (das Irmãs) é a ajuda no apostolado’. O primeiro Instituto para formação de ajudantes paroquiais femininas foi fundado em Freiburg em 1928”.

A alma de apóstolo do Padre João levou-o a trabalhar na organização do apostolado dos leigos; para isso fundou a União de S. João, introduziu na Alemanha a Cruzada Eucarística Pio X e o apostolado dos doentes, colaborou na organização dos congressos de Cristo Rei e tentou entusiasmar os operários e jovens pela Ação Católica. Em 1929, na Reunião Geral dos Católicos da Alemanha, disse:

“Os sacerdotes têm hoje de se multiplicar nos leigos. Leigos com corações sacerdotais têm de ir ao encontro das massas; leigos que vivam no meio do povo, que partilhem as suas necessidades, que falem a sua língua; eles têm de ser pregadores nas fábricas, nos escritórios, em baixo nas minas, nas administrações dos nossos serviços públicos, nos parlamentos”.

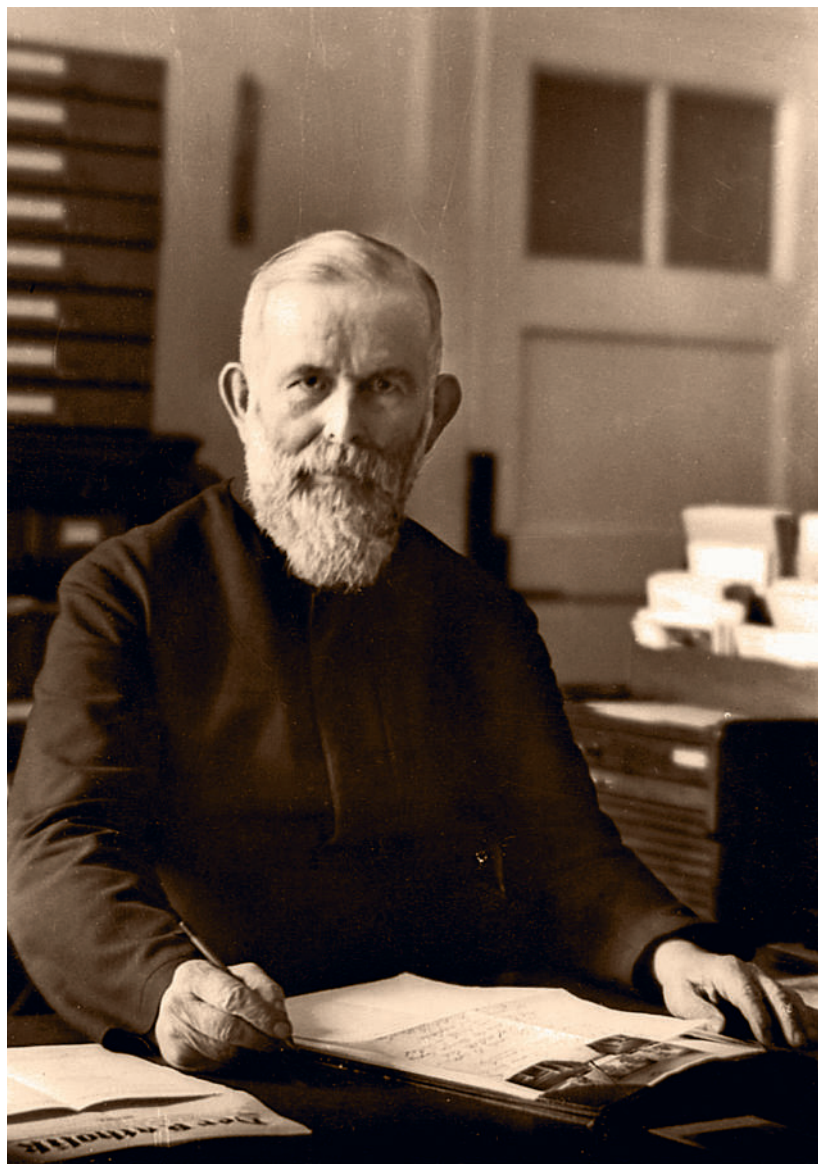
Não é de admirar que o Padre João, esse homem apostólico, considerasse o apostolado como a primeira finalidade da União de S. João. Em setembro de 1940, numa conferência que fez às Irmãs sobre as características da obra, disse:

“A finalidade de toda a nossa obra é, em primeira linha, apostólica. Todos os membros devem colaborar, no lugar que os superio-

res lhes destinarem, na mais divina das obras, ou seja, na salvação das almas imortais e na implantação do Reino de Deus. Principalmente as Irmãs de S. João Baptista devem considerar uma grande honra o serem humildes ajudantes dos sacerdotes..., mas também se devem dedicar a todas as atividades de caráter apostólico que lhes sejam possíveis na sua condição de religiosas”.

Mas ele conhecia bem as condições para que o apostolado seja verdadeiramente fecundo. Por isso continua: “Mas o caráter apostólico da Congregação também requer, de uma maneira especial, que as Irmãs se esforcem incansavelmente por atingir uma grande interioridade, sim, a mais alta santidade. Só se nós próprios nos santificarmos, se estivermos em perfeita união com Deus e nos transformarmos em Cristo é que poderemos conduzir ao Coração de Deus aqueles que andam afastados”.





Não me impor coisas extraordinárias, mas ser fiel nas pequenas. Fazer tudo o mais perfeitamente possível. É este o caminho da santidade.

Perfil espiritual

Luta pela perfeição

Vida de intimidade com Deus

Ao longo de todo o livro, já temos falado frequentemente na vida espiritual do Padre João Maria Haw, mas não queríamos encerrar esta biografia sem fazer ressaltar ainda alguns pontos que nos parecem característicos nele.

Tinha uma maneira de ser simples e desprendida.

O Padre José Schultheis escreve: “Foi um homem de inteligência clara, de vontade forte, de incansável capacidade de trabalho, adverso a toda a exaltação e fantasia, cheio do mais puro amor de Deus e do próximo... O seu caminho foi claro e consequente. Era estranho a tudo o que fosse falsidade, obscuridade e indecisão”.

A Irmã Valéria testemunha: “Não falava de si próprio. Na sua atitude e na sua vida podia-se ler a aspiração constante à santidade... Como religioso, era modesto. Por causa da sua frágil saúde, as Irmãs preocupavam-se muitas vezes com a sua alimentação. Ele próprio não tinha desejos especiais; pelo menos não me apercebi disso”.

Em íntima adesão ao Santo Padre e aos bispos, vivia e lutava pelos interesses da Santa Igreja, que tanto amava. É ainda a Irmã Valéria que diz: “Tinha sempre grande consideração pelos representantes da Igreja e também não teria tolerado que se fizesse de outra maneira... Tinha o cuidado de zelar para que as prescrições fossem cumpridas com exatidão”.

“Vemos, verdadeiramente, no Santo Padre o representante de

Deus? Estamos prontos a obedecer-lhe a todo o custo em questões da fé e da vida religiosa?”, questiona o Padre João Maria Haw.

Citámos já muitas vezes o Diário Espiritual, esse livrinho que o Padre João iniciou a 4 de fevereiro de 1915, num tempo cheio de tensões interiores e exteriores, a altura das grandes dificuldades no Movimento Temperança. Não sabemos se já teria escrito, anteriormente, algum diário; este, que possuímos, vai até 1949, o ano da sua morte. Contém 159 inscrições, anotadas irregularmente em 82 páginas.

A primeira anotação contém o tema fundamental da sua orientação espiritual: “*Cor Sacrum Iesu, adveniat regnum tuum!* Sagrado Coração de Jesus, venha a nós o teu Reino!” (1915, o meu Diário Espiritual). A última, escrita com mão trémula, é o ponto final da sua vida espiritual: “*Christus Rex!* Aclamar tantas vezes quantas puder: Jesus, meu Rei! Jesus, meu Rei!”

Segundo muitas testemunhas, o Padre João raramente falava de si próprio; para escrever o Diário Espiritual, utilizou um tipo de estenografia muito pouco usado, e hoje quase desconhecido; são muito poucas as palavras anotadas em escrita normal, e mesmo essas são, quase todas, nomes próprios ou expressões latinas tiradas da Liturgia. Conseguiu-se, através de um perito, uma tradução autorizada.

Todo o livrinho é o espelho da caminhada, dura e pedregosa, de um homem que, no seguimento de Deus, luta conscientemente pela perfeição; um homem que se esforça por conhecer e cumprir cada vez melhor a Vontade de Deus. Sobriamente, dá contas do seu esforço e não hesita em fixar a si próprio duras normas ascéticas. No conjunto das anotações, sente-se a sua luta constante para se identificar totalmente com a Vontade de Deus. Não encontramos uma única palavra de julgamento ou crítica, nem um desabafo acerca de dificuldades sentidas. Nada disso! O Padre Haw não julga nem condena: reza por aqueles com quem

trabalha e para quem trabalha, pelos alcoólicos, os abstinentes e todos os que pertencem ao Movimento. Mais tarde rezará pelos colaboradores e, como fundador, principalmente pelas Irmãs, Irmãos e Padres; não procura nos outros o motivo dos fracassos, mas sim em si próprio.

Vejam algumas anotações ainda não citadas anteriormente e referentes à sua vida espiritual:

“Tenho que aproveitar cada dia bem a sério. Cada dia me deve aproximar mais de Deus. Só o conseguirei se aproveitar bem todas as graças do dia. Tenho que rezar o Breviário e celebrar a Santa Missa com muito mais devoção, fervor e amor. Não descansarei enquanto não o conseguir e não temerei os meios nem me pouparei a esforços” (1915).

“Tenho que fazer tudo sob a ação de intensa oração” (1915).

“Ser cada dia mais puro, mais santo, mais amante de Deus” (1920).

“Tenho que aprender a rezar com mais pureza, intimidade e fervor” (1923).

“À comunhão espiritual quero unir a minha contínua oração para alcançar um amor a Jesus, grande, ardente, disposto ao sacrifício” (1923).

“Fazer frequentemente atos de amor a Deus! O meu alvo deve ser ambicionar teimosamente por alcançar um ardente amor a Jesus!” (1924).

“Não me impor coisas extraordinárias, mas ser fiel nas pequenas. Fazer tudo o mais perfeitamente possível. É este o caminho da santidade” (1924).

“Tenho de me tornar um santo sacerdote. Cristo tem de se realizar em mim. Tenho que viver em Cristo, e Cristo em mim” (1936).

“Na coleção de fim de dezembro, em Braunshardt, tomei a seguinte decisão: quero ser santo. Quero rezar, como o Padre

Doyle: Meu Deus, Tu és Todo Poderoso! Faz de mim um santo!” (1938).

“Cristo anseia pela minha santificação. Maria quer-me ajudar. Como estou próximo do fim da minha vida! Quanto tenho de emendar, de recuperar! Quantos santos Sacerdotes, Irmãos, Irmãs, crentes, poderei oferecer a Deus se me tornar santo! Deus, Tu és Todo Poderoso! Faz-me santo!” (1944).

“Como Te amo, Cristo, meu Rei! Ó dulcíssimo nome de Jesus! Eu amo-Te” (1946).

“Rezar com devoção! Andar na presença de Cristo, o Deus de amor na Eucaristia” (1948).

“Jesus, Jesus, Jesus! Jesus, meu amor, Jesus! Jesus em mim. Vem, Senhor Jesus, vem! Oração pela ação de Deus na minha alma” (1948).

Quem está tão mergulhado em Deus, quem, como o Padre João, vive na sua intimidade, quem experimenta a toda a hora o amor de Deus Pai não pode deixar de transmitir aos outros o amor paternal de Deus que nele transparece. Por isso é que o Padre Haw estava sempre tão atento às necessidades materiais e espirituais do seu próximo, principalmente dos mais pobres e mais necessitados, como vimos nos capítulos precedentes.

“A sua união íntima com Deus”, relata o Padre Pedro, “como que resplandecia no seu rosto. Era como se caminhasse continuamente na presença de Deus, como que mergulhado em permanente adoração”.

O Padre José Schultheis escreve: “O Padre João Maria Haw foi um homem de oração... o que interessava sempre ao Padre Haw era a glorificação de Deus e a salvação das almas”.

Ao encontro do Senhor Última morada

Depois da guerra, o Padre João passou a viver na Casa de Cristo Rei. Enfraquecia cada vez mais. Os duros golpes que destroçaram a sua obra tinham-no atingido gravemente e tinham minado a sua saúde. Nunca se lhe ouvia uma queixa. Permanecia sempre igualmente sereno, bondoso, abandonado à Vontade de Deus. O Padre José Schultheis, que o acompanhou nos últimos tempos e veio a ser, mais tarde, superior geral da congregação, escreveu:

“Consciente da sua própria impotência, entregou-se completamente nas mãos do Deus misericordioso, de acordo com o seu lema, extraído do Livro dos Salmos: ‘Cantarei eternamente as misericórdias do Senhor’ (Salmo 89, 1). Quando chegou ao fim da sua vida terrena, não via diante de si os êxitos que, aos olhos dos homens, lhe tinham acarretado honras, mas sim a sua própria pobreza e a sua culpa... Restavam-lhe a fé, a confiança na bondade e na misericórdia de Deus e a conformidade humilde com tudo o que Deus tinha disposto e viria a dispor acerca de si próprio e das suas obras. Durante toda a vida se esforçou por adquirir esta atitude interior: em diálogo íntimo com Deus, com Cristo, o seu Rei, com Maria, a Mãe do Senhor, com os anjos e santos e com os familiares e amigos já falecidos. Retirava-se, sempre que podia, para meditar e rezar diariamente, com grande interioridade, a via-sacra e o terço. Essas horas de silêncio concederam-lhe uma profunda serenidade e aquela paz interior que tem a sua razão de ser na certeza de ser amado por Deus... Ele, que era colérico

como S. Francisco de Sales e outros grandes santos, tornou-se um homem manso, bondoso, sábio. Suportou, ao longo de dezenas de anos, acusações e incompreensões, em silêncio, com paciência e por amor ao Senhor e aos homens...”

Nos últimos sete ou oito meses, estava completamente sem forças. Leves ataques de apoplexia tolhiam o seu corpo e paralisavam-lhe o espírito. Falava muito pouco e nunca se queixava da sua debilidade, embora a grande fraqueza o fizesse sofrer.

“Uma vez”, conta a Irmã Valéria, “sucumbiu no caminho para o Castelo de S. João, não sei se por fraqueza se com uma vertigem. Foi (talvez) no seu último ano de vida, em 1949. Pessoas de Leutesdorf trouxeram-no ao Castelo de S. João, onde teve primeiro de descansar um pouco em baixo, na sala de visitas, sem se pronunciar. Não perdeu uma palavra acerca do seu estado de fraqueza”.

Numa carta que escreveu às Irmãs em outubro de 1948, depois de ter estado internado nove dias no hospital de Neuwied, diz:

“Sinto a necessidade efusiva de vos agradecer pelas vossas orações, que não só apoiaram a arte dos médicos, mas também, certamente, atraíram sobre mim grandes graças espirituais. Deus seja louvado, Ele que nos desprende, através de tais provações, do que é terreno e passageiro, abrindo cada vez mais os nossos olhos para as maravilhas eternas... Só peço uma coisa à bondade do Coração Divino de Jesus e por intercessão da nossa Mãe do Céu: que fortaleça todos os nossos nas futuras provações e que faça surgir, das nossas comunidades e em toda a obra da União de S. João, santos que se consumam sem reservas pela glorificação do Rei do Amor crucificado!...”

Nos últimos meses, quando estava um pouco melhor, as suas palavras eram sempre espirituais. Exortou o Irmão Willigis, que estava ao seu serviço, dizendo: “Faz tudo para glória de Deus!” Gostariam de lhe dar ainda alguma alegria, e o Irmão perguntou-

-lhe: “Pai João, ainda tem algum desejo?” Respondeu: “Sim, que tu te faças um santo!”

Um dia olhou subitamente para a imagem de Nossa Senhora e disse: “Como será maravilhoso! Haveis de vos admirar!”

Em maio de 1949, presidiu pela última vez à festa de profissão e de tomada de hábito, no Castelo de S. João. Como estava muito fraco, teve de permanecer quase sempre sentado, e estava um pouco preocupado, segundo contou a Irmã Valéria, receando ter, com a sua fraqueza, prejudicado a solenidade.

No fim de julho de 1949, estive pela última vez no Castelo de S. João e dirigiu algumas palavras às Irmãs:

“Queria manifestar a minha alegria, estando hoje mais uma vez convosco e dizendo-vos algumas palavras. Sei que Deus também se alegra pelas almas que se Lhe consagram inteiramente, por isso é também essa a minha alegria... Queremos servir a Deus, o Senhor, com entusiasmo... Só vos posso encorajar a servir diariamente o Senhor com verdadeira alegria espiritual e a agradecer-Lhe por vos dar a oportunidade de vos encontrardes numa casa religiosa e de servir a Deus, o Senhor. Que a bênção do Senhor permaneça sobre vós aqui nesta casa e em todas as casas que Ele vos dá. Então, tudo será mais fácil. Alegremo-nos por podermos servir a Deus aqui e queremos servir a Deus, o Senhor, tão perfeitamente quanto possível...”

Enfraquecia cada vez mais. Poucas semanas antes da morte, já quase não conseguia tomar nenhum alimento. Nos últimos dias, quase que já não falava. Passava a maior parte do tempo numa poltrona, ao pé da secretária, deixando correr silenciosamente por entre os dedos trémulos as contas do terço. Só mesmo nos últimos dias é que já não se levantou.

Dois dias antes da festa de Cristo Rei, que nessa altura ainda se celebrava no último domingo de outubro, a 28 de outubro de 1949 pelo meio dia, os seus apercebem-se: o Pai João está a che-

gar ao fim. Às 13 horas entra em agonia. Os filhos e filhas espirituais que se encontravam em casa tinham sido chamados pelo toque do gongo; rodearam-no, ajoelhando alternadamente ao lado da sua cama e rezando. Pouco depois das 15 horas, era sexta-feira, há grande silêncio no quarto. Vai-se deixando de ouvir o estertor da agonia; como afligia o coração de todos os presentes essa falta de ar! Queriam ajudar e não podiam. O Pai João está mais descansado, deitado no leito quase suavemente. O rosto e os membros estão húmidos com o suor da morte. Começam as orações da agonia. Os olhos estão baços e cansados, quase fechados. A respiração é curta e silenciosa. A morte está a chegar. Os padres iniciam o cântico da hora da morte de todos os membros das congregações dos Missionários e das Irmãs de S. João Baptista: o “Salve Regina”. Às palavras “Eia pois, advogada nossa, esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei”, acontece alguma coisa de extraordinário: o moribundo levanta um pouco a cabeça; os olhos abrem-se completamente. A expressão revela uma admiração indescritível, uma santa expectativa.

Estava cheio de uma grandeza indefinível. Os olhos contemplam uma distância imensa. Os lábios movem-se. A cabeça inclina-se levemente, algumas vezes. Teria sido uma visão do Além, da magnificência de Cristo Rei? Viria Maria ao encontro do seu servo fiel?

Às últimas palavras do cântico, os olhos fecharam-se suavemente e a cabeça reclinou-se novamente nas almofadas. Algumas contrações percorrem ainda o seu corpo enfraquecido. O estertor afrouxa. Silenciosamente, respira ainda algumas vezes. O Pai João tinha morrido. Tinha 78 anos de vida e 54 de sacerdócio. O seu rosto exprimia uma paz maravilhosa. Era novamente o antigo, o bondoso Pai João.

Foi uma morte santa, uma morte bela. Do seu leito de morte emanava, para todos os que lhe estavam mais perto, uma paz que não era deste mundo.

Os seus filhos depositaram-no em câmara ardente, no seu quarto de trabalho, como num jardim cheio de flores. A toda a hora chegam ao pé dele os filhos, que rezam.

O funeral dirige-se à igreja paroquial. Os Irmãos e Irmãs rezam pela sua alma. Mas ainda seria preciso rezar pelo Pai João? Não seria ele já um santo no céu? Já dezenas de anos antes, no seu tempo de seminário, os colegas diziam: “Se algum dia, algum de nós for canonizado, então será o Haw”! Nem um único dos seus amigos nega que ele era um santo sacerdote.

O seu bispo, o arcebispo Francisco Rudolfo Bornewasser, confirma-o, escrevendo na carta de condolências:

“Nele subiu ao lar celeste um dos meus melhores sacerdotes. Vivía completamente da fé, fruto do verdadeiro amor, e era sustentado em tudo por uma grande confiança na Divina Providência, que era admirável e exemplar, principalmente para os sacerdotes. Quanto bem ele fez aos seus contemporâneos durante a sua vida, só Deus o sabe. O sentido e a finalidade da sua vida era realizar perfeitamente a sua santa Vontade, na alegria e na dor”.

Já o seu antecessor, o bispo Miguel Félix Korum, dissera um dia: “Agradeço a Deus o ter-me dado este sacerdote”.

Certamente que o Pai do Céu terá recebido de braços abertos esse seu filho, que acreditava n’Ele de uma forma tão inabalável, que confiava n’Ele com tanta firmeza, que O amava com tanto ardor, e ao mesmo tempo com tanto respeito que tinha de se pôr de pé cada vez que rezava “Glória ao Pai”, que conhecia somente a sua glória e lutou durante tanto tempo e tão vigorosamente pela santidade!

O *requiem* começa. O bispo enviou, como seu representante, o Monsenhor Gaspar Kranz, notário protocolar, para fazer o funeral do Pai João. Na pregação fúnebre, terminou com as seguintes palavras: “Deverei dizer-vos e exortar-vos: rezai por ele? Queremos fazê-lo, seguindo o costume cristão. Mas também lhe digo a ele:

reza tu por nós! O Padre João não está morto; ele vive e as suas obras vivem!”

Seguidamente, o Padre Haw foi enterrado na Capela da Agonia, em frente da igreja de Santa Cruz e da Casa de Cristo Rei, num túmulo de pedra, em cuja tampa está esculpida, por um artista beneditino, a figura do Padre João no seu tamanho natural.

A Capelinha da Agonia existe em ligação com a igreja de Santa Cruz, centro muito antigo de peregrinação; nela se encontra, representada em imagens, a agonia de Jesus no Horto das Oliveiras, assim como uma estátua do Senhor flagelado. A pequena torre barroca anuncia a toda a gente: aqui está sepultado um que é grande no Reino de Deus. Na estrada que fica em frente da Capela, passam todos os dias milhares de automóveis; por detrás, passam os comboios, cujo ruído era bem familiar ao Padre João. No meio do trânsito barulhento ele permanece, como sempre, a calma em pessoa. Aí, aos pés do Senhor da Agonia, com Quem passou algumas horas de sofrimento, dormirá até que Deus o chame para o último julgamento. Mas a sua alma continua a estar desperta e atenta a todo o sofrimento humano. Todos os que, oprimidos pelo peso das dificuldades da vida, se lhe dirigirem, serão recebidos com amor, como dantes, quando ele ainda habitava neste mundo. Tomará o pedido nas suas mãos bondosas e levá-lo-á a Deus, o nosso Pai. O Pai João também continuará, hoje e no futuro, a dar a bênção àqueles que lho pedem. Enquanto estava entre os seus, ele abençoava muitas vezes, de boa vontade, solenemente, vigorosamente. Continuará sempre a ser um homem de bênção!



*Feliz quem conhece Jesus, mais feliz quem O ama,
ainda mais feliz quem n'Ele vive!*



Cristo anseia pela minha santificação. Maria quer-me ajudar. Como estou próximo do fim da minha vida! Quanto tenho de emendar, de recuperar! Tu és Todo Poderoso! Faz-me santo!

Dados biográficos

do Servo de Deus Padre João Maria Haw

- 1871, 26 de maio - Nasce em Schweich (Alemanha).
- 1895, 30 de março - Ordenado sacerdote na Catedral de Trier.
- 1875-1906 - Capelão, Vigário e Pároco em diversas localidades. Escreve e publica os livros: “O Inferno”, o “Rei Álcool”, “Uma Boa Confissão”.
- 1908, 30 de setembro - Eleito primeiro Presidente do “Movimento Católico Antialcoólico da Alemanha”.
- 1911 - Compra o Lar de S. João na zona vinícola de Leutesdorf junto do rio Reno e muda a sede do Movimento para esta aldeia. Aqui, abre uma Casa de Reabilitação para alcoólicos e orienta-lhes retiros.
- 1919, 15 de outubro - Funda a União de S. João, em Leutesdorf. Através dela, prepara os Leigos para a santidade e o apostolado.
- 1921 - Funda a Tipografia da União de S. João e inicia o Apostolado da Imprensa de inspiração cristã.
- 1923 - Reconstrói a Casa de retiros “Castelo de S. João”, em Leutesdorf.
- 1926 - Introduz o Apostolado dos Doentes na Alemanha.
- 1928, 12 de junho - Aprovada canonicamente a Congregação das Irmãs de S. João Baptista e de Maria Rainha, pelo Bispo Doutor Francisco Bornewasser.
- 1933 - Inicia a Comunidade das Irmãs da Adoração.
- 1941, 9 de setembro - Dissolução da União de S. João com todas as suas obras. O Padre João Maria Haw fica desalojado.

- 1948, de maio - Aprovada canonicamente a Congregação dos Missionários de S. João Baptista.
- 1949, 28 de outubro - Adormece no Senhor, em Leutesdorf.
- 2011, 2 de março - Abertura do Processo Informativo Diocesano do Padre João Maria Haw.
- 2014, 8 de outubro - Encerramento da fase diocesana do Processo de Beatificação do Fundador das Congregações das Irmãs e Missionário de D. João Baptista.
- 2014, 21 de outubro - Entregue, em Roma, na Congregação para as Causas dos Santos, todos os documentos reunidos.
- 2015, 27 de março - Abertura solene, em Roma, do Processo de Beatificação do Fundador das Irmãs e Missionários de São João Baptista.



Moradas das comunidades

EM PORTUGAL

Casa da Rainha do Mundo

Rua Nossa Senhora Rainha
6290-337 Gouveia
Tel. 238 492 170 – Fax: 238 491 952
casarainha.mundo@sapo.pt
irmas.sjbaptista@sapo.pt
sjbaptista.provincia@gmail.com

Comunidade da Malhada Sorda

Centro Bem Estar Social
Rua D. Conceição Borregana
6355-080 Malhada Sorda
Tel. 271 566 138 – Fax: 271 566 969
cbesocial@sapo.pt

Comunidade do Seminário

Escola Apostólica de Cristo Rei
6290-315 Gouveia
Tel. 238 490 160
Fax: 238 490 169

Fundação a “Nossa Casa”

Largo D. Zulmira Belino
6290-527 Gouveia
Tel. 238 492 379 – Fax: 238 491 952
fundacaoanossacasa@mail.telepac.pt



Comunidade de Torres Novas

Lar Dr. Carlos Azevedo Mendes
Rua Dr. Vicente Sousa Vinagre
2350-803 Torres Novas
Tel. 249 824 459
irmas.sjoabaptista@gmail.com

Comunidade de Viseu

Rua Senhora do Postigo
Edifício S. Lázaro, 3º E
3500-200 Viseu
Tel. 232 426 421
irmas.joaobaptista@gmail.com

Comunidade de Lisboa

Centro Padre João Maria Haw
Rua Ginestal Machado, Lote 7
1600-120 Lisboa
Tel. 217 262 528

EM MOÇAMBIQUE

Comunidade da Casa Regional

Caixa Postal 547
NAMPULA
Tel. 00 258 26213902
isjb.regiao@teledata.mz

Comunidade de Ribaué

Caixa postal 547
NAMPULA
Tel. 00 258 26820005
fatimabacar@gmail.com

Comunidade do Gilé

Caixa postal 547
NAMPULA
Tel. 00 258 827309242
minimolalex12@gmail.com

Índice

Prefácio	3
Nascimento e infância. Ambiente religioso da época	5
No Seminário. A caminho do sacerdócio.....	11
Coadjutor. Vigário Paroquial. Pároco	15
Em luta contra o alcoolismo.....	23
Retiros e cursos de formação.....	35
A União de S. João.....	39
O Fundador e os seus filhos	47
O Casal Hilpisch. Apostolado da imprensa	53
Os mais pobres dos pobres	59
O Padre João Maria Haw e os seus doentes.....	67
Adoração perpétua. Amor a Jesus Sacramentado. Cristo Rei ..	71
A formação dos futuros missionários. Leutesdorf e Mainz	79
Confiança inabalável em Deus	83
Império nazi. Guerra e destruição.....	89
O Padre João na provação.....	95
Cartas do exílio.....	103
Reconstrução. Nova vida, novas tarefas	119
Devoção Mariana.	
Os santos na vida do Padre João Maria Haw.....	125
O Padre João Maria Haw, homem sábio e prudente	131
Uma paz que nada podia perturbar... ..	135
Alma de apóstolo	139
Perfil espiritual. Luta pela perfeição.	
Vida de intimidade com Deus.....	143

Ao encontro do Senhor. Última morada 147
Dados biográficos 155
Comunidades em Portugal e em Moçambique 157
Índice 159



